



Colegiado de Educação Física

Felipe Quintão de Almeida

MEMORIAL ACADÊMICO PARA PROFESSOR TITULAR

Petrolina, maio de 2026



Colegiado de Educação Física

Felipe Quintão de Almeida

MEMORIAL ACADÊMICO PARA PROFESSOR TITULAR

Memorial apresentado à Comissão Especial para avaliação de desempenho, como requisito obrigatório para obtenção de acesso à Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior.

Aprovado em 11 de maio de 2026. Comissão Especial (CES):

Valter Bracht

(Universidade Federal do Espírito-Santo)

Presidente

Alexandre Fernandez Vaz

(Universidade Federal de Santa Catarina)

Ivan Marcelo Gomes

(Universidade Federal do Espírito-Santo)

IDENTIFICAÇÃO DOCENTE

Felipe Quintão de Almeida Servidor com matrícula SIAPE: 1571862

Colegiado de Educação Física

Área/Subárea (CNPQ): Ciências da Saúde/Educação Física

Regime de Trabalho: 40 horas/Dedicação Exclusiva

Classe Nível D – Associado IV

Data da última progressão: 14/05/2024

Progressão pretendida: Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior

Memorial de Carreira do Magistério Superior, apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos para fins de promoção para a Classe D (Professor Titular), nos termos da Lei nº 12.772/2012 e da Resolução nº. 04/2024 do CONUNI/UNIVASF.

Lista de Figura

Figura 1 – Lembrança escolar.....	11
Figura 2 – Vista aérea do Colégio Marista.....	12
Figura 3 – Turma do sexto ano.....	12
Figura 4 – Verso da figura 3.....	13
Figura 5 – XII Conbrace.....	19
Figura 6 – Programação científica.....	20
Figura 7 – Primeiro trabalho apresentado.....	22
Figura 8 – Livro publicado.....	27
Figura 9 – Disquetes.....	27
Figura 10 – Foto em família.....	29
Figura 11 – Ata de reunião.....	38
Figura 12 – Material didático.....	40
Figura 13 – Folder de divulgação.....	41
Figura 14 – Ata de reunião.....	41
Figura 15 – Fascículo de Epistemologia.....	44
Figura 16 – Placa de homenagem.....	45
Figura 17 – Capa/Contracapa do livro.....	48
Figura 18 – Capa de livro de homenagem a Valter Bracht.....	52
Figura 19 – Mensagem de e-mail.....	56
Figura 20 – Mensagem de e-mail.....	56
Figura 21 – Mensagem de e-mail.....	56
Figura 22 – Capa do livro.....	59
Figura 23 – Material de divulgação do Seminário.....	60
Figura 24 – Capa do livro.....	61
Figura 25 – Imagem do Tartan Lodg hostel.....	63
Figura 26 – Mesa na Expomotricidad.....	64
Figura 27 – Folder de divulgação dos eventos.....	67
Figura 28 – Folder do evento.....	67
Figura 29 – Placas de reconhecimento e livros publicados.....	68
Figura 30 – Material de divulgação e livros publicados.....	69
Figura 31 – Folder de divulgação.....	71
Figura 32 – Contra capa da RBCE.....	73
Figura 33 – Editorial.....	74
Figura 34 – Portaria e Ata.....	78
Figura 35 – Folder de divulgação.....	80

Sumário

Introdução.....	08
Do futebol à Educação Física: redes tramadas na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).....	11
A pós-graduação na UFSC: novos encontros, novas parcerias.....	31
O retorno à casa: a docência universitária no CEFD/UFES.....	40
Palavras finais... Ou a espera de novos encontros.....	77
Referências.....	81
Anexos.....	98

A vida não é brincadeira, amigo. A vida é a arte do encontro. Embora haja tanto desencontro pela vida.
Vinícius de Moraes

A contingência da linguagem implica a contingência da consciência e, portanto, da identidade. Nosso vocabulário final é tanto produto dos acidentes de nossa formação quanto nosso próprio corpo.
Richard Rorty

Introdução

Começo meu “esboço de autoanálise” com Pierre Bourdieu, pois com ele aprendi que “[...] compreender é primeiro compreender o campo com o qual e contra o qual cada um se fez” (Bourdieu, 2002, p. 40). Minha história, neste memorial descritivo, é narrada desde a Educação Física, área acadêmico-profissional em que eu me fiz. Também com Bourdieu entendi que, nos campos, lutas diversas são travadas para que alguém possa falar e agir de maneira autorizada e com autoridade sobre um tema. O capital simbólico adquirido pressupõe “[...] deter o poder de reconhecer, consagrar, dizer com sucesso, o que merece ser conhecido e reconhecido” (Bourdieu, 2001, p. 296).

É certo que ninguém passa por esse processo, lento, rotineiro e trabalhoso, sozinho, de modo que os campos, além de sua dimensão agonística, também são lugares de encontros, muitos deles fortuitos, inesperados, contingentes, em que pessoas se conhecem, redes são tecidas e amizades são construídas. De acordo com Sirinelli (2003, p. 246), “[...] todo grupo de intelectuais organiza-se a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades, que alimentam o desejo e o gosto de conviver”. As parcerias entre colegas de universidade, portanto, derivam de experiências e das relações vividas em locais específicos, lugares e redes de sociabilidade através do tempo (Gontijo, 2005).

Meu memorial descritivo é organizado em torno desses encontros e dos atos que se ataram desde que me tornei estudante de um curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É, na verdade, o reconhecimento de que, sem esses encontros, sem a partilha da própria experiência de viver entre amigos, minha história, urdida com a ajuda deles, poderia ter sido diferente. Ultimamente gosto de me referir a mim mesmo, em tom de brincadeira, obviamente, como um “burro com sorte”,¹ mas com bons amigos, sem os quais a trajetória descrita neste relatório não seria possível.

E, por falar na sorte, esse memorial, de igual maneira, pressupõe que meu modo de coexistência não seguiu um plano meticulosamente definido de antemão, mas reconhece que uma vida (pessoal/profissional) é cheia de riscos, contingências e, mesmo, dependente de alguma dose de sorte, pois, no seu transcurso, você faz escolhas, nem sempre seguras, que determinam seu “sendo”. Não quero afirmar, com isso, que tudo foi devir, acaso ou que não

¹ Utilizo essa expressão inspirado no “causo” que a origina, narrado pelo ex-treinador de futebol Levir Culpi (Culpi, 2014). Às vezes, a sorte pode definir uma partida de futebol (e muitas jogadas na sua vida).

“projetei” uma trajetória,² mas é imperioso reconhecer que “tudo poderia ser diferente” se eu tivesse tomado outras decisões em vez das que elegi.

Considerando esses pressupostos iniciais, minha narrativa, neste memorial, é construída em torno dos “encontros” com quatro pessoas que conheci na vida universitária: Valter Bracht, Alexandre Fernandez Vaz, Ivan Marcelo Gomes e Karen Lorena Gil Eusse. Cada um deles entrou em minha vida em momentos diferentes, mas com impactos importantes nas minhas escolhas profissionais e pessoais. Não significa, decerto, que eles foram os únicos, mas avalio como os mais representativos quando considero a atividade de pesquisa que desenvolvi na Universidade.³

Em meu testemunho autobiográfico, pessoal e profissional se misturam, o que não julgo como um problema, pois aprendi que, na docência, professor também é pessoa. No meu exercício de “escrita de si”, a narrativa

[...] reúne, organiza e trata de modo temático os acontecimentos da existência; dá sentido a um vivido multiforme, heterogêneo, polissêmico. É a narrativa que designa os papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles. É a narrativa que constrói entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, relações de causa, de meio, de fim; que polariza as linhas de nossos argumentos entre um começo e um fim e os atrai para sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos nos encadeamentos acabados; que compõe uma totalidade significativa em que cada acontecimento encontra seu lugar de acordo com sua contribuição à realização da história contada. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida, é ela enfim que dá uma história à nossa vida: nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida (Delory-Momberger, 2006, p. 363).

Meu ser-professor é resultado da hibridização de tantas coisas que vivi, das pessoas que atravessaram e das identidades que assumi ao longo dessa jornada. São combinações, interações e orquestrações diversas que formam, constituem e fazem de mim o que venho sendo.

Meu memorial autobiográfico, “arte profissional de tecer uma figura pública de si” (Passey, 2008), baseou-se em dois grandes eixos: 1) o processo de formação intelectual; 2) e a inserção profissional no magistério. Experiências que incluem, obrigatoriamente, considerações sobre a vida familiar, a escolar e a profissional.

² Certa vez, meu amigo Jaison José Bassani me disse: “Felipe, você é uma seta!”. Isso me tocou profundo, pois demorei algum tempo para entender que a vida não é só uma reta, mas uma estrada com muitas curvas, declives, elevações, buracos etc.

³ Jaison estaria entre eles, não fosse o fato de nossa parceria pessoal/profissional não ter avançado no plano da investigação propriamente dita.

Para tanto, organizei meu relato autobiográfico em quatro seções. Na primeira, concentrei o olhar na minha história como estudante do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da UFES; na segunda, voltei minha atenção à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde cursei meu mestrado e doutorado; na terceira, regressei à UFES, agora na condição de professor efetivo da instituição; na última, faço um balanço do caminho recorrido, oportunidade para situar o leitor sobre onde agora me encontro: Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Nelas, o legente encontrará os quatro personagens antes mencionados exercendo sobre seus modos de ação sobre mim (um modo de governar minha conduta, segundo clássica definição foucaultiana).

Além de recorrer à minha memória, graças à qual pude atualizar impressões, fatos ou informações passadas, reconstruindo-os no presente, reuni “documentos biográficos” (Cruz, 2008) acumulados ao longo dos últimos vinte e cinco anos, o que inclui fotos, arquivos, correspondências, mensagens, anotações, entre outros. Mas também mobilizei documentos institucionais, como atas, portarias e cartas. Este material revela ligações institucionais fomentadas, relações de amizades, opções intelectuais e os gostos cultivados. Com ele, retomei pormenores e alguns detalhes que podem ser considerados sem relevância ou até mesmo triviais, mas que aqui são utilizados para compreender experiências significativas na minha caminhada. Neste processo, que é feito das escolhas que compuseram meu discurso, que exhibe o que penso, o que quero enfatizar ou esconder, memória individual e coletiva se complementam e interpõem-se na constituição de minha própria identidade pessoal/professoral.

Espero, com essa estratégia metodológica, contemplar o que estabelece a Resolução 04/2024 sobre os critérios de avaliação do desempenho profissional dos docentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); mais precisamente o que dispõe seus artigos quatro e dez, que versam sobre as atividades de ensino, de pesquisa, de extensão, de gestão acadêmica e de produção artístico-cultural desenvolvidas por mim no exercício do cargo.

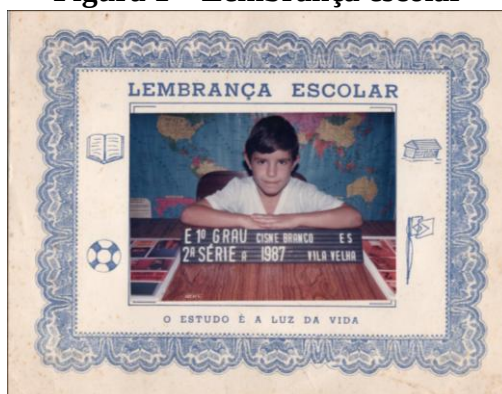
Desejo aos que me acompanharão uma ótima leitura.

Do futebol à Educação Física: redes tramadas na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Vários estudos demonstram que são distintas as razões pelas quais alguém se torna um professor. No meu caso, a opção pela docência na Educação Física é consequência, fundamentalmente, de dois aspectos pessoais. O primeiro deles relaciona-se à impossibilidade de realizar o sonho de muitos garotos brasileiros: “viver da bola”. Como resultado, a paixão pelo esporte, particularmente o futebol, colocou a escolha do curso de Educação Física como um caminho “natural” à falência daquele desejo. Afinal, era uma forma de permanecer, de alguma maneira, perto do futebol.

Meus pais, contudo, jamais concordaram com aquele sonho, de maneira que nunca me incentivaram a “apostar” na bola. Entre o “esclarecimento” e as “aventuras” no campo, eles sempre insistiram na necessidade de priorizar os estudos, pois essa seria a única “herança” que eles poderiam me oferecer. Não surpreende os incontáveis esforços financeiros de ambos (uma família de classe média moradora de um bairro periférico) para garantir que eu e meus dois irmãos, Fabricio e André, estudássemos nas melhores escolas da região,⁴ aposta considerada como atalho para o ingresso no ensino superior público brasileiro e, conseqüentemente, para a obtenção de uma carreira universitária. Salvo melhor juízo, meu irmão mais velho foi o primeiro da família a acessar o ensino superior público, sendo referência para mim e meu irmão caçula quanto a isso.

Figura 1 – Lembrança escolar



⁴ Assim como meus irmãos, sempre estudei em escolas particulares durante a escolarização básica (“Cisne Branco”, “Santa Terezinha”, “Marista” e “São José”). Essas duas últimas eram escolas vocacionais católicas.

Fonte: arquivo pessoal do autor

Figura 2 – Vista aérea do Colégio Marista



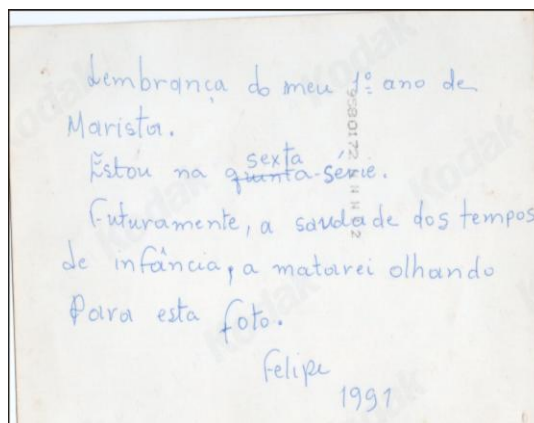
Fonte: arquivo pessoal do autor

Figura 3 – Turma do sexto ano



Fonte: arquivo pessoal do autor

Figura 4 – Verso da figura 3



Fonte: arquivo pessoal do autor

É importante dizer que meus pais, José Domingos e Maria Luzia, não tiveram essa oportunidade. Ele não precisou completar o “segundo grau” (atual Ensino Médio) para ingressar, e lá permanecer por 25 anos, como mecânico de trem da Companhia Vale do Rio Doce. No caso de minha mãe, ela não teve as condições objetivas para acessar a universidade e complementar sua formação de magistério, função que exerceu até se aposentar.

À época, não aceitei resignadamente a necessidade de priorizar os estudos à bola, mas, em retrospectiva, agradeço aos meus pais por sua insistência. Foi um juízo sábio. Aliás, essa experiência me ensinou a lidar com as expectativas que um dos meus próprios filhos, Matías, têm com o futebol, pois ele também anseia semelhante destino: “viver da bola”. É tremendamente fanático pelo Vasco, como eu era! Simón, meu outro “herdeiro”, ainda não expressou semelhante desígnio aos seis anos de idade e não tem a mesma relação com o jogo da bola nos pés. Também ainda tem dúvida se quer torcer pelo Vasco, que ultimamente não empolga a ninguém, ou pelo o Atlético Nacional da Colômbia, time de coração da mãe.

Muitos anos depois, na condição de estudante de Educação Física, aprendi que o processo de escolarização é tremendamente prejudicado pelo sonho da profissionalização precoce. Em vez de “educar”, o esporte pode, contrariando o senso popular, provocar importantes déficits na escolarização básica quando um adolescente tenta conciliar a escola com a vida de atleta (“dupla carreira”).⁵ Meus pais sabiam disso, mesmo sem conhecer suas causas. Também na universidade, aprendi ligeiro que “as crianças que praticam esporte

⁵ Aliás, a “dupla carreira” tornou-se um fecundo campo de pesquisa na Educação Física atual. Devo aos estudos pioneiros de Antônio Jorge Soares (Toni) uma aproximação a essa temática.

respeitam as regras do jogo... capitalista”. Faço referência ao conhecido texto do professor Bracht (2023), que li ainda no início da graduação.

Esta aprendizagem, alimentada por mais literatura avidamente consumida na formação inicial, alterou minha relação com o fenômeno esportivo, que se tornou, por assim dizer, mais “morna”, menos “apaixonada” e “intensa”, pois experimentou um processo de “racionalização”, na falta de uma expressão melhor. Responsabilidade da teoria crítica do esporte, se me permitem uma brincadeira. É bem verdade que não reagi como o estudante descrito por José Devis Devis e Andrew Sparkes (Sparkes; Devis-Devis, 2001)⁶ quando leu as ácidas críticas ao esporte no livro de Jean Marie Brohm intitulado “Deporte, cultura y represión”, mas deixei de ser aquele louco por “futebol”, devoto e devorador do jogo mais apaixonante do planeta. Na relação com o jogo, prevalece, agora, o comedimento, a análise e o prazer de apreciar um belo espetáculo esportivo.

Antes dessa transformação identitária, contudo, foram muitas horas dedicadas à rua, ao campo, às quadras e à televisão, jogando e assistindo aos campeonatos disponíveis na TV aberta (lembro-me bem de acompanhar o campeonato italiano no final dos anos 1980, na inconfundível voz de Silvio Luiz, na Band; da narração criativa de Januário de Oliveira nos jogos do campeonato carioca; das Copas de 1990 e 1994 narradas por Galvão Bueno etc.). O que dizer, além disso, das equipes do Vasco da Gama no final dos anos 1980? Bismarck, Romário, Bebeto, Acácio, Roberto Dinamite, próximo à aposentadoria, e tantos outros atletas geniais que alimentaram minha paixão.⁷

Poucos estão informados, na minha carreira profissional, dessa faceta. Seguramente meus colegas não me conhecem por isso nos campi universitários. Nos últimos anos, em parte pela paternidade, em parte pela maturidade adquirida, estou em processo de reconciliação com o esporte e com aquele antigo torcedor do Vasco que ainda habita em mim. Voltei, inclusive, a jogar futebol semanalmente, neste momento, acompanhado por Matías no “baba” de “pais e filhos” do condomínio onde vivo (ainda resisto, apesar dos insistentes pedidos, aos jogos “FIFA” no *Playstation*). A corrida, um *hobby* ainda dos tempos de bairro, regressou timidamente durante a vida universitária e hoje ocupa um lugar destacado na minha vida.

⁶ Valter discutiu o capítulo “La crisis de identidad de un estudiante universitario de Educación Física: un estudio biográfico” (Sparkes; Devis-Devis, 2001) na disciplina “Educação Física escolar III”, no final do curso de graduação.

⁷ Escrevi sobre meu sentimento esportivo, especialmente pelo Vasco, em um livro organizado por Jaison José Bassani e Ana Cristina Richter (Bassani; Richter, 2020), dois estimados amigos de minha travessia profissional.

A atração pelo esporte, portanto, é um dos aspectos que explica minha eleição pela Educação Física. Meu caso, como literatura demonstra (Figueiredo, 2008; Gomes; Silva; Anacleto, 2022), é similar ao de muitos outros aspirantes à profissão. Além daquele fascínio, o gosto pela escola (não necessariamente pelos estudos, é importante registrar) também cumpriu um papel relevante na definição da ocupação. De um lado, graças ao fato de que minha mãe e sua irmã eram docentes. Tenho viva na memória as incontáveis vezes em que, ao término de minha manhã letiva, acompanhei meu pai até a instituição onde minha mãe lecionava no centro de Vila Velha, oportunidade para conviver com aquele seu universo profissional que se espraiava pela casa onde ela criou a mim e a meus irmãos. De outro lado, as aulas de Educação Física escolar, mas também o esporte escolar (especialmente o futebol de salão), tiveram sua influência, ainda que concebidos a partir de uma “forma” que, fui descobrir na universidade, há muito era questionada. Aliás, em todas as instituições educativas em que estudei, a Educação Física estava baseada na mesma tradição físico-esportivista. Essa foi, portanto, a referência do componente curricular com que eu cheguei à universidade e que foi, felizmente, desconstruída na formação inicial.

E por falar na universidade, essa instituição teve um peso central na minha constituição, pois representou uma profunda ruptura identitária. Um momento de significativa transformação sobre meu lugar e posicionamento (político, religioso etc.) no mundo. Se é correto afirmar que ela transforma, sou mais um exemplo da mutação que ela pode provocar na vida de um estudante universitário que está predisposto às descobertas; que levou, hoje avalio, muito a sério a obstinação do conhecimento anunciada por Michel Foucault na “História da sexualidade I”: do que valeria a vontade de saber se garantisse, apenas, o acúmulo do conhecimento e não, de certo modo, o desconhecimento daquele que conhece (Foucault, 1988)? “Perder-se para encontrar-se” foi um princípio que, talvez não de maneira consciente na travessia, tomei muito seriamente em minha trajetória. Quero, doravante, contar alguns acontecimentos determinantes de minha primeira experiência na vida universitária.

Quando prestei o vestibular, fui aprovado em duas instituições. Na Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Minas Gerais, e na UFES. A opção por Vitória não se baseou no conhecimento prévio da matriz curricular dos cursos, mas esteve relacionada à possibilidade de permanecer morando na cidade, ao “lado” da família. Além disso, meu irmão mais novo, também aprovado na UFES e na UFV, optou pela Universidade capixaba, o que se

configurou como uma razão a mais para ficar. A ida a Viçosa, concluiu diacronicamente, iria me levar a outro desenvolvimento profissional.

Apesar de viver em Vila Velha, cidade vizinha à da sede central da UFES, jamais tinha ido à instituição. Não consigo entender a razão disso, especialmente porque meu irmão mais velho já era estudante do curso de Engenharia da UFES. Considerando minhas experiências sociocorporais prévias, entrei no curso em 2000⁸ com o desejo, comum a muitos, de trabalhar como treinador. Inicialmente, de futebol/futsal, mas, depois, vi no atletismo (particularmente nas corridas) uma possibilidade de atuação profissional. Como forma de me aproximar desses universos, ainda no início da graduação, realizei o curso de arbitragem das Federações de Futsal e de Atletismo. Nesse contexto, cheguei a atuar como árbitro em eventos locais e regionais. Tinha um colega de sala (Washington Luiz de Oliveira Mattos) que há muito era árbitro e abriu as portas para mim e outros companheiros da turma. No caso do futsal, a decepção com a “política interna” me fez desistir da empreitada logo após o término da formação recebida em sua Federação.

A essas experiências com os referidos esportes devo acrescentar a decisão, tomada com meu amigo e compadre Mauro Sérgio da Silva, de ingressar precocemente na docência escolar, ainda no primeiro período da faculdade. Fomos à Superintendência de ensino da Rede Estadual em busca de emprego na área. Não havia, na ocasião, vaga para docente de Educação Física, mas nos aceitaram para atuar como professor de “ciências” para turmas de quinta ao oitavo ano na escola “Geraldo Costa Alves”, localizada no bairro Boa Vista, em Vila Velha. Trabalhei com Mauro, nessa instituição, durante todo o primeiro ano da formação.⁹

A despeito do fato de não ministrar, no “Geraldo”, aulas de Educação Física, o interesse pela docência escolar tornou-se candente a partir de então. Essa vontade se confirmou com a designação temporária, no primeiro semestre de 2001, para professor de Educação Física na escola “Polivalente” de Campo Grande, no bairro Cariacica. Recordo-me

⁸ A entrada na Educação Física coincidiu com minha saída do curso técnico em “Meio Ambiente” do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), atual Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), faltando apenas 6 meses para concluir a formação. Apesar de recordar com muito carinho essa experiência educativa, não tinha a expectativa de atuar naquela área. Meus pais resistiram inicialmente, mas depois me apoiaram na decisão, que foi acertada.

⁹ Mauro recentemente concluiu seu doutorado sob minha orientação e a de Lúcio Martinez Alvarez, que o recebeu para um doutorado sanduíche na “Universidad de Valladolid”, Espanha. Após muitos anos afastados um do outro, encontrei-me com Mauro novamente no Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da UFES. Um docente comprometido com uma Educação Física transformadora no ensino público.

de ter iniciado essa experiência nas primeiras semanas de 2001, mas o início do semestre no CEFD/UFES alterou radicalmente meus planos de seguir como docente naquela instituição.

Antes de explicar isso, é importante dizer que as experiências descritas nos últimos parágrafos foram vividas em um curso com uma consolidada tradição na formação de professores de Educação Física para atuar no contexto escolar.¹⁰ Desse modo, sua matriz curricular, bem como uma parte considerável do seu corpo docente, tinha essa compreensão na definição da identidade acadêmico-profissional da Educação Física. O primeiro ano do currículo estava organizado em torno de disciplinas básicas das Ciências Sociais e Humanas (introdução à Filosofia, à Sociologia, à Antropologia etc.) e das Ciências da Natureza (Fisiologia do Exercício, Biomecânica, Fisiologia Humana etc.). Em função dessa estrutura curricular, quase não tive contato com os professores do CEFD, que somente entravam efetivamente no curso a partir do terceiro semestre. Como consequência, eu e meus colegas estávamos distantes das problemáticas próprias da disciplina. Eu estudei “idealismo alemão” (Kant, Fichte, Schelling) e os clássicos da Pedagogia (Freire, Saviani), da Sociologia (Durkheim, Marx, Weber), da Psicologia (Piaget, Vigotsky) e da Antropologia (Lévi-Strauss, Malinowski); aprendi sobre Fisiologia e Biologia, mas era um ensino desconectado da especificidade da Educação Física. Esse “arranjo” curricular, decerto, era um dos problemas daquela licenciatura, mas, ao mesmo tempo, fez muito bem para mim, pois oferecia uma “formação ampliada” nas “áreas mãe”.

Também vale a pena dizer que entrei no CEFD/UFES em um momento político bastante conturbado. Além das celeumas envolvendo diferentes compreensões da área, que opôs a turma da “biologia” da tribo da “cultura”, havia disputas internas entre eles. Essas divergências, depois aprendi que corriqueiras no ambiente universitário, vieram à tona na eleição para diretor do Centro nos anos 2000. Havia dois “projetos em disputa”: um que representava, por assim dizer, o “novo” na Educação Física; e outro que significava a permanência na “tradição”.

Não quero me alongar nas histórias vividas nesse ambiente “carregado”, mas me lembro de que foi por conta da disputa eleitoral que conheci, pela primeira vez, docentes que, depois, seriam importantes na minha trajetória. Recordo-me, inclusive, do dia em que Valter Bracht, José Cristofari Frade, Ricardo Lucena e Francisco Eduardo Caparroz estiveram na minha sala de aula para divulgar as propostas da chapa que se vinculavam, que, na época, era

¹⁰ Este curso iniciou em 1931, conforme devidamente registrado na literatura da área (Figueiredo, 2016). Mais detalhes podem ser obtidos em: <<https://cemefec.org/linha-do-tempo-do-curso-de-educacao-fisica/>>.

“liderada” por Valter e Ricardo. Aliás, chamou-me a atenção o sotaque de Valter, pois eu não estava acostumado com a pronúncia paranaense. Essa chapa perdeu a eleição, o que resultou em um quadriênio (2000-2004) bastante difícil no plano político-administrativo-acadêmico para o CEFD/UFES. Nesse quadriênio, por exemplo, não avançou o desejo de se abrir um programa de pós-graduação *stricto-sensu* no CEFD, cujas condições objetivas só se colocaram na gestão seguinte, de Amarílio Ferreira Neto.

Apesar disso, o terceiro semestre (2001/1) na instituição foi o disruptivo do ponto de vista biográfico-formativo. Sem rodeios, foi nele que me encontrei com Valter Bracht na disciplina de “Introdução à Pesquisa”. Doravante tudo mudou. Valter “cuidou” de mim de um modo muito afetuoso; adotou-me, por assim dizer. Aliás, com o tempo, meus colegas da graduação se referiam a mim como o “filho do Valter” (ou simplesmente Valtinho!). Maior motivo de orgulho não havia, obviamente, e eu procurei fazer jus a esse “título”. Valter abriu todas as portas da Universidade, da Educação Física e da sua família para que eu pudesse entrar. Generosidade é uma das suas múltiplas qualidades como ser humano e eu a conheço bem a partir da relação que estabelecemos desde então.

A atuação na disciplina¹¹ resultou em um convite para participar do Laboratório de Estudos da Educação Física (LESEF),¹² coordenado por ele e frequentado por docentes que defendiam uma Educação Física “renovada”, como Fernanda Simone Lopes de Paiva, Francisco Eduardo Caparroz, Sandra Soares Della Fonte, Ricardo Lucena, entre outros. Diante dessas novas circunstâncias, rapidamente declinei do plano inicial de seguir atuando como docente contratado na rede de ensino para dedicar-me, “full time”, à minha formação. Foi, por assim dizer, o começo de um novo sonho.

Recordo-me bem do meu primeiro dia no LESEF. Valter me convocou para o encontro, cujo propósito era discutir o texto de André Chervel (1990) “A história das disciplinas escolares: reflexões sobre um domínio de pesquisa”. Estava ansioso, pois era muito tímido e não gostava de expressar-me publicamente (ainda hoje não me sinto confortável). Esperei, sentado na escada ao lado da porta, a chegada do Valter. “Entrei mudo e sai calado”, pois muito envergonhado. Estavam na reunião, salvo melhor juízo, Sabrina

¹¹ Lembro-me de escrever, assim como meus demais colegas, um projeto de pesquisa como pré-requisito da disciplina. Também me recordo das seguidas vezes em que bati na sala de Valter solicitando orientação para a tarefa. Ele, por sua vez, sempre me atendeu com cordialidade, paciência e atenção.

¹² O LESEF, criado no ano de 1996, foi concebido como um núcleo interdisciplinar de pesquisa cujo principal objetivo era fornecer elementos para a compreensão e fundamentação de uma teoria pedagógica da Educação Física como disciplina escolar em uma perspectiva crítica.

Poloni Garcia e Ana Flávia Sofiste, duas bolsistas do grupo naquele momento. Valter iniciava a pesquisa “Itinerários da Educação Física na escola: o caso do Colégio Estadual do Espírito Santo”.

Atuei como voluntário, iniciando minha atividade de “pesquisador” em uma investigação de caráter histórico. Das reuniões dessa pesquisa, marcou-me muito a discussão da tese de doutorado de Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2001), oportunidade para conhecer a interpretação de Valter a respeito de um trabalho que fez uma contundente crítica ao “movimento renovador” da Educação Física brasileira. Sem deixar de reconhecer os limites do movimento de que ele próprio fez parte, Valter também apontou suas divergências em relação à tese de Taborda. Com o tempo e o aumento progressivo das leituras, dei-me conta de que Valter era diferente dos demais de sua geração. Aliás, a conclusão similar à de Vaz (2023). Além disso, passei a admirar sua capacidade de “pensar” o campo e seu compromisso (político) com a Educação Física escolar.

Ainda em 2001, dois fatos importantes aconteceram. No segundo semestre, iniciei a atividade de monitoria do Valter em “Introdução à Pesquisa”, exercendo essa função por mais dois semestres (o que me garantiu uma renda mínima e a possibilidade de dedicação integral ao curso, ao LESEF e à UFES). Ainda naquele ano, foi realizado o “XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte”, em Caxambu, organizado pelo “Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte” (CBCE). Estou na foto abaixo, em frente ao Hotel Glória, sede do evento.

Figura 5 – XII Conbrace



Fonte: arquivo pessoal do autor

Além das palestras e das mesas redondas, acompanhei as discussões no Grupo de Trabalho Epistemologia e participei do seminário “Perspectivas dos estudos sobre os fundamentos epistemológicos da Educação Física”, ofertado por Paulo Tiellet, da Unijuí.

Figura 6 – Programação científica

PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA	
Conferência de Abertura Sociedade, Ciência e Ética: Desafios para a Educação Brasileira Conferencista: Roberto Romano (Unicamp) Mesas Redondas 1. A Prática Pedagógica da Educação Física nos Tempos e Espaços Sociais Coordenador: José Angelo Gariglio (UFMG) Palestrantes: José Carlos Libâneo (UEG) e Marcelo Souza Junior (UPE) 2. Educação Física e Mundo do Trabalho Coordenadora: Cristiane Ker de Melo (UFSC) Palestrantes: Christiane L. G. Wernick (UFMG) e Ricardo Antunes (Unicamp) 3. Educação Física e Saúde: Retenção e Perspectiva Coordenador: Darragnan Páez Guedes (BRL) Palestrantes: Alfrédre Palma (UGF) e Yara Maria de Carvalho (USP) 4. Política de Formação Profissional e Educação Física Coordenador: Roberto Pires (Unicamp) Palestrantes: Celi N. Z. Taffarel (UFBA) e Francesc Imbernón Muñoz (Univ. Barcelona/Espanha) 5. "Nação Olímpica": Desafios Éticos para a Educação Física Coordenador: José Ribamar Sene Filho (UERJ) Palestrantes: Lars Graef (SNE/MET) e Miguel Cornejo (Univ. Concepción/Chile) 6. Infância no Brasil: Questões para a Educação Física Coordenadora: Melly Assis Unhaes (UFMG) Palestrantes: Mauricio Roberto da Silva (UFSC) e Miguel Arroyo (UFMG) Seminários Introdutório (I) e de Aprofundamento (A) 1. Tendências da Pesquisa Histórica em Educação Física e Esporte no Brasil (I) Ministrante: Ricardo Lucena (UFES) 2. Tendências da Pesq. em Políticas de Ed. Física, Esporte e Lazer no Brasil (I) Ministrante: Roberto Lião (SE/DF) 3. Tendências da Pesq. em Políticas de Ed. Física, Esporte e Lazer no Brasil (A) Ministrante: Marco Paulo Stogger (UFRRS) 4. Perspectivas da Formação Profissional na Educação Física Brasileira (I) Ministrante: Celi N. Z. Taffarel (UFBA) 5. Perspectivas da Pós-Graduação na Educação Física Brasileira (I) Ministrante: Rossana Valéria Sousa e Silva (UFU) 6. Perspectivas da Pós-Graduação na Educação Física Brasileira (A) Ministrante: Vicente Molina (UFRRS) 7. Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais: Tendências da Pesquisa na Educação Física Brasileira (I) Ministrante: Flávia Faissal de Souza (Mestranda/Unicamp) 8. Esporte e Mídia: Possibilidades de Análise pela Educação Física Brasileira (I) Ministrante: Paulo Trindade Nerys Silva (UFMA) 9. Esporte e Mídia: Possibilidades de Análise pela Educação Física Brasileira (A) Ministrante: Giovanni de Lorenti Pires (UFSC) 10. Perspectivas dos Estudos sobre os Fundamentos Epistemológicos da Educação Física (I) Ministrante: Homero Luis Alves de Lima (Doutorando/UFPE) 11. Perspectivas dos Estudos sobre os Fundamentos Epistemológicos da Educação Física (A) Ministrante: Paulo Tietel (Unicamp) 12. Perspectivas do Movimento Estudantil na Educação Física Brasileira (I) Ministrantes: Marcelo "Russo" Ferreira (Mestrando/UFPE) e Matheus Camargo Pereira (Graduando/Unicamp) 13. Lazer e Trabalho: Perspectivas de Estudo no Campo da Educação Física Brasileira (I) Ministrante: Elizara Carolina Marin (UFSCar) 14. Lazer e Trabalho: Perspectivas de Estudo no Campo da Educação Física Brasileira (A) Ministrante: Fernando Mascarenhas (UFSC) 15. Estudos da Manifestação Cultural Futebol pela Educação Física Brasileira (I) Ministrante: Luiz Carlos Rigo (UFPEL) 16. Perspectivas da Pesquisa em Teoria do Treinamento Esportivo na Educação Física Brasileira (A) Ministrante: Francisco Martins da Silva (UFPA) 17. Perspectivas da Educação/Educação Física Escolar Brasileiras (I) Ministrante: José Angelo Gariglio (UFMG) 18. Perspectivas da Educação/Educação Física Escolar (A) Ministrante: Francesc Imbernón Muñoz (Univ. Barcelona/Espanha) 19. Perfis Regulamentados no Brasil: Limites e Perspectivas (I) Ministrante: Diná Teresa Ramos de Oliveira (UNICEL) 20. Perspectivas dos Estudos Sociológicos sobre o Esporte no Campo da Educação Física (A) Ministrante: Miguel Cornejo (Univ. Concepción/Chile)	

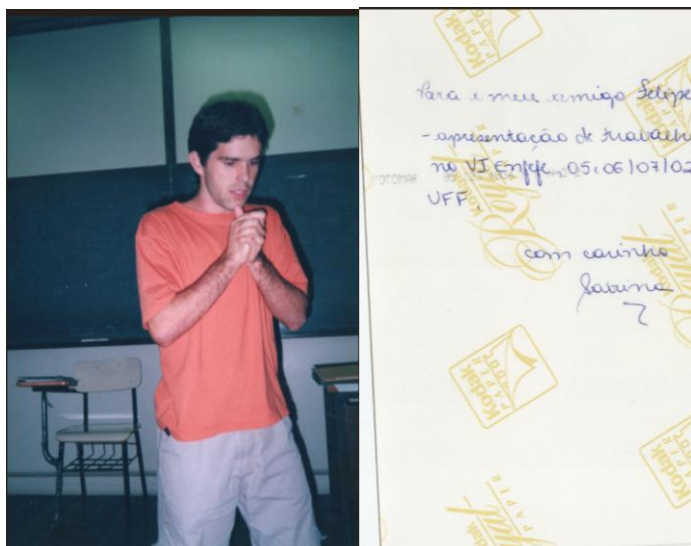
Fonte: arquivo pessoal do autor

Lembro-me de comprar vários livros no Congresso. Entre eles, a obra “A Educação Física na crise da modernidade”, de Paulo Fensterseifer (Fensterseifer, 2001). Junto a “Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz” (Bracht, 1999), foi um livro muito importante naquele momento de descobertas. Também me lembro de um encontro casual com Valter, nos corredores do “Hotel Glória”, onde ocorria o evento. Externei a ele minha alegria de encontrar a autora da dissertação que estava lendo naquele momento. Tratava-se de Dirce Maria Correia da Silva, então professora da Universidade de Vila Velha (UVV). Recordo-me do sorriso de Valter quando o contei. Viajei até outro estado para encontrar uma professora que atuava em minha própria cidade, o que revela o “poder” dos congressos como um lugar de encontro. Após participar das atividades desse evento, tornou-se mais do que claro qual caminho seguir na Educação Física.

No ano de 2002, Valter enviou a comunicação oral “Educação Física escolar e o programa esporte na escola: possibilidades legitimadoras de um componente curricular” para o “VI Encontro fluminense de Educação Física escolar” (EnFEFE). Esse encontro foi especial por ser a primeira vez em que viajaria ao Rio de Janeiro (na verdade, Niterói). Lembro-me de ter tomado um comprimido de “Dramin” na viagem noturna de ônibus, o que me deixou

lesado pelos dois dias seguintes. Nessa ocasião, Valter foi muito generoso comigo ao sugerir, na reunião do grupo, que aquele trabalho coletivo deveria ser apresentado por mim. Foi minha primeira apresentação de comunicação oral. Imaginem a responsabilidade... Eu, tímido, com dificuldades de me expressar em público, apresentar um texto assinado com o Valter. Lembro-me bem desse dia... Eu suando, a sala lotada, todos com a expectativa de encontrar o “alemão”, mas lá estava eu. Foi, sem dúvida, uma experiência formativa marcante. Uma amiga do grupo que foi a Niterói tirou a foto da apresentação, que se encontra abaixo reproduzida.¹³

Figura 7 – Primeiro trabalho apresentado



Fonte: arquivo pessoal do autor

Uma versão modificada e ampliada desse mesmo trabalho foi também publicada nos anais do “I Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte do Espírito Santo”, realizado em uma faculdade particular localizada em Santa Tereza, interior do Espírito Santo.

Paralelo aos textos coletivos, procurava desenvolver minha escrita acadêmica. Isso possibilitou, ainda naquele mesmo ano, a apresentação de mais dois trabalhos naquele “I Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte do Espírito Santo”: 1) “O esporte no colégio estadual do Espírito Santo na década de 70: entre a reprodução e a produção de uma cultura escolar do esporte”, derivado do meu envolvimento na pesquisa sobre o Colégio

¹³ Álvaro Rego Millen Neto me disse recentemente que esteve nessa sala. Quem imaginaria que hoje desfrutaria de sua amizade e do trabalho compartilhado no colegiado da UNIVASF? Pura contingência da vida.

Estadual; 2) “Grupo de trabalho em epistemologia da Educação Física no Espírito Santo: primeiras aproximações”, resultado de minha participação nas discussões do Grupo de Trabalho de Epistemologia, mantido, no Espírito Santo, pela Secretaria Estadual do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Todos esses textos foram publicados na íntegra nos anais do referido evento.

Alguns meses depois, Valter, que era bolsista de produtividade do CNPq, disse-me que iria indicar meu nome para uma bolsa de iniciação científica (na modalidade balcão) com prazo de dois anos (agosto de 2022 a agosto de 2024), no valor, salvo engano, de 240,00 reais. O projeto foi aprovado pelo CNPq, de maneira que tive a oportunidade para colaborar com ele na investigação “A Educação Física como componente curricular e o discurso legitimador”, novamente uma pesquisa que tinha um dos seus pés fincados na história da disciplina, ainda que seu objetivo central fosse discutir a Educação Física do “presente” (o que ela foi e o que ela poderia ser). A bolsa garantiu minha dedicação integral à atividade da pesquisa pelo restante da graduação, que terminaria três meses depois da bolsa ter chegado ao fim. A proposta de trabalho nessa pesquisa era basicamente: 1) identificar o discurso legitimador construído pela Educação Física para afirmar-se no currículo escolar no Brasil; b) analisar os elementos macrossociais que influenciaram a construção das condições de possibilidade de tal discurso, favorecendo sua aceitação social; 3) analisar em que medida as mudanças macrossociais desgastaram o discurso original construído pela Educação Física e estariam a exigir sua reconstrução.

Minhas atribuições estavam relacionadas à leitura do “Catálogo de Periódicos de Educação Física e Esporte” (1930-2000) (Ferreira Neto, 2002), identificando pelo título os artigos passíveis de análise. Localização das fontes, leitura visando à seleção definitiva dos textos a serem analisados e resenha de seus conteúdos para a construção de um relatório seriam também atividades realizadas. A “empíria” acumulada nessa pesquisa foi retomada por Valter, anos depois, nas análises do seu livro “A Educação Física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser (elementos de uma teoria pedagógica para a educação física)” (Bracht, 2019), o que, obviamente, encheu-me de orgulho.

Outra experiência marcante, com reflexos na minha futura atividade de pesquisa como docente da UFES, foi o seminário bilateral Brasil-Argentina organizado por Valter, entre os dias 23 a 27 de setembro de 2002, que reuniu pesquisadores brasileiros e argentinos.¹⁴ O

¹⁴ O segundo encontro foi na Universidade Nacional de La Plata, de 25 a 29 de novembro do referido ano.

resultado mais concreto desse seminário, patrocinado pelo Programa sul-americano de apoio a atividades de cooperação em C&T do Brasil com países de América do Sul (PROSUL/CNPq), foi o livro organizado por Valter Bracht e Ricardo Crisório denominado “A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidades, desafios e perspectivas”, publicado pela Autores Associados (Bracht; Crisório, 2003) no Brasil e pela editora Al Margen, de La Plata. Embora muitos conheçam o livro, poucos tiveram, como eu e os demais bolsistas do LESEF, o privilégio de acompanhar e viver, *in loco*, essa experiência acadêmica. Vocês seguramente imaginam o que isso significou para um estudante em formação. O contato com pesquisadores de outro país, a relação com uma nova língua, com um campo acadêmico distinto, em síntese, com um novo mundo; sem falar da presença de outras importantes referências da Educação Física nacional, então participantes do seminário Brasil-Argentina.

Pessoalmente a semana do seminário também foi importante, pois me encontraria com outra referência central na minha trajetória. Refiro-me a Alexandre Fernandez Vaz. Segundo os planos de Valter, que “sem pensar” acatei, eu iria fazer o mestrado com Alexandre em Florianópolis. Utilizando um bordão corrente à época, Valter assim se referiu a ele: “este aí tem ‘café no bule’, Felipe, e você vai estudar com ele”. Valter, novamente, estava certo. Alex tinha muito “café no bule”, de modo que foi enriquecedor para a minha formação pessoal/profissional mudar-se de Vitória para Floripa a fim de realizar a pós-graduação em outra área (Educação) e aprender “de perto” com o Alexandre. Meu futuro-novo supervisor, uma mescla de paulistano/florianopolitano/argentino/alemão, também foi decisivo na minha trajetória.

O supramencionado encontro ocorreu na casa do Valter e da Fernanda, em Manguinhos, no dia do churrasco de encerramento do seminário Brasil-Argentina. Lá, sentado na varanda dos anfitriões, conversei longamente com Alex sobre os planos de, ao me formar, prestar o processo seletivo na UFSC. Também falei com ele sobre o que eu estava estudando e quais as minhas pretensões de pesquisa no mestrado. Claro, Alex, “conversador” que é, contou de seus inúmeros projetos acadêmicos, o que me deixou positivamente impressionado. A capacidade de trabalho dele era de outro planeta (segue sendo!). Desde esse encontro, iniciei, por e-mail, um diálogo com ele, que sempre foi muito gentil e atento às minhas demandas (em meio às suas múltiplas).

O ano de 2003 não foi menos intenso do que o anterior. A pesquisa a que estava vinculado como bolsista, as atividades da graduação, as tarefas diárias do laboratório, mais o

compromisso político assumido junto ao Diretório Acadêmico do CEFD/UFES, do qual fui presidente na gestão de 2003-2004. A presidência do “DA 26 de junho”, devo admitir, foi o mais próximo que eu cheguei, em toda minha trajetória, da política universitária. Avaliava que não tinha muito tempo a perder considerando aquilo que elegi como central: a pesquisa. Sabia que quanto mais tempo dedicasse aos estudos, ou seja, quanto tempo dedicado ao BCH!,¹⁵ maiores seriam as chances de logro universitário.

Apesar de muito envolvido com a investigação do discurso legitimador, desenvolvia outras reflexões paralelas a essa pesquisa. O resultado desse esforço deu origem ao texto apresentado no já citado Grupo de Trabalho Temático Epistemologia, só que, dessa vez, por ocasião do “XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte” (2003), realizado novamente na cidade de Caxambu e intitulado “Modernidade versus pós-modernidade: desafios para uma pedagogia crítica da Educação Física” (Almeida, 2003). Além dele, publiquei meu primeiro artigo com Valter na “Revista Brasileira de Ciências do Esporte” (Bracht; Almeida, 2003). Tenho viva em minha memória sua alegria quando o avisei, na sua sala, que a publicação tinha saído. Ele disse: “agora sim começamos, Felipe”.

Ainda nesse ano, enviei, sozinho ou com amigos, mais trabalhos para eventos: “A capoeira como conteúdo escolar: uma introdução à cultura afro-brasileira”, apresentado no “III Seminário Nacional Relações Raciais e Educação”, organizado pelo Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira (PENESB) e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF); “Educação Física e subjetividade: onde está o ‘sujeito’ dessa relação?”, apresentado na “I Jornada Científica Salesiana” do curso de Educação Física da referida Faculdade; também assinei com Valter e os demais colegas do grupo o texto “Itinerários da Educação Física na escola: o caso do colégio Estadual do Espírito Santo”, enviado ao “I Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte” e “XVI semana de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá”. O Valter, palestrante deste evento, apresentou o texto. Esse material foi retomado e mais bem desenvolvido, sendo publicado na revista “Movimento” (Bracht et al., 2005). Essa seria minha segunda publicação em uma revista da Educação Física, novamente com Valter.

No ano seguinte (2004), mantive a mesma rotina e o mesmo ritmo de trabalho, sempre que possível participando de eventos em âmbito nacional, regional ou mesmo local. Tive a oportunidade de publicar alguns textos completos e/ou resumos em anais dos eventos de que

¹⁵ Certa vez, Valter me falou sobre o coeficiente Bunda-Cadeira-Hora (BCH). O coeficiente de rendimento da universidade, expresso nos históricos escolares, seria consequência dele.

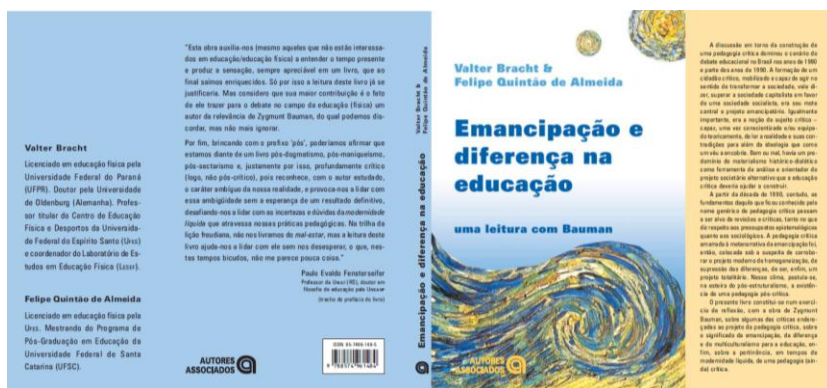
participei. Como exemplo disso, “O sujeito educacional em crise e a (re)descoberta do corpo: desafios à prática educacional”, apresentado no “XII Encontro de Didática e Prática de Ensino” (ENDIPE). Lembro com muito carinho desse evento, pois muitos lesefianos viajaram a Curitiba. Valter, que estava participando de uma mesa-redonda no encontro, nos conduziu pela cidade que um dia ele habitou. Além daquele texto, devo citar três em que o sociólogo Zygmunt Bauman já exercia sua influência sobre mim: “Os desafios pós-modernos ao campo da Educação (Física): uma reflexão à luz de Zygmunt Bauman”, apresentado no “II Simpósio de Pesquisa em Educação” realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo; “Notas para (re)pensar o pós-moderno na Educação Física: uma reflexão à luz de Zygmunt Bauman”, apresentado no “XXIII Simpósio Nacional de Educação Física e II Colóquio de Epistemologia do CBCE”, realizado na Universidade Federal de Pelotas (situação em que estive novamente em contato com Paulo Fensterseifer, que já era uma referência no debate epistemológico da Educação Física); e “Pós-modernidade e Educação: reflexões a partir da obra de Zygmunt Bauman”, comunicação oral apresentada no “II Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte no Espírito Santo”.¹⁶ Faço questão de mencionar os esforços de publicação deste período, pois eles são expressão desse meu desejo de construir uma carreira acadêmica. Olhando retrospectivamente, alguns temas aí abordados, como o corpo e a pedagogia crítica, seguem mobilizando meus interesses de pesquisa na atualidade.

O ano de 2004 também foi importante, pois minha bolsa de iniciação terminaria em agosto, tendo eu o compromisso de apresentar um relatório de pesquisa que indicasse o caminho nela percorrido. Uma versão simplificada dele foi apresentado na “XIV Jornada de Iniciação Científica da Universidade Federal do Espírito Santo”, cujo título levava o nome do projeto do qual fui bolsista: “A Educação Física como componente curricular e o discurso legitimador”. Paralelamente a essa construção, escrevia minha monografia de conclusão de curso, defendida em outubro daquele ano sob a orientação do Valter. A monografia foi intitulada “Pós-modernidade e Educação (Física): primeiras aproximações com a obra de Zygmunt Bauman” (Almeida, 2004) e a banca foi composta pelos professores Fernanda Paiva e Otávio Tavares, que depois se tornariam colegas queridos de Departamento. Foi um dia emocionante, com muito choro coletivo. O trabalho de conclusão de curso depois foi publicado como um livro (Bracht; Almeida, 2006). Além da capa da obra, reproduzo uma foto

¹⁶ Neste evento, tive duas experiências bem interessantes à minha formação: 1) atuei diretamente em sua organização; 2) fui coordenador das apresentações do Grupo de Trabalho Temático Epistemologia.

dos disquetes em que estavam salvos minha monografia e o livro, ambos identificados com a letra do Valter.

Figura 8 – Livro publicado



Fonte: arquivo pessoal do autor

Figura 9 – Disquetes



Fonte: arquivo pessoal do autor

Além disso, em 2004, estava envolvido com os estudos mais pontuais para a prova no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC. Lembro-me de ter “trocado” o investimento na festa de formatura pela compra das passagens de avião para a realização da prova em Florianópolis.

A formação recebida no LESEF foi tão determinante na minha vida pessoal/profissional, que a considerava mais relevante do que os conhecimentos obtidos nas próprias disciplinas da graduação. Desde a entrada no grupo, minha rotina era chegar à Universidade para as aulas matutinas e passar o restante do dia nas dependências do grupo.

Almoçar e jantar no Restaurante Universitário (RU) era uma obrigação. Quando não estava no LESEF, ocupava uma sala de estudos silenciosa cujo corredor dava acesso à sala dos professores. Muitos anos depois, a sala que ocupei no CEFD/UFES era em frente a esse espaço. Quase diariamente, após retornar do almoço, Valter passava e perguntava: “e aê, gigante, o que de bom está lendo hoje?”. Foi nessa convivência fraterna que Valter me apresentou vários autores e perspectivas teóricas. Destaco o sociólogo Zygmunt Bauman, cuja influência seria marcante no trabalho de conclusão de curso da graduação e na dissertação de mestrado; e Richard Rorty, filósofo que seria retomado na tese de doutorado.¹⁷

Além do Valter, não posso deixar de destacar, no LESEF, outros estudantes com quem construí forte amizade. Do “núcleo duro” que ali circulava, Cláudia Emília Aguiar Moraes, minha companheira por muitos anos, o já citado Mauro Sérgio da Silva, Ueberson Ribeiro Almeida (Uebinho), Vinícius Martins Penha,¹⁸ Rosemary Coelho e, um pouco mais tarde, Bernardo Firme, Bruno Faria, Thiago Machado, entre tantos outros que encontrei nesse espaço. Rosely Pires, que à época já era formada, também teve um papel relevante na minha formação (depois viramos colegas do mesmo Departamento). A cada um deles sou grato pela partilha, pelas aprendizagens, pelas alegrias e pelas tristezas vividas nas muitas experiências coletivas, manifestas em congressos, nas festas, nas perdas pessoais, nas conquistas acadêmicas, nos finais de semana reunidos, bem como em tantos outros acontecimentos marcantes.

Totalmente absorvido pela Universidade,¹⁹ não foram raras as vezes em que fechei, sozinho ou com aqueles meus companheiros, as grades que davam acesso ao setor administrativo do CEFD/UFES, em que estavam os grupos de estudo. Também foram muitas conversas, pelos corredores, com estudantes em momento mais avançado de sua formação, como Omar Schneider, então doutorando na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, e a escuta atenta dos conselhos e análises proferidas por docentes, como Amarílio Ferreira Neto, Nelson Andrade Figueiredo, Otávio Tavares, entre outros. Em suma, chegava cedo e saía tarde, totalmente envolvido com minha nova vida universitária. Foi nesse universo

¹⁷ Quem “apresentou” Bauman a Valter foi Ivan, durante uma edição do Conbrace.

¹⁸ Vinícius também seria, anos depois, meu supervisionando de doutorado no PPGEF.

¹⁹ Não posso deixar de ressaltar o dia em que fiquei preso na sala de Coleções Especiais da Biblioteca Central da UFES. O bibliotecário fechou a porta e não se deu conta de que eu estava ali, totalmente fascinado, analisando o arquivo pessoal de Aloir Queiroz de Araújo, ex-diretor do CEFD entre 1946 e 1970. Sem celular e *WhatsApp*, não foi fácil sair. Para maiores informações sobre seu arquivo, consultar Eller (2019).

que fui substituindo o antigo sonho de jogar bola por outro mais factível: tornar-me um docente universitário.

Em síntese, avalio que o encontro com Valter na graduação foi vital. Ele me “bancou” diversas vezes, seja na publicação de minha monografia como um livro na importante editora Autores Associados; seja quando cuidou do caminho para que eu pudesse fazer o mestrado com o Alexandre Vaz; ao me acompanhar durante minha estada em Florianópolis (recebi muitos telefonemas de Valter para saber como tudo estava, em um tempo em que a comunicação era mais difícil); ao me escolher, ainda doutorando, para fazer a mediação de uma mesa redonda do primeiro encontro da “Rede Internacional de Investigação pedagógica da Educação Física Escolar” (REIPEFE),²⁰ realizado em 2007 no CEFD/UFES; ao me convidar para a primeira defesa de mestrado de que participei como avaliador, da então estudante Maria Celeste Rocha, em 2011 (que depois seria minha estudante de doutorado). Sempre, sempre, Valter demonstrou sua generosidade ao me envolver em muitos dos seus projetos acadêmicos ao longo desses 26 anos de convivência pessoal e profissional.

Recentemente, Valter esteve em Medellín, na Colômbia, a trabalho, mas reservou um tempo para visitar, em Don Matías, os pais de Karen Lorena Gil Eusse, minha companheira, para deliciar-se com um saboroso sancocho de doña Blanca; foi a cidade de Glasgow, na Escócia, com seus filhos nos fazer uma visita durante o estágio de pós-doutorado; há alguns meses, foi nosso hóspede em Petrolina, meu novo lar. Mesmo estando oficialmente “fora do circuito” (desde a aposentadoria), atendeu ao chamado para uma palestra com estudantes da graduação da UNIVASF. Valter, portanto, sempre presente na minha vida e da minha família, conforme se vê em foto registrada por Karen na orla de Petrolina:

Figura 10 – Foto em família

²⁰ Valter criou a REIPEFE com outros pesquisadores brasileiros e argentinos. Eu atuei em seu início, em especial nas investigações sobre a inovação e o desinvestimento pedagógico (Machado et al., 2012; Faria et al., 2010).



Fonte: arquivo pessoal do autor

Que assim seja por muitos e muitos anos! Tenho muito orgulho de dizer que ele é o grande responsável por estar onde estou hoje e habitar o mundo da maneira que o habito. Sem tergiversar, há um “eu” antes e outros depois dele! Também me enche de prazer dizer que, diante dele, sigo como seu estudante, seu colaborador, além de vê-lo, especialmente, como um amigo querido, uma referência paternal.

Em Florianópolis, tempo do mestrado e do doutorado, Alexandre também passou a ser a referência, o farol guia. A estadia lá fortaleceu meu vínculo pessoal e profissional com ele, de modo que a parceria estabelecida e, mais importante, a amizade construída, vibra hoje, após mais de duas décadas. Assim como Valter fizera antes por mim, ele me deu muitas oportunidades. Chegou, então, o momento de narrar como essa história começou a se desenvolver no tópico a seguir.

A pós-graduação na UFSC: novos encontros, novas parcerias

No segundo semestre de 2004, participei do processo seletivo do mestrado, juntamente com Cláudia Emília Aguiar Moraes. Fomos aprovados, após um laborioso processo seletivo. Em fevereiro de 2005, transferi-me para Florianópolis e iniciei o mestrado no mês seguinte daquele ano sob a tão sonhada (e trabalhada) orientação do Alexandre, um dos principais especialistas em Teoria Crítica da Escola de Frankfurt no Brasil e seu mais eminente representante na Educação Física. Lá passei a frequentar o “Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea”, vinculando-me às duas linhas de investigação nele existentes: “Teoria Crítica da Sociedade e Educação” e “Teoria Social Contemporânea e Educação”.

No PPGE/UFSC, eu ingressei na linha de pesquisa “Educação, História e Política”, turma 2005/1, com o projeto denominado “Ambivalência ou a atualidade da Teoria Crítica em questão: desafios à prática educacional”. O anteprojeto tinha como mote analisar a construção social da ambivalência considerando os impasses da modernidade e do que se convencionou chamar pós-modernidade. Escolhi, para avançar nesse objetivo, o pensamento de Theodor Wiesengrund Adorno, um dos “pais fundadores” da Teoria Crítica e notório crítico da modernidade esclarecida, além de Jacques Derrida, típico representante do pós-estruturalismo francês, embora fosse também associado ao que se convencionou chamar pós-modernismo na Educação. Com o desenrolar do projeto, a ideia era tomar a obra de Bauman, autor limítrofe em relação ao referido debate, um importante interlocutor da investigação.

Na pesquisa propriamente dita, aquele objetivo foi modificado. Com o tempo relativamente curto do mestrado e considerando meus próprios limites, estava, com o aval do Alexandre, receoso em dar um passo maior que minhas próprias pernas. Na nova versão do projeto de pesquisa, Derrida foi preterido em favor de continuar a interlocução entre Bauman e Adorno, então iniciada na minha monografia de conclusão de curso. O propósito da dissertação se desenvolveu em torno dos dilemas da crítica e da formação cultural após a ocorrência dos campos de concentração nazista. Um tema evidentemente adorniano, mas que seria retomado a partir da perspectiva baumaniana.

Em retrospectiva, “olho” para o produto daí resultante com alguma ressalva relacionada à sua “forma” ou ao seu “estilo”, mas foi o que consegui fazer naquele momento da formação. Apesar disso, o material que apresentei a Alexandre para minha qualificação de

mestrado, realizada no dia 07 de junho de 2006, foi suficiente para que ele propusesse meu *upgrade*, um mecanismo de promoção direta do mestrado para o doutorado. Alexandre me deu essa oportunidade e bancou isso no âmbito do colegiado do PPGE/UFSC. No Anexo I, reproduzo a carta que ele escreveu solicitando a abertura do processo.²¹

Não sem alguma “tensão”, após os trâmites da candidatura, a banca composta por Maria Célia Marcondes de Moraes e Paulo Meksenas, ambos já falecidos, aprovou meu *upgrade*, com um projeto que dava continuidade ao que estava desenvolvendo no mestrado, mas com a introdução de uma nova interlocução: o filósofo italiano Giorgio Agamben. Verifiquei, em meus arquivos, que o texto da qualificação continha um “excurso” dedicado ao pensamento de Agamben, situando-o em relação ao objetivo central da pesquisa.

Defendi a dissertação de mestrado em abril de 2007. Não sei se no dia 10 ou 14 desse mês. Na versão final, a interlocução com Agamben não permaneceu, de modo que seu conteúdo continuou girando em torno do diálogo entre Bauman e Adorno. A banca da defesa foi composta pelos professores Selvino Assmann (UFSC) e Fábio Akcelrud Durão (UNICAMP).

A defesa, vale a pena contar, quase não foi necessária, pois até então não era possível, nos casos de *upgrade*, obter o título de mestre.²² Isso explica a inscrição que fiz no processo seletivo do mestrado em Educação Física da UFSC, no edital 01/2006. Na ocasião, escrevi o projeto “O esporte na cidade de Vitória: um estudo sobre os primórdios da prática esportiva capixaba”. Assim me referi à proposta:

O trabalho que estou propondo ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao se inserir no bojo das transformações provocadas por aquela renovação historiográfica, procura avançar ainda mais o atual estágio da pesquisa histórica no campo da Educação Física brasileira. A intenção desse anteprojeto, retomando uma investigação iniciada por Lucena (1997) mas que não fora levada às últimas consequências em sua tese de doutorado (Lucena, 2001), é investigar o advento, a proliferação e a massificação das práticas esportivas em Vitória, buscando narrar o papel que o esporte desempenhou no desenvolvimento daquela cidade na passagem do século XIX para o século XX, momento em que a Capital do Espírito Santo, ainda que tardiamente em relação a Capitais outras como Rio de Janeiro e São Paulo, assume para si a tarefa da sempre inconclusa e irrefreável modernização política, econômica e cultural.

²¹ Eu também escrevi, como parte da avaliação para o pedido de *upgrade*, um memorial circunstanciado, que me ajudou bastante na escrita deste memorial de progressão.

²² Foi o que aconteceu com meu amigo Jaison Bassani, que havia feito *upgrade* um pouco antes de mim.

Fazer o mestrado na Educação Física me garantiria o título de mestre. No Anexo II, reproduzo conteúdo de dois e-mails que enviei a Ricardo Lucena e a Fernanda Paiva, solicitando colaboração na pesquisa. Não os encontrei nas minhas caixas de mensagem, mas somente como rascunho nos arquivos pessoais. Como a política da CAPES se alterou, não segui adiante com o processo seletivo na Educação Física. Muitos anos depois, como professor da UFES, essa proposta foi retomada com Ivan Marcelo Gomes (voltarei a isso adiante).

Após a defesa da dissertação e já como doutorando, segui a vida na pós-graduação. Tenho saudades de muitas experiências que ali tiveram solo. Começo com as aulas com Alexandre. Eram “encantadoras”. Lembro-me de pensar: como ele conhecia tantos autores e conceitos? Como conseguia ser profundo em referenciais tão distintos? Como ele sabia de assuntos diversos sem relação uns com os outros? Pois é, com o tempo me dei conta de que o Alexandre, além de uma memória invejável, tem a capacidade de conversar fundamentado sobre “qualquer coisa”, do futebol de várzea de Florianópolis a Teoria Estética de Adorno. Também era marcante sua didática crítica, muito focada no conteúdo e menos na “forma”. Em cada encontro, o estudante deveria ler um texto principal, mas era “aconselhado” a consultar outros dois ou três textos de apoio indicados por ele. Invariavelmente Alexandre pedia a um estudante para fazer um comentário inicial e, a partir disso, a aula fluía, oportunidade para dirimir as dúvidas resultantes da leitura. Também era comum que ele levasse as versões na língua original do autor do dia, oportunidade para o professor comparar a tradução de um dado conceito com o original, identificando erros e/ou acertos.

Um parêntese: em 2007, na minha primeira experiência como docente universitário, na condição de professor substituto do CEFD/UFES, tentei aplicar essa estratégia de ensino nas turmas sob minha responsabilidade. Não funcionou com um professor inexperiente em um curso com as características da Educação Física!!! Atuei nas seguintes disciplinas: “Educação Física e Escola”, “Fundamentos do Movimento”, “Conscientização Corporal”, “Metodologia do Ensino da Educação Física”, “Vivências Corporais” e “Seminário Introdutório de Estudos”. Tenho comigo os planos de aula de cada uma delas e sigo sem saber como “sobrevivi” à “Conscientização Corporal”.

No âmbito do Núcleo coordenado por Alexandre, destaco as leituras sistemáticas e os debates em torno das obras de autores pioneiros da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin e Herbert Marcuse. É nessa direção que me

recordo do grupo de estudos que se reunia quinzenalmente para, sob a orientação do Alexandre, proceder a discussão da “Dialética do Eslcarecimento” (1985), livro seminal da tradição frankfurtiana. Além dele, ressalto a participação no grupo “Teorias da Modernidade”, cuja proposta era refletir sobre questões e impasses do mundo moderno. No primeiro semestre de 2005, o grupo leu Marshall Berman, Max Weber, Zygmunt Bauman, Hannah Arendt, Homi Bhabha, Friedrich W. Nietzsche, Theodor Adorno etc. No segundo semestre, assumi a função de coordenador desse grupo, que, a partir de então, dedicou-se a estudar com profundidade uma das obras clássicas produzidas no século XX: “A Condição Humana”, da filósofa e/ou politóloga Hannah Arendt. Além dessas reuniões, também me recordo de frequentar o grupo “Teorias Contemporâneas do Esporte”, dedicado a discutir autores e temas daquilo que caracteriza o campo dos estudos socioantropológicos do esporte.

Além dessas atividades do Núcleo e das aulas do Alexandre (e demais disciplinas do programa em que estava vinculado), aproveitei o que de melhor havia na pós-graduação na UFSC, frequentando outros cursos. Participei, como aluno ouvinte, da disciplina “Consumo e Globalização”, ministrada pelas professoras Júlia Guivant e Carmen Rial, no semestre 2005/2, bem como da disciplina “Tópicos Especiais em Assuntos Interdisciplinares I: Biopolítica”, sob a responsabilidade do inigualável professor Selvino Assmann, ministrada no semestre 2006/1. Ambas pertenciam à grade curricular do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, em que estudava outro amigo importante na minha trajetória: Ivan Marcelo Gomes. Lembro de frequentar essas aulas com ele. Também me recordo de acompanhar Alexandre como aluno ouvinte na disciplina “Estudos Antropofilosóficos do Movimento Humano”, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, no segundo trimestre de 2006.

Além dos estudos propriamente ditos, frequentei eventos ao longo dos dois primeiros anos da pós-graduação. Em 2005, fui a Porto Alegre para a “XIV edição do “Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte”, quando tive a oportunidade de apresentar e publicar dois trabalhos completos nos anais do evento: “Da modernidade sólida à modernidade líquida: incursões na sociologia da modernidade líquida de Zygmunt Bauman”; e “Educação Física e discurso legitimador”, uma espécie de resumo dos resultados parciais daquele projeto a que fui vinculado como bolsista de iniciação científica. Em 2006, apresentei o trabalho “Educação crítica pós-Auschwitz: a dialética entre formação cultura e barbárie segundo Theodor W. Adorno e Zygmunt Bauman”,

no Congresso Internacional “A Indústria Cultural hoje”, realizado na Unimep de Piracicaba. Tenho ótimas lembranças desse evento, que reuniu “astros” da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Tenho uma recordação da viagem de ônibus para São Paulo na companhia do Alexandre. Foi especial!

Todo esse clima intelectual ao redor do Núcleo e, claro, do Alexandre, fez um bem incomensurável à minha formação. Com essa experiência, li autores de tradições muito distintas, algumas contrárias entre si. Essa característica, aliás, transformou-se em uma tônica na minha trajetória, que não é marcada pela “filiação” a uma perspectiva filosófica específica, mas transita, por assim dizer, entre autores de tradições bastante distintas. No Núcleo, eu entendi o que não era ser “formado a facção”, metáfora que Valter gostava de utilizar para falar da precariedade formativa que ele mesmo teve nos tempos em que era estudante de graduação.

Obviamente, essas experiências intelectuais não aconteceram em um vazio, mas foram compartilhadas por pessoas que se transformariam em queridos amigos. Afinal, no âmbito de um grupo em expansão progressiva, com gente de toda parte, a “vida” (a sorte!) tratou de me reunir com eles, entre os quais é imperativo lembrar dos já mencionados Ivan e Jaison (voltarei a eles em outro momento), mas também Lígia Ribeiro e Silva Gomes, Ana Cristina Richter, Mozart Maragno, Christian Muleka Mwewa, Santiago Pich, entre outros. Vivi, com eles, ótimos momentos. Ivan e Lígia, na chegada a Floripa, foram muito importantes com coisas básicas (roupa de frio, por exemplo), mas sobretudo graças ao fato de, com muito afeto, terem aberto as portas de sua família para mim e Cláudia. Esse núcleo duro de amigos, frequentado por outros não tão próximos, produziu muitos encontros bonitos (regados a cerveja e vinho, diga-se de passagem), normalmente, mas não só, às sextas-feiras no apartamento de Ivan e Lígia. Por muitas vezes, fui babá do Pedro, filho caçula do casal, para que eles pudessem frequentar a Universidade. Foram experiências inesquecíveis que também marcaram a vida nos três anos em que vivi na Ilha da Magia.

Em 2007, decidi regressar a Vitória. Em parte porque Cláudia, então minha companheira, terminara seu mestrado e voltaria a sua antiga ilha. Por outro lado, pois eu tinha uma preocupação em atuar como docente do ensino superior antes de prestar um concurso público para professor efetivo. Fora a experiência como professor de “Ciências”, havia essa lacuna que me incomodava. Ainda que tivesse muitas dúvidas da necessidade desse retorno, fiz minha inscrição em um concurso para professor substituto do CEFD/UFES. Com a notícia

da aprovação, tive que decidir pelo retorno ou não. Lembro de ligar algumas vezes, do orelhão próximo à minha república (no Bairro Santa Mônica), para a secretária do Departamento de Ginástica (Reginalda Marino) buscando mais informações sobre a posse e o tempo limite para comunicar minha decisão. No final das contas, regressei a Vitória no ano de 2007. Foi importante, mas, hoje, não sei se orientaria um doutorando meu a fazer o mesmo que fiz. Alexandre, como sempre ao meu lado, “liberou” meu retorno a partir das razões arroladas.

Em 2008, contudo, decidi não renovar meu contrato de substituto com o CEFD/UFES, pois precisava me concentrar na escrita da tese. Já tinha informações dos colegas de que concursos públicos seriam abertos na instituição²³ nos meses seguintes, de maneira que terminar a tese era a prioridade. Em meu regresso a Floripa, Ivan e Lígia já não estavam. Felizmente, tomei a decisão de viver no mesmo prédio que Jaison e Ana, a essa altura companheiros não só do Núcleo, mas na vida a dois. O retorno a Floripa foi em “grande estilo”, pois, pela primeira vez na ilha, vivi na praia. Na verdade, de frente para o mar. Oportunidade para aproveitar da água (gelada) dos Ingleses e correr diariamente em sua areia de piso duro.²⁴ Nessa oportunidade, estreitei fortemente os laços com Jaison e Ana, não só porque convivíamos no mesmo lugar e compartilhávamos algumas boas horas de lazer juntos,²⁵ mas porque estávamos trabalhando em um projeto acadêmico comum: a editoração da “Revista Brasileira de Ciências do Esporte” (RBCE) (tratarei dessa experiência em outra seção do memorial).

Foi no condomínio Maria’s, portanto, que finalmente voltei minha atenção à escrita da tese de doutorado.²⁶ Mas fiz isso a partir de uma decisão arriscada, que implicou em uma completa alteração no meu objeto de estudo. Em meus arquivos, encontrei um documento, criado em 13/10/2008, que continha um novo plano de trabalho para a tese. Foi com ele que convenci meu orientador a alterar o meu objeto de estudo, discutindo um tema mais vinculado às questões epistemológicas que, desde a graduação, e por influência de Valter, eram meu tema principal. Novamente Alexandre foi fundamental, pois me escutou, confiou em mim e,

²³ Estávamos em pleno “Reúne”, uma controversa política, instituída em 2007, para reestruturação da universidade pública brasileira.

²⁴ Por um período de tempo, compartilhei o apartamento com Diego Mendes, hoje professor na Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), interior de Minas Gerais.

²⁵ Antes disso, Jaison já tinha morado um tempo comigo. Quando estava buscando apartamento para voltar a viver em Florianópolis, foi a vez de Jaison e Ana me oferecerem abrigo.

²⁶ Foi nesse ano que também que trabalhei, em parceria com Valter e Ivan, na escrita do livro “Bauman e Educação” (Almeida; Bracht; Gomes, 2009). Tudo isso feito no mesmo quarto do apartamento do seu “Castro” (proprietário), nos Ingleses.

por assim dizer, “topou” que eu fizesse o que eu estava com “ganas” de fazer naquele momento.

Ainda que a tese não tenha, no final das contas, focado no debate específico da Educação Física, seu problema de pesquisa animava muitas disputas no cenário educacional daquele momento (com repercussões na Educação Física, obviamente). Eu queria tomar parte disso, considerando minha própria trajetória com a temática. Então assim o foi!

Eu escrevi relativamente rápido a tese, entre o final de 2008 e durante o ano 2009 (aliás, em 2009 eu retornei a Vitória para terminá-la e me preparar para o concurso do CEFD/UFES). Seu objetivo foi discutir a agenda pós-moderna na Educação. Os críticos de tal agenda, representados por uma determinada pedagogia marxista no Brasil, elegeram Richard Rorty, o eminente filósofo norte-americano, como o principal detrator do Iluminismo e seu legado educativo. O exercício que realizei no doutorado, em síntese, foi retomar a crítica direcionada a Rorty, redescrivendo-a à luz de sua própria analítica.²⁷ Esperava, com isso, identificar os limites da crítica feita a ele, desconstruindo, assim, a pecha de infame. Essa tarefa implicava, além disso, uma atenção aos escritos do filósofo húngaro György Lukács, que tinha sido, por assim dizer, redescoberto na educação como um contraponto a posições filosóficas como a de Richard Rorty. A tese foi concluída, ademais, com uma redescrição da interpretação que Rorty construiu da filosofia de Michel Foucault. Era uma maneira de mostrar ao leitor que não se tratava, de minha parte, de defender a posição de um intelectual a todo custo só porque o estudo ou me identifico com suas posições epistemológicas e/ou políticas, mas uma demonstração de que era importante ler os autores e, se for o caso, deles discordar, sem “desrespeitar” a “letra” do seu texto, uma prática lamentavelmente usual no campo da Educação e da Educação Física.

Esta atitude em favor do estudo sério e rigoroso dos autores sem prescindir de uma relação crítica com eles, e que depois seria advogada nas conclusões de um texto escrito com Valter e Alexandre (Almeida; Bracht; Vaz, 2012) sobre as classificações epistemológicas da Educação Física, ajuda a entender a ambiguidade pressuposta no título da tese – “Com Rorty, contra Rorty: uma redescrição da agenda pós-moderna na Educação”.²⁸

²⁷ A opção por Rorty também teve uma influência de Valter, com quem tinha escrito dois textos a partir do debate que o norte-americano estabeleceu com o filósofo alemão Jürgen Habermas (Bracht; Almeida, 2007, 2008).

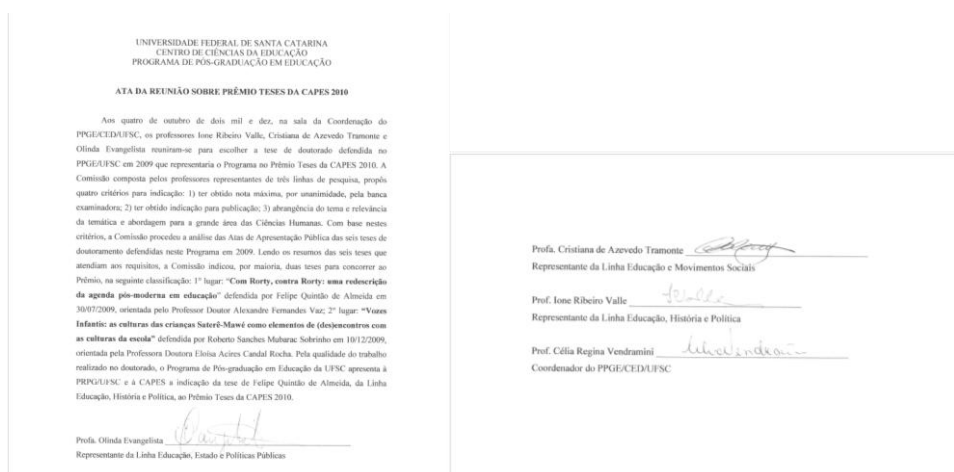
²⁸ Alguma inspiração também tinha no livro de Karl Otto Apel, intitulado “Com Habermas, contra Habermas: direito, discurso e democracia”.

A data da qualificação da tese foi 22 de junho de 2009. Tenho comigo os pareceres emitidos por Valter e pelo professor Alfredo Veiga-Neto; não vou anexá-los para não criar volume a este memorial. Não possuo, todavia, o parecer exarado por Delamar José Volpato Dutra, outro dos membros. Já no mês seguinte, no dia 30 de julho de 2009, defendi a tese. Valter pediu para não participar, uma maneira de proteger-me seguramente. Ao Alfredo e ao Delamar juntaram-se Jaison e Paulo Evaldo Fensterseifer, a quem admirava no âmbito do GTT Epistemologia. Também tenho comigo o texto que li no dia da defesa, que além de apresentar estruturalmente a tese, respondia a ponderações emitidas pelos avaliadores durante a qualificação.

Ainda que ausente da banca, Valter viajou a Florianópolis para minha defesa. Além dele, estava na sala Lúcio Martinez Alvarez, docente espanhol com que compartilharia atividades conjuntas anos depois (outra vez, pura contingência!).

A tese, em 2010, foi escolhida para representar o PPGE da UFSC no prêmio de tese da CAPES, conforme revela a ata publicada abaixo. Alex, algum tempo depois da defesa, disse que consegui fazer “maior” um problema de pesquisa “menor”, o que, obviamente, foi tomado por mim como um elogio.

Figura 11 – Ata de reunião



Fonte: arquivo pessoal do autor

O curto período entre a qualificação e a defesa se explica pelo fato de que prestaria um concurso público para contratação de professor efetivo no CEFD/UFES, o que efetivamente ocorreu entre outubro e novembro e resultou na minha aprovação. No Anexo III, disponibilizo

informações e o programa do concurso para a área “Educação Física: aspectos filosóficos da Educação Física, Esportes e Lazer”. As inscrições foram até o dia 02 de setembro de 2009. Entre a defesa e a realização do concurso, dediquei-me à sua preparação. Antes da prova, já tinha todos os pontos devidamente preparados e estudados. Os pontos sorteados para as provas foram: “A contribuição da filosofia na formação do professor de Educação Física” (prova escrita) e “Tendências filosóficas na produção do conhecimento na área da Educação Física, Esporte e Lazer” (prova didática). A banca foi composta pelos seguintes avaliadores: Elenor Kunz (externo), Antônio Jorge Soares (externo) e Sandra Soares Della Fonte (interno). Fui aprovado em primeiro lugar, seguindo por minha futura colega de Departamento, a professora Ana Cláudia Silverio Nascimento – momento em que o sonho de ser um docente universitário efetivamente se concretizava, nove anos após minha entrada como estudante no CEFD/UFES.

No tópico a seguir, narro aspectos que considero marcantes na minha trajetória como docente dessa instituição. Na descrição, considere o que dispõe os artigos quatro e dez da Resolução 04/2024 da UNIVASF, segundo o qual o memorial para prova de professor titular deve descrever as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção artístico-cultural. Não irei me restringir, ao contrário do que indica o próprio documento, ao interstício de avaliação para a progressão (2024-2026). De igual maneira, não vou tratar da extensão e da produção artístico-cultural, pois nos 16 anos de docência na Universidade não me dediquei a essas duas dimensões (motivo de lamento).

O retorno à casa: a docência universitária no CEFD/UFES

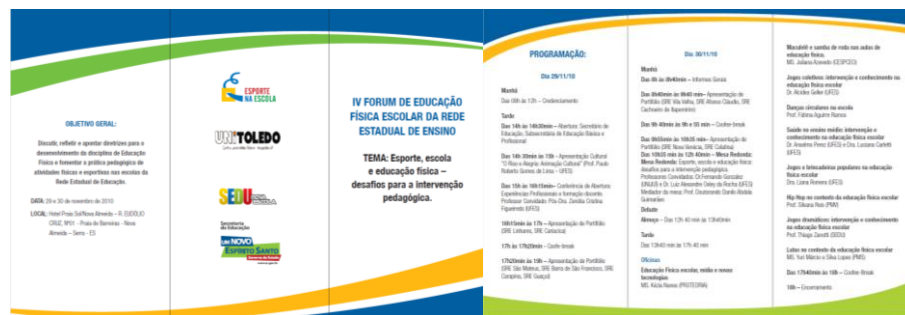
Entre a aprovação do concurso e a posse, um tempo se passou. Lembro da ansiedade produzida até a convocação. Foram várias as vezes em que fui à sala de Valter, então diretor do CEFD/UFES (24/10/2006 a 24/10/2010), para saber de alguma novidade a esse respeito. Recordo-me de, sem emprego, prestar um concurso para professor substituto no Centro de Educação da UFES, para a área de estágio curricular. Fui aprovado em segundo lugar, atrás da minha colega Ana Cláudia Silverio Nascimento. Ainda nesse intervalo, e como forma de exercer alguma atividade profissional formal, coordenei pedagogicamente uma experiência de formação continuada de professores de Educação Física da rede estadual do Espírito Santo, por meio de uma prestação de serviços ao Centro Universitário Unitoledo, vencedor de uma licitação no âmbito da Secretaria da Educação (SEDU) do Espírito Santo. A Unitoledo, por sua vez, contratou os serviços da Faculdade da Região Serrana (FARESE) para a execução das atividades de formação, que incluía, além de cinco módulos formativos, a organização do “IV Fórum de Educação Física da Rede Estadual de Ensino”. Ainda guardo os relatórios construídos de cada módulo, as fotos das oficinas, das pautas com notas, entre outros materiais. Na sequência, reproduzo a capa com a temática de dois módulos e o fôlder de divulgação do evento organizado.

Figura 12 – Material didático



Fonte: arquivo pessoal do autor

Figura 13 – Folder de divulgação



Fonte: arquivo pessoal do autor

Quando saiu a nomeação do concurso público para cargo efetivo, respirei aliviado. Fui nomeado no dia oito de março e admitido no cargo em dezenove de março de 2010, iniciando minhas atividades docentes. Três meses depois de passar ao quadro estatutário da UFES, solicitei meu credenciamento ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) do CEFD/UFES, tornando-me professor permanente do curso de mestrado a partir do dia 02/06/2010, conforme consta no extrato de Ata abaixo. Agradeço aos meus “pares” por essa “aposta”, pois não é o caminho “natural” para um docente recém-ingressado na instituição. Sem dúvida, essa decisão foi muito importante para o início da jornada como docente universitário.

Figura 14 – Ata de reunião

- 33 aluna Grece Tonini para a disciplina Docência Supervisionada foi retirado de pauta. [3]
 34 **Indicação do Professor Felipe Quintão para membro do corpo docente**
 35 **permanente.** Foi apresentada pelo Coordenador a indicação fundamentada em
 36 proposta de trabalho e inserção nas linhas de pesquisa 3 e 4 além de apresentação de
 37 currículo, do Prof. Felipe Quintão para membro do corpo docente permanente do
 38 PPGEF. A indicação foi aprovada por unanimidade pelo Colegiado Acadêmico. [4]

Fonte: arquivo pessoal do autor

Passar no concurso significou um novo retorno ao CEFD, “meu lar”, onde cresci e passei por grandes transformações na vida. Voltei a um lugar onde já era conhecido e querido, o que facilitou essa transição. Pude reencontrar antigos funcionários, como Beatriz Cysne e Adenilza, que estavam ali antes da minha chegada. Outros, por sua vez, já haviam partido deste “plano” ou se aposentaram, como seu “Gonçalves” e “Dona Marlene”.

É bem verdade que eu já tinha regressado, em 2007, para a experiência de professor substituto, mas, agora, a condição ontológica/profissional era outra. E voltar ao CEFD

significava reencontrar antigos professores e retornar ao lugar onde tudo começou: o LESEF. Como sempre, lá estava Valter, conduzindo as ações ao mesmo tempo em que era o diretor do CEFD/UFES. O que fiz, obviamente, foi me colocar à disposição dele para o trabalho coletivo. É preciso dizer que, nessa volta, o LESEF já não era “mais o mesmo”. Novos estudantes entraram como bolsistas de iniciação científica de Valter e Fernanda, outros, da “velha guarda”, já eram egressos do PPGEF/UFES, como Uebinho e Vinícius; alguns docentes deixaram o grupo para seguir carreira solo, como Sandra Soares Della Fonte e Francisco Eduardo Caparroz, enquanto outros professores entraram na equipe.²⁹ Particularmente importante para mim foi a chegada de Ivan, amigo dos tempos de Florianópolis. Junto a Valter, ele foi o grande parceiro nessa nova caminhada, não me deixando órfão com a aposentadoria de Valter anos depois.

Ivan chegou ao CEFD/UFES em 2009, exatamente um ano antes de mim. Já era professor, há muitos anos, na UNIOSTE, como docente de um Departamento de Pedagogia. Lembro-me bem do dia do seu concurso na UFES, no segundo semestre de 2008. Na noite anterior, depois de preparar seus pontos, assistimos ao jogo do São Paulo. Somente o Ivan faria uma coisa dessa em véspera de concurso (eu estaria em estressadíssimo). Avalio que, para ele, a ida à UFES representou a possibilidade de atuar novamente em um curso de Educação Física, de reencontrar seu professor da graduação na Universidade Estadual de Maringá (UEM), o Valter, e, por que não dizer?, seguir a parceria que iniciei com ele nos tempos de Floripa.³⁰ Lígia, Pedro e Malu, obviamente, o acompanharam em sua chegada definitiva a Vitória, no verão de 2009. Recordo-me de ter escolhido o lugar para eles morarem, no que me pareceu um ótimo apartamento, mas em um típico sol da tarde em Jardim da Penha. Dali, não muito tempo depois, a família Gomes mudou-se para o aclamado “Oxumaré, que seria, literalmente, palco de muitas festas do LESEF (e do CEFD) nos anos seguintes”.³¹ Entre uma mudança e outra, Ivan encontrou um bar para seus momentos de lazer. Foi nesse contexto em que todos conheceram João Manqueta, dono do estabelecimento e amigo desde então.

É engraçado o fato de que, nos concursos do final de 2009 (que eu também concorri), vários amigos de Floripa vieram prestar a prova. Entre eles, Lígia, Jaison, Ana Cristina e

²⁹ Assumi a coordenação oficial do grupo em algum momento. Lembro-me de chorar copiosamente na reunião, pois era a realização de um sonho chegar àquela condição.

³⁰ Lembro-me do primeiro texto publicado: uma resenha sobre um livro de Bauman (Gomes; Almeida, 2005). Quem imaginaria que seria o primeiro de tantos outros?

³¹ Como esquecer, Ivan, da festa “não oficial” do Conbrace na laje do Oxumaré? Uma loucura!

Santiago Pich. Por pouco o LESEF não se transformou em uma sucursal do Núcleo do Alexandre no LESEF. No fim das contas, ficamos eu, Ivan e Lígia como docentes da instituição.

Foi nesse ambiente, portanto, que iniciei minha jornada no Departamento de Ginástica (DG), o mesmo a que fui vinculado na minha experiência como substituto. Era um lugar especial, com importantes referências da Educação Física brasileira já com larga trajetória na Universidade. Alguns deles, como Valter, Nelson Andrade Figueiredo e Sandra Soares Della Fonte, foram meus professores na graduação. Outros tantos tinham vivência no movimento sindical, o que conferia aos debates um caráter fortemente político. Na minha entrada, o DG vivia um período de transição, pois fora renovado com a presença de novos professores efetivos. Além de Ivan, também foram incorporados Omar Schneider, Alexandre Oxley da Rocha, Paula Cristina da Costa e Silva, André da Silva Mello, Liana Romera, Ana Cláudia, Wagner dos Santos, Erineusa Maria da Silva, Lígia Ribeiro,³² Rosely Pires, entre outros dessa mesma época.

Sua atmosfera, durante quase todo tempo, era amigável, com muito diálogo conciliador e produtor de consenso, embora também atravessado por momentos tensos, discursos ríspidos e discordâncias argumentativas. Uma característica singular, não sei se identificada em outra instituição, era que todos os seus docentes, sem exceção, haviam feito pós-graduação no campo das Humanidades. Isso fazia uma diferença substancial nos debates a respeito da formação ofertada pelo CEFD/UFES. Chegar a um grupo com essas especificidades me deu a tranquilidade necessária para me ocupar dos ofícios da docência. Foi, realmente, uma aprendizagem, razão pela qual agradeço “a vida” por ter feito concurso para esse Departamento.

Com a chegada à UFES, a chefia me informou que compartilharia com colegas uma sala, que era carinhosamente chamada de “aquário” por ser separada por um vidro do espaço da biblioteca. Dividi esse ambiente com Liana Romero, Cesar Alcides Geller e Edson Castardelli. Como professor em início de carreira, muitas foram as horas dedicadas ao planejamento das aulas no “aquário”.

Em relação às disciplinas, assumi três em 2010/1. “Educação Física, Corpo e Movimento” e “Seminário Articulador de Conhecimentos I”, ambas da Licenciatura em Educação Física. No Bacharelado, curso noturno, exerci a docência na disciplina “Educação

³² Anos depois tive a felicidade de orientar Lígia em seu doutorado, outra amiga dos tempos de Floripa e, depois, colega de Departamento.

Física e reflexão filosófica”, do segundo período. Atuei por muitos anos nesses segmentos iniciais, aprendendo a ser docente com os calouros e/ou neófitos da Educação Física. Fiquei por oito anos com “Educação Física, Corpo e Movimento” (até segundo semestre de 2018), ao mesmo tempo em que circulava por outras da graduação, a depender das necessidades do DG. Lecionei algumas vezes “Epistemologia da Educação Física” no Bacharelado e a própria “Educação Física e Reflexão Filosófica” na Licenciatura, assim como disciplinas temporárias, para cobrir algum colega do DG. Em 2020, assumi a cadeira de “Educação Física no Ensino Médio”, aí permanecendo até 2024. Foi uma ótima experiência, pois pude ensinar na graduação aquilo que, efetivamente, pesquisava: Educação Física escolar. Nesse componente curricular, muito me marcou a “Docência Supervisionada” que Mauro Sérgio da Silva realizou comigo durante um ano do seu doutorado. Aprendi demais com ele e com seu domínio dos conteúdos da cultura corporal de movimento em uma perspectiva crítica. Ainda hoje, emprego a metodologia ali utilizada nas minhas aulas da graduação.

Não posso deixar de mencionar, além disso, a experiência docente no Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício nos Ensino Fundamental e Médio (Pró-Licenciatura), curso de formação inicial magistralmente coordenado por Fernanda Paiva. Nessa formação, fui responsável por “Epistemologia da Educação Física”, junto a Ivan e Valter.³³ Escrevi com eles, em 2013, um fascículo dedicado a essas reflexões:

Figura 15 – Fascículo de Epistemologia



Fonte: arquivo pessoal do autor

³³ Atuei como tutor do Pró-Licenciatura antes de entrar no CEFD como docente efetivo.

No âmbito do ensino na graduação, busquei conciliar meu compromisso com a formação acadêmica dos estudantes com um modo de ensino baseado no diálogo fraterno, na simplicidade e na leveza. Uma prática amorosa, com afeto, tocante e tocada, para lembrar dos ensinamentos de Paulo Freire. Avalio, inclusive, que os estudantes me reconheciam mais pela forma amigável e divertida de atuar do que por qualquer “feito acadêmico” ou pelos saberes que, efetivamente, eles aprendiam nas minhas aulas. O reconhecimento entre eles me rendeu homenagens nas formaturas de algumas turmas. Destaco uma delas, em que as características docentes antes mencionadas aparecem na placa que recebi:

Figura 16 – Placa de homenagem



Fonte: arquivo pessoal do autor

Considerando a política adotada no DG, instituiu-se a rotina, na minha jornada, de ministrar uma disciplina na graduação e outra pós-graduação, garantindo a carga horária necessária para as progressões funcionais. No âmbito da pós-graduação, estreei também em 2010, no segundo semestre. Com Ivan, ofertei “Políticas do corpo na modernidade: uma leitura com Bauman e Foucault”. Essa disciplina optativa de 30 horas foi disponibilizada novamente em 2012, mas, em vez de Foucault, Bauman e Mafessoli foram as referências escolhidas. Também em 2011, ministrei, pela primeira vez, “Epistemologia da Educação Física”, matéria obrigatória do PPGEF/UFES, cujo ensino alternaria com Ivan e Valter pelos próximos anos. Ainda ministrei outras disciplinas obrigatórias do mestrado, como “Ciência e

Método”, “Seminário de projeto” e “Metodologia da Pesquisa”, todas elas vinculadas à “atividade da ciência” na Educação Física. A partir da abertura do Doutorado em 2015, por várias vezes ministrei a obrigatória “Epistemologia e Teoria Científica da Educação Física”.³⁴

Assim como na graduação, sempre busquei, na pós, o meu melhor desde o ponto de vista acadêmico, considerando, decerto, minhas próprias limitações como docente que aprendeu a ser professor na “travessia”. Em muitas ocasiões, acertei, em tantas outras me equivoquei, mas não perdi de vista o compromisso com a formação dos matriculados. Nem sempre foi fácil, sem tensão e tesão, pois segue sendo difícil ensinar Epistemologia ou teoria científica da Educação Física em uma área que reificou sua própria relação com a ciência. Parte de minha tarefa era “convencer” os estudantes, totalmente imersos nas questões da área disciplinar a que seu projeto se vinculava, uma vez que esse tipo de reflexão é importante para sua formação intelectual na pós-graduação. Afinal, o aluno está em um programa da Educação Física, não de História ou Fisiologia. Pense, então, o que significa discutir “Epistemologia da Educação Física” ou “Ciência e Método” com um pós-graduando que compreende o sentido da pesquisa em Educação Física a partir das experiências, com ratinhos, que ele faz em seu laboratório?

Em um contexto assim, não sem razão eu e Ivan respiramos aliviados quando a professora Cláudia Lúcia de Moraes Forjaz³⁵ esteve no auditório do CEFD/UFES para uma palestra (ou aula inaugural) do PPGEF e defendeu a importância desse tipo de reflexão na pós-graduação. Sentados um ao lado do outro, nós nos olhamos com um sorrisinho de felicidade no rosto. Eu pensei: como agora é a representante da CAPES quem está dizendo, não eu, Ivan ou Valter, talvez faça algum sentido para os estudantes. Atualmente, inclusive, as reflexões sobre a atividade das múltiplas ciências praticadas na Educação Física (Silveira, 2016) são consideradas um conteúdo obrigatório na avaliação dos programas na Área 21. O PPGEF/UFES, desde a submissão do seu APCN em meados dos anos 2000, foi pioneiro na defesa desse tipo de estudo, por longo tempo relegado a segundo plano nos programas de pós-graduação da Área 21.

Ainda no ensino de pós-graduação, não posso deixar de mencionar a experiência no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, o famoso PROEF. No curso,

³⁴ O ensino dessas disciplinas contribuiu com minha ida ao curso de Filosofia na UFES, em que, por cinco anos, fui aluno da Licenciatura. Por dificuldades de ordem pessoal e profissional, não consegui concluir a formação, um projeto à espera de ser finalizado.

³⁵ Por muito tempo coordenadora adjunta dos programas acadêmicos da Área 21.

desde sua abertura, em 2018, atuei como orientador de seis docentes e fui responsável pela disciplina “Escola, Educação Física e Planejamento”. Foi bastante desafiador, pois me colocava frente a frente com colegas que, em termos de experiência de planejamento no “chão de escola”, conheciam o ofício muito melhor do que eu. Estar com eles foi uma forma de lidar com um déficit na minha formação, representada pelo fato de, muito cedo, ter abandonado a escola para me dedicar à formação universitária. Esse limite expressa uma ambiguidade que está no cerne dos programas acadêmicos em Educação Física, seu sucesso e fracasso, pois, ao mesmo tempo em que sou um “caso que deu certo” (iniciação científica, mestrado, *upgrade* e doutorado, tudo na sequência e de forma rápida), isso foi feito às custas de meu afastamento do cotidiano escolar. O PROEF, portanto, é uma experiência que conecta o sentido da pesquisa em Educação Física à sua especificidade profissional.

A despeito de eventuais críticas que eu possa destinar ao curso (não tenho saudades das aulas e demais atividades realizadas na plataforma virtual), o PROEF é um alento para a preocupação de Lovisolo (2003) de estarmos na paradoxal situação de sermos uma área profissional, orientada para a intervenção, que resiste a ser profissional porque prefere ser identificada com a ciência. O PROEF, portanto, é a possibilidade de a “Educação Física ciência” reconciliar-se com a “Educação Física viva” (Bracht, 2015), despertando do esquecimento profundo da sua reificação.

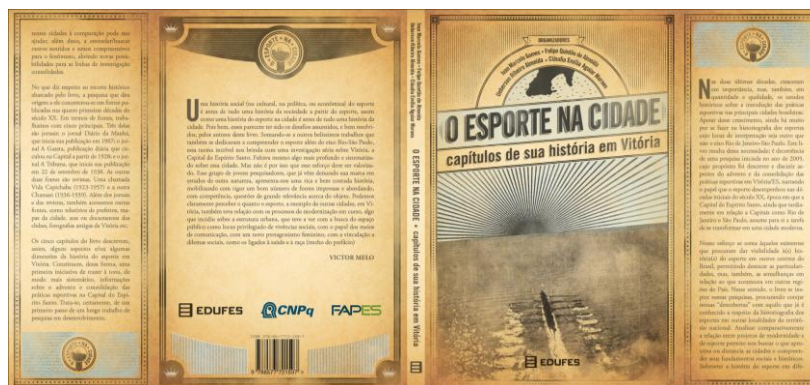
A docência nesses dois universos (graduação e *stricto-sensu*), nem sempre conectados entre si,³⁶ desenvolvia-se ao mesmo tempo em que conduzia minhas atividades de pesquisa. Nesse contexto, o estudo “A emergência do esporte capixaba: estudo sobre o início da proliferação de práticas esportivas no processo de modernização na cidade de Vitória” foi importante. Retomei, com Ivan, o “antigo” projeto de mestrado que seria submetido ao processo seletivo da UFSC e fizemos dele nosso trabalho coletivo. Lembro que o projeto recebeu, durante sua vigência, três financiamentos. Dois deles do CNPq (Edital Universal). O primeiro, em 2011, no nome do Ivan. O segundo, creio que em 2013, em meu nome, mas não estou seguro. A pesquisa também recebeu aporte financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). Esses apoios foram fundamentais para a aquisição de computadores e livros para o LESEF.

³⁶ Durante a graduação, ouvia meus professores dizerem que a graduação ganharia muito com a abertura de um programa acadêmico. Em teoria, isso é correto. Em termos práticos, contudo, um abismo se abriu entre os dois universos considerando a forma como estava organizado o sistema *stricto-sensu* no país.

Sou muito grato ao Ivan por ter “bancado” isso, pois nem ele, nem eu éramos investigadores da história do esporte. Essa decisão, avalio, estava associada ao meu credenciamento, assim como o de Ivan, na linha três do PPGEF, intitulada “Estudos históricos e socioculturais da Educação Física e das práticas corporais”. Apesar de toda uma trajetória vinculada aos debates epistemológicos da Educação Física escolar, o que justificou também meu credenciamento na linha quatro do PPGEF (“Educação Física, Corpo e Movimento”), decidi também me dedicar aos estudos socioantropológicos e/ou históricos do esporte. Provavelmente uma influência do Núcleo de Floripa e do próprio Alexandre, que sempre manteve seu interesse por esse tipo de investigação.

Foi no âmbito da historiografia do esporte que, efetivamente, iniciei o papel de pesquisador que orienta. Com Ivan, Cláudia e Uebinho, supervisionei um grupo de estudantes (entre eles Cecília Nunes da Silva, Thácia Varnier, João Alexandre Demoner, Bruno Henrique de Paula, Victor Estevam Klippel, Júlia Bigossi, Renan da Rocha Carvalho, entre outros) associados a essa investigação.³⁷ Além da escrita de artigos científicos, o resultado mais destacado dessa experiência foi o livro “O esporte na cidade: capítulos de sua história em Vitória”, publicado pela editora da UFES e prefaciado por ninguém menos que Victor Melo, a quem qualifico como a maior eminência nos estudos históricos do esporte no país. Vale dizer que aquela obra foi pioneira nos estudos do esporte em Vitória, uma área de pesquisa que carece, ainda hoje, de mais investimento. Apesar da originalidade do projeto, eu e Ivan, paulatinamente, deixamos de atuar nas pesquisas históricas no âmbito do PPGEF/UFES.

Figura 17 – Capa/Contracapa do livro



³⁷ Destes, Cecília escreveu sua dissertação no campo da história [“Matrimônio, beleza, moda e esportes: as imagens da mulher na revista Vida Capichaba (1925-1939)”]. Thácia, no seu mestrado, mudou de perspectiva (“O peso - programa de promoção de estilo de vida saudável na obesidade - como uma estratégia de educação em saúde: uma interpretação dos cuidados corporais a partir dos usuários do serviço”). Eu e Ivan orientamos as duas no PPGEF/UFES.

Fonte: arquivo pessoal do autor

Na mesma época, participei, sob a liderança de Valter, de outra atividade de pesquisa, essa sim bastante conectada à minha atuação na Educação Física escolar, particularmente na linha “Educação Física, Corpo e Movimento”.³⁸ Valter recebeu um convite de Alex Branco Fraga, editor da revista “Movimento”, para enviar um texto sobre a produção do conhecimento em Educação Física escolar. A solicitação originou uma investigação, que reuniu quase todos os membros do LESEF, que ofereceu um estado da arte sobre o tema no Brasil. Para tanto, uma análise de nove revistas do campo da Educação Física foi conduzida, considerando o período de três décadas (1980-2010). Os resultados foram divulgados em duas edições da revista “Movimento”: um texto com caráter mais quantitativo-descritivo (Bracht et al. 2011) e outro com uma reflexão qualitativa (Bracht et al., 2012).

Se não estou completamente enganado, foi o último projeto de dimensão coletiva que Valter conduziu no LESEF, um expediente que ele soube fazer com maestria. Além disso, para mim e alguns colegas participantes, o convite recebido por Valter significou o retorno aos impressos como fonte de análise, uma expertise iniciada na iniciação científica com ele.

Durante o processo, decidi submeter, com a anuência de Valter, obviamente, a pesquisa ao edital Universal do CNPq publicado em 2011 e com validade até 2013 (Edital Universal CNPq 14/2011. Número do processo: 475367/2011-1). Para tanto, adotei apenas a “Revista Brasileira de Ciências do Esporte” como objeto da descrição. Com o apoio financeiro obtido, comprei computadores e livros foram adquiridos para a biblioteca do LESEF. Significou, além disso, a possibilidade de contar com o bolsista de iniciação científica Erivelton Souza Fernandes.

Durante a vigência daquele Edital, estabeleci uma nova frente de investigação manifesta no projeto “Pedagogia crítica da Educação Física brasileira: gênese, interpretações e redescrições”. Reproduzo, malgrado seu tamanho, o registro que, à época, fiz em meu currículo *Lattes*:

Trata de uma investigação que visa oferecer uma genealogia (Foucault) da pedagogia crítica da Educação Física no Brasil, descrevendo as suas principais referências teórico-metodológicas, as problematizações mais recorrentes, as principais temáticas abordadas etc. Utiliza, como fonte da investigação, a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), periódico vinculado ao Colégio

³⁸ Essa linha foi recentemente encerrada, no mês de agosto de 2024.

Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), uma das principais organizações científicas da Educação Física brasileira e que foi, como sobejamente conhecido, fórum privilegiado para a divulgação das teses do pensamento crítico no campo. Após apresentar as principais características assumidas pela pedagogia crítica, analisamos sua atualidade, considerando os deslocamentos (teóricos e políticos) operados na e pela área em anos mais recentes, especialmente suas repercussões na atividade epistemológica da Educação Física. Esperamos, com essa estratégia, oferecer uma redescritção (Rorty) da pedagogia crítica, utilizando-se, para tanto, das contribuições de referenciais teóricos diversos, todos eles, de algum modo, inseridos no espectro da virada lingüística em Filosofia (os já citados Foucault e Rorty, mas, também, Habermas, Honneth etc).

Na pesquisa propriamente dita, além da “RBCE”, ampliei a amostra com a inserção das revistas “Motrivivência”, “Pensar a Prática” e “Movimento”. Analisei 117 publicações, feitas entre 1979 e 2010. A opção pela pedagogia crítica era consequência, por assim dizer, de minha própria relação com essa tradição, iniciada na graduação com Valter e sacramentada com Alex no *stricto-sensu*. Tampouco foi fortuita a menção àqueles intelectuais na descrição do projeto, pois com eles já tinha me “encontrado” no transcurso da minha jornada, como revelam publicações anteriores, coetâneas ou posteriores ao início desse projeto específico (Almeida, 2006, 2007, 2015, 2017, 2021a; Bracht; Almeida, 2007, 2008, 2011a, 2011b; Almeida; Vaz, 2010, 2011a, 2011b, 2013, 2025; Almeida; Gomes, 2007; Bracht; Gomes; Almeida, 2014). O principal resultado da análise efetuada naqueles quatro periódicos foi difundido na revista “Movimento”, em um texto que Valter e Alexandre assinaram comigo (Almeida; Bracht; Vaz, 2015).

Com a prestação de contas do Edital Universal CNPq 14/2011 realizada, submeti outra proposta ao CNPq (Universal 14/2013. Número do processo: 476214/2013-0), com vigência de três anos. Como consequência da aprovação nessa disputa, mais materiais permanentes para o LESEF, mais verba para pesquisa e novas iniciações científicas. Devo mencionar Sérgio Rossini Júnior, Arielle Marinotte e Amanda Furlan Sampaio, que, anos depois, realizou seu mestrado sob minha orientação.

Nesta nova investida voltei a atuar com Ivan no projeto “O corpo como tema da produção do conhecimento: uma análise em periódicos da Educação Física brasileira”. Reproduzi com ele, novamente, a experiência prévia conduzida por Valter em relação à Educação Física escolar. Em vez desse recorte, contudo, o corpo foi a chave de leitura escolhida. Assim registrei essa empreitada no meu *Lattes*:

Realiza um mapeamento e uma avaliação, de caráter quantitativo-qualitativo, da produção do conhecimento sobre o tema corpo nas últimas três décadas. Utiliza

nove periódicos da área como fonte dessa investigação, procedendo, assim, a uma análise do seu conteúdo. Objetiva identificar quais temáticas predominam ao longo dos anos e como elas se distribuem nas diferentes revistas estudadas. As análises vão permitir caracterizar, diacronicamente, a produção do conhecimento em torno do tema entre os anos de 1979 e 2012, trazendo à tona, em outros aspectos, perspectivas metodológicas mais empregadas no seu estudo, as temáticas e/ou problematizações mais usuais, as orientações teóricas ou os autores mais utilizados que configuraram e hoje configuram a produção do conhecimento sobre o corpo, as concepções predominantes nos anos analisados. Disponibilizará, também, quadros percentuais diversos que possibilitam retratar a distribuição anual, por revista, dos artigos sobre a temática, a identificação da autoria, a formação profissional, o sexo dos autores, a titulação, a filiação institucional e regional etc.

Oportuno destacar que, no levantamento realizado, empreguei, com Ivan, uma análise bibliométrica/cienciométrica, que, nesse momento, despontava como um campo de pesquisa em expansão crescente, como o passar dos anos veio a corroborar. Os resultados foram publicados na revista “Movimento”, também divididos em duas partes (Almeida et al., 2018a; Almeida et al., 2018b).

Esse “interesse pelo corpo” (Adorno; Horkheimer, 1985) como objeto de pesquisa estava atrelado ao progresso do projeto “Educação Física, Corpo e Filosofia”, assim descrito no meu *Lattes* na ocasião de seu registro no PPGEF/UFES, em janeiro de 2011:

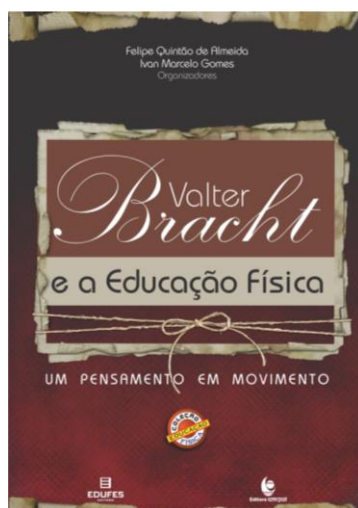
Pesquisa teórica que investiga as relações entre corpo e filosofia, extraindo implicações dessa relação para a educação física escolar. Embora o corpo tenha sido relegado a segundo plano no discurso filosófico da modernidade, identificamos perspectivas teóricas que, na contramão dessa tendência, conferiram a ele outro estatuto ou dignidade ontológico. O caso mais paradigmático, no século XX, é o da fenomenologia de Merleau-Ponty, mas podemos observar, em filósofos como Nietzsche, Adorno, Gil, Lyotard, Deleuze etc., um interesse pelo corpo naquilo que ele precede, por assim dizer, à razão e à linguagem (ou seja, nos afetos, nos desejos, no sensível, na mimesis etc.).

A referência àqueles autores também não é descabida, pois, com exceção de Lyotard, eu estava em “diálogo” cotidiano com eles, que, desde então, acompanham-me, conforme se pode confirmar nos artigos e capítulos de livro publicados em torno dessa temática (Almeida, 2012, 2021b; Almeida et al. 2018a, 2018b; Almeida; Eusse, 2020; Almeida; Bracht; Ghidetti, 2013; Correia; Zoboli e Almeida, 2014, 2023; Correia; Almeida, 2020; Costa; Almeida, 2018, 2021; Galak; Zoboli; Gomes, 2018; Ghidetti; Almeida; Bracht, 2013, 2014).

Em meio ao desenvolvimento desses projetos de pesquisa, é necessário ressaltar um empreendimento muito especial, novamente feito com Ivan. Depois dele, eu dizia, em tom jocoso, que podia me aposentar. Refiro-me à organização do livro concebido para ser uma homenagem pessoal/acadêmica a Valter, na iminência de sua aposentadoria. Vale dizer que,

no início, Valter hesitou, mas conseguimos convencê-lo, com base na força...dos melhores argumentos. O material, além de uma longa entrevista, reuniu capítulos escritos por parceiros de Valter do Brasil e da Argentina, admiradores do seu trabalho, mas também de sua personalidade (Almeida; Gomes, 2014).³⁹

Figura 18 – Capa de livro de homenagem a Valter Bracht



Fonte: arquivo pessoal do autor

Em termos cronológicos, a proposição desses projetos e publicações corresponde ao interstício dos meus primeiros cinco anos de Universidade. Eu estava operando em torno de distintas áreas de interesse (história do esporte, Educação Física escolar, pedagogia crítica e corpo) e em quase todas empreguei os periódicos como “fonte” de análise. Na década seguinte, tomei decisões que fizeram da pedagogia crítica da Educação Física escolar e do corpo os “objetos” definidores de minha trajetória no campo da pesquisa.⁴⁰

Uma deliberação significativa, nessa transição que vivia, foi assumir que queria ser “alguém” de Educação Física, ou seja, queria publicar, prioritariamente, em revistas da área e ser reconhecido por participar dos debates que envolvem a disciplina na escola. Talvez mais um reflexo da influência de Valter sobre mim, já que também ele fez desse campo seu objeto prioritário de preocupação. Eu confesso que não me arrependo e que não há do que se

³⁹ No ano anterior, eu publiquei (Almeida, 2013), a convite do editor da revista “Motrivivência”, uma nota em deferência a sua contribuição à Educação Física brasileira (<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n40p207/25038>).

⁴⁰ Uma anedota. Em 2025, em evento na “Universidad Pedagógica Nacional”, de Bogotá, o pai de um amigo, filósofo de formação, perguntou-me em tom de brincadeira: “Felipe, que es una patada crítica en él fútbol”? Não deve ser o único a ter essa dúvida.

lamentar, ainda que a atuação em outros campos, como o da Educação, poderia me trazer algumas vantagens, como, por exemplo, estar em melhores condições para concorrer a uma bolsa de produtividade no CNPq, iniciativa que, na Educação Física, não consegui obter após algumas tentativas. Em parte, isso se explica por minhas próprias limitações, por não estar à altura do que a Área 21 solicitava de seus pesquisadores. Por outro lado, contudo, avalio que não há soluções biográficas para as contradições sistêmicas produzidas pelo modo de estruturação da pós-graduação em Educação Física na Área 21.

Com essa decisão, deixei de investir em pesquisas históricas e/ou socioculturais a respeito do esporte, o que culminou com minha retirada, em 2014, da linha do PPGEF/UFES dedicada isso. Lembro-me bem do dia em que comuniquei minha saída na reunião do colegiado da pós e solicitei, ao mesmo tempo, meu credenciamento na linha “Educação Física, cotidiano, currículo e formação docente”, em que atuo desde então. Como consequência, abandonei um projeto em colaboração com Ivan (“Educação do corpo em diferentes instituições, artefatos midiáticos e práticas culturais”)⁴¹ e voltei minha atenção àqueles dois temas de pesquisa que selariam meus esforços nos dez anos seguintes.

Em relação ao tema “corpo”, a análise de meus textos ou das dissertações e teses que orientei (ou ainda oriento) encontrará alusão àqueles autores mencionados no projeto de pesquisa (Gil, Deleuze, Nietzsche, Merleau-Ponty), ao lado de outros autores mais “marginais” na minha travessia. “Juntos”, busquei contribuir com um debate que, na área, foi “inaugurado” por Valter Bracht e Mauro Betti ainda nos anos 1990, e que discute os limites das abordagens culturalistas da disciplina. Com Valter, assim me referi a essa questão:

A pedagogia crítica da Educação Física, no Brasil, padeceu da ‘má-compreensão do corpo’ criticada por Nietzsche, pois se fundamentou numa logopoiése, em que consciência e linguagem aparecem desencarnadas. No afã de retirar o corpo da ‘natureza’ e alocá-lo no seio da ‘cultura’, a pedagogia crítica ‘desprezou’ o indizível (a ‘natureza’ do corpo, ‘aquilo que pode o corpo’, segundo a clássica definição spinozana), em favor de um discurso racionalista e/ou culturalista sobre ele. Para tanto, assumiu um linguicentrismo redescritivo para o qual o corpo não difere do que dizem dele os discursos imperativos de todos os gêneros que moldam seus movimentos. O corpo, assim, é passivo, substância morta, objeto de alguma ação; nada dele devemos esperar para a leitura do mundo (Bracht; Almeida, 2019, p. 9).

⁴¹ Alguns estudantes defenderam dissertações comigo nesse projeto, quase todos eles em parceria com Ivan: Gabriel Carvalho Bungenstab, Fernanda Xavier Machado, Bernardo Sant’anna Médice Firme, Samuel Thomazini Oliveira, Beatriz Garcez, Cecília Nunes da Silva, Vinícius Gaspar e Sayonara Carla dos Santos Almeida.

O “problema da articulação” entre corpo e linguagem (Bracht; Almeida, 2019), bem como seus possíveis desdobramentos no ensino das práticas corporais de movimento, acabaram se tornando uma “obsessão” de pesquisa.⁴² Sou muito grato a Filipe Ferreira Ghidetti, Marcelo Adolpho Gomes Duque da Costa, Élder Silva Correia, Mauro Sérgio da Silva, Amarilton Cesar Nascimento e Silvana Reis dos Anjos⁴³ por atuarem, em suas respectivas investigações, diretamente nisso comigo.

No que diz respeito à pedagogia crítica, ampliei, entre 2015 e 2025, meu estudo além das fronteiras nacionais. Nesse caso, menciono o diálogo mais estreito com colegas sul-americanos. O passo nessa direção foi facilitado pois o LESEF (seminário Brasil-Argentina e REIPEFE) e o Núcleo (especialmente seus intercâmbios crescentes com argentinos e uruguaios), quer dizer, Valter e Alexandre, garantiram “livre trânsito” para mim com os “vizinhos”. O que fiz foi explorar esse território, expandindo-o a direções além do eixo Argentina-Uruguai, o mais desenvolvido até então.

Esta aproximação já vinha sendo lentamente construída. Por exemplo, nas conversas nos eventos da Educação Física. Em 2013, ela ficou mais séria com a organização, por mim e por Ivan, do “VI Colóquio de Epistemologia do CBCE”, oportunidade para trazer ao CEF/UFES Eduardo Galak, da “Universidad de la Plata, e Raumar Rodríguez Giménez, da “Universidad de La República”, os dois companheiros desde então. O resultado do evento pode ser conferido no livro organizado por mim, Ivan e Emerson Luiz Velozo, então coordenador do GTT Epistemologia do CBCE (Velozo; Gomes; Almeida, 2013).

Neste contexto de parcerias, mobilizei os meios disponíveis na UFES e em agências de fomento para fortalecer as alianças. Fui beneficiado pelos ventos favoráveis à internacionalização na pós-graduação brasileira, que foi “inundada” por Editais que incentivam a interlocução internacional, por meio da organização e participação em eventos, mobilidade estudantil e docente, visitas ou estágios técnicos, publicações conjuntas etc. Usei e abusei, especialmente, dos recursos financeiros da FAPES nessa direção. Fui contemplado em diversos Editais dessa agência, que beneficiaram a mim, aos meus estudantes e, claro, ao LESEF.

⁴² Neste âmbito, situo o dossiê “Educação Física, corpo e linguagem”, publicado, em 2021, na revista “Conexões” (<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8665843/26864>).

⁴³ Amarilton, contemporâneo de graduação, e Silvana, colega da mesma turma, estão atualmente fazendo seu doutorado sob minha supervisão. O PPGEF me possibilitou, também, reencontrá-los.

Aliás, permitam-me dizer que foi graças a esses incentivos que tive um encontro realmente especial com Karen Lorena Gil Eusse, à época estudante colombiana que chegou a Vitória, no início de 2013, para realizar seu mestrado. Todos conhecem o resultado da história entre nós: uma paixão avassaladora seguida de uma união estável que nos deu dois lindos filhos, Matías e Simón, com a irreparável perda de Benjamin, que faleceu em decorrência de uma infecção bacteriana contraída por Karen no sétimo mês e meio da gravidez. Poucos sabem, contudo, que esse encontro quase não aconteceu. Aliás, já não tinha acontecido, pois, quando estive em Florianópolis, em 2011, para participar de uma atividade promovida por Alexandre e seu Núcleo,⁴⁴ compartilhei com ela a mesma sala (eu como palestrante, ela como ouvinte), mas não nos “vimos” (Karen fazia um estágio com Alex na UFSC, o que explica sua presença naquele evento).

Como não creio no destino, mas no poder da contingência, da sorte e dos encontros, a vida tratou outra vez de me unir a ela. Dessa vez, graças a uma bolsa da Organização dos Estados Americanos (OEA), que a permitiu realizar seu mestrado no PPGEF/UFES.

Mas esse encontro não foi sem “emoção”, sem a interferência do acaso; primeiro, pois a opção por Vitória se deu porque a UFSC não tinha ofertado vagas no Edital da OEA de 2012. Alex, então, orientou-a na escolha por Vitória, pois disse que tinha muitos amigos na UFES; em segundo lugar, pois, durante o processo seletivo para a bolsa, Karen havia alcançado a aprovação em segundo lugar. Se não estou enganado, eu e Ivan (talvez o Valter também) conduzimos a fase interna que definiu essa colocação. Isso “caiu” no “nosso colo” porque Valter, não sem razão, era o pesquisador mais “internacional” do Programa. Na ocasião, acho que pesou o fato de a candidata da Argentina, aprovada em primeiro lugar, estar envolvida com os colegas da REIPEFE sediados em Córdoba (Marcela Cena e Griselda Amieva Amuchastegui). Acontece que ela (cujo nome não será mencionado para preservá-la) desistiu da bolsa, pois, segundo eu soube, estava em um relacionamento amoroso que a “impedia” de realizar o intercâmbio. Segundo Karen me disse depois, recebeu um telefonema do escritório da OEA nos Estados Unidos da América, informando-a que estava sendo convocada para a bolsa. Inicialmente não acreditou, pois o resultado na página da instituição indicava o nome da colega argentina. A funcionária, contudo, confirmou a notícia. Depois de

⁴⁴ “II Seminário Educação dos Corpos, Cultura e História”. Estive na mesa redonda “Corpo, Arte e Epistemologia”. Minha palestra foi publicada no ano seguinte, com o título “Educação Física, corpo e epistemologia: uma leitura com o filósofo José Nuno Gil” (Almeida, 2012). Um texto, diga-se de passagem, de que gosto bastante, mas que está em uma revista que circula pouco na Educação Física.

a “ficha cair”, Karen organizou-se para a “viagem” que mudaria de uma vez por todas a sua vida pessoal e também profissional.

Neste ínterim, Alexandre entrou em contato, conforme demonstra a comunicação abaixo:

Figura 19 – Mensagem de e-mail

Date: Tue, 11 Dec 2012 22:29:16 -0200
From: alexfvaz@uol.com.br
To: fqalmeida@hotmail.com
Subject: mestranda colombiana

Felipe

Tem uma aluna colombiana que ganhou uma bolsa para fazer o mestrado em Educação Física na UFES. É Karen Lorena Gil Eusse. Ela esteve conosco durante um semestre letivo, em intercâmbio de graduação, fez pesquisa aqui, é uma figura de quem gostamos muito. Seguimos trabalhando em parceria, inclusive com a participação de William Moreno. Sabes quem a orientaria aí na UFES?? Ela está com algum receio de dar um tiro no escuro.
Abraço,
Alex.

Fonte: arquivo pessoal do autor

Respondi ao Alexandre dizendo que ela ficaria “com a gente”, ou seja, no LESEF, razão pela qual Karen poderia estar tranquila. Pouco mais de dois meses depois, entrei em contato com a futura mestranda, em mensagem que reproduzo abaixo:

Figura 20 – Mensagem de e-mail

De: Felipe Almeida <fqalmeida@hotmail.com>
Para: kalogil@yahoo.es
CC: Ivan Gomes <ivanmgomes@hotmail.com>; vbracht bracht <valter.bracht@pq.cnpq.br>; "bracht@cefd.ufes.br" <bracht@cefd.ufes.br>
Enviado: Martes 19 de fevereiro de 2013 19:44
Assunto: RE: Viagem colombiana

Prezada Karen.

Quem escreve a você é Felipe Quintão de Almeida, professor do PPGEF/UFES, para onde você vem a partir de março. Escrevo para passar algumas informações a você.

A primeira delas é em relação à orientação. Em conversa com os professores Valter Bracht e Ivan Marcelo Gomes, ambos professores do PPGEF/UFES, decidimos que você será orientada pelo professor Valter Bracht. Nós três pertencemos ao mesmo grupo de pesquisa (Laboratório de Estudos em Educação Física - LESEF), de modo que nossa intenção é que você, ao ser incorporada ao grupo, possa ter todo nosso apoio para desenvolver o seu trabalho. Portanto, fique tranquila. Quando você chegar a Vitória, conversaremos com você sobre o projeto de pesquisa e outras coisas vinculadas ao mestrado.

Em relação à moradia, diria o seguinte. Quando chegar, vamos disponibilizar um local para você repousar antes de definir onde vai ficar.

Existem vários lugares para você morar próximo a UFES. Seria importante que você estivesse por aqui para esta definição. Pode ser assim?

Em relação à questão financeira, o professor Otávio já a respondeu em e-mail anterior, certo?

Por fim, avise-nos próximo de sua chegada o horário e número do voo. Vamos buscá-la no aeroporto.

Em caso de qualquer dúvida, pode se comunicar comigo e com os professores Ivan e Valter, que nos lêem em cópia.

No mais, um cordial abraço.

Felipe Quintão de Almeida.

Fonte: arquivo pessoal do autor

Karen me respondeu, conforme nota-se no *print* a seguir:

Figura 21 – Mensagem de e-mail

Date: Thu, 21 Feb 2013 15:57:23 +0000
From: kalogil@yahoo.es
Subject: Re: Viagem colombiana
To: fgalmeida@hotmail.com

Bom dia professor Felipe.

Fico muito feliz por todas as boas notícias que você dá para mim hoje. Já tinha recebido algumas mensagens do professor Alexandre F. Vaz que falavam de conversas entre vocês sobre minha situação. Também, o professor William Moreno da UdeA falou que conhecia vocês. Assim, com tudo isto sinto que estou mais perto de Vitória.

Fico também muito tranquila pela possibilidade de um lugar para morar os primeiros dias, porque estava muito preocupada por isto. Em relação ao voo, vou chegar a Vitória VIX (desde Rio) às 17:10hrs o número de voo é G3-1638 com Gol, ele sai do Rio às 16:04hrs do dia 17 de março.

Fico muito agradecida com você por toda a boa disposição.

Um grande abraço.

Fonte: arquivo pessoal do autor

Quando pousou em Vitória, foi recebida por mim, que cheguei “pontualmente atrasado”, como diria o Valter. Disfarçou bem sua preocupação de não encontrar ninguém a esperando. Após a acolhida, levei-a a meu apartamento, onde estive alguns dias solucionando trâmites legais antes de encontrar uma república para morar. O resto é história já escrita.

É meio óbvio dizer que o encontro com ela foi vital e transformador. Pessoalmente, pois apaixonei-me loucamente, formei família, dominei nova língua (ainda que com sotaque “paísa”) e incorporei um novo universo cultural a minha existência, não mais restrito aos craques da seleção colombiana de 1990 e 1994 (Higuaita, Rincón, Asprilla, Valderrama etc.), ao narcotráfico (Pablo Escobar como ícone) ou à cantora Shakira, minhas referências da Colômbia até sua chegada.

Profissionalmente, por sua vez, a parceria com ela abriu muitas portas na “Universidad de Antioquia”, de onde era a egressa com a melhor média do curso. Isso garantiria a ela a possibilidade de realizar, sem custos de mensalidade, o mestrado do “Instituto Universitario de Educación y Deporte” daquela Universidade. Enfatizo isso pois, em algum momento, esse fato foi considerado na decisão de ficar no Brasil ou voltar à Colômbia. Felizmente, não sem muita luta e mais emoção, a decisão foi de seguir a vida juntos.

A parceria com ela ganhou enorme impulso com seu projeto de tese de doutorado, que acabou sendo orientado por mim e Valter.⁴⁵ Foi a partir dessa experiência (e da parceria com Karen) que construí meu projeto de pesquisa mais longo e atual, em torno do qual concentrei uma parte considerável de minha energia laboral na última década, conforme se pode notar na produção dedicada a ele. Intitulado “A constituição de um pensamento renovador da educação física nas Américas: uma análise comparada entre Brasil, Uruguai, Argentina, Chile e Colômbia”, seu objetivo é

⁴⁵ Defendida em 2020, com o título “Tradição, crítica e renovação na Educação Física Colombiana” (Eusse, 2020).

[...] conhecer/caracterizar movimentos de renovação e crítica da Educação Física em diferentes países, mas narrar uma versão comparada dessa história, situando a Educação Física brasileira nesse processo, no sentido de pensar semelhanças e diferenças nas mudanças que o campo da Educação Física experimentou, nos países estudados, nas últimas quatro décadas. A pesquisa tem a motivação, então, de criar um diálogo que valora cada voz, cada contexto, cada história, a partir das mudanças que o campo da Educação Física vivenciou na direção de um conhecimento socialmente crítico. Se o caso brasileiro é bastante estudado, não podemos dizer o mesmo da América Latina, onde são escassas as pesquisas no sentido de pensar a renovação que a disciplina Educação Física tem experimentado nessas últimas décadas, no sentido de conhecer as perspectivas teóricas que estiveram e estão a orientar essas mudanças.

Assim como Karen, Maria Celeste da Rocha, Rafael Almeida Barcelos, Amanda Furlan Sampaio, Débora Nascimento Gomes e Alessandra Galve Gerez (no pós-doutorado) escreveram suas dissertações e/ou teses em torno desse “programa” de pesquisa, razão pela qual aproveito para agradecê-los por juntarem-se a mim na “aventura” de investigar a crítica e a renovação da Educação Física em campos acadêmicos de países em princípio desconhecidos, pois neles não nos formamos.

Nesta experiência, ademais dos amigos de Argentina, do Uruguai e da Colômbia, fortaleci laços com novos parceiros, como Alejo Levoratti, da Universidad de La Plata (Argentina),⁴⁶ e Alberto Doña Moreno, da Universidad de Valparaíso, no Chile. Cada um deles tomou parte disso, como coorientadores, coautores, convidados para disciplinas, visitas técnicas etc. Também receberam meus estudantes e a mim próprio para atividades acadêmicas diversas. Estive na Argentina, no Uruguai, na Colômbia e no Chile, mobilidades devidamente registradas no meu currículo *Lattes*.

Foi também com esse projeto ampliado que recebi meus principais financiamentos de pesquisa na última década. Foram duas bolsas de produtividade (ambas pela FAPES), três Editais da FAPES para auxílio a projeto e bolsa (técnica e pós-doutorado) e, por fim, um fomento à cooperação internacional da Secretaria de Relações Internacionais (SRI) da UFES. Com a verba em mãos, isso foi revertido em mais livros, mais equipamentos, mais mobilidade para estudantes, docentes e outras ações de intercâmbio. Entre estas, gostaria de ressaltar as cinco seguintes, todas elas desdobramentos da pesquisa:

1. Publiquei o livro “Sentidos y prácticas sobre la educación y los usos del cuerpo: intercâmbios académicos entre Argentina, Brasil, Colombia y Uruguay”, coordenado

⁴⁶ A quem conheci em Florianópolis, quando ele estava em visita acadêmica com Alex.

por mim, Ivan, Eduardo e William e resultado dos dois projetos que eu e Ivan aprovamos no Edital 03/2016 da SRI/UFES.⁴⁷ Fizemos muito nos dois anos de vigência do Edital, conforme descrito na introdução da publicação (que foi, aliás, prefaciada por Alexandre).

Figura 22 – Capa do livro



Fonte: arquivo pessoal do autor

2. Organizei, com Valter, o dossiê “Por uma teoria da Educação Física latino-americana”, publicado na revista da “Associação Latino-Americana de Estudos Socioculturais do Esporte” (<https://revistas.ufpr.br/alesde/issue/view/2587>). Seu propósito era compreender, no plano teórico-conceitual, as renovações no campo da Educação Física sul-americana. Ele reuniu, em torno de seu objetivo, colegas que não estavam no universo de países abarcado pela pesquisa, como Bolívia, Peru e Venezuela. Quatro anos depois, com Karen, organizei o número especial “Práticas renovadoras na educação física escolar sul-americana”, nos Cadernos de Formação da RBCE (<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/issue/view/191>). Sua especificidade, por sua vez, foi colocar em evidência distintas experiências de ensino crítico e reflexivo da disciplina no Chile, na Colômbia, no Uruguai, na Argentina e no Brasil.

3. Coordenei o seminário “Crítica e renovação da Educação Física na América Latina”, que reuniu pesquisadores associados à investigação mais ampla que conduzia. As

⁴⁷ “Crítica e renovação na Educação Física latino-americana: uma mirada desde Brasil e Colômbia” foi o título do projeto que submeti.

mesas, segundo nota-se no material de divulgação, discutiu temas caros à pedagogia crítica contemporânea. Além disso, a reunião foi oportuna para que os pós-graduandos vinculados ao projeto apresentassem os resultados de suas pesquisas.

Figura 23 – Material de divulgação do Seminário

Pedagogia crítica, socialismo e democracia
11 de dezembro | 14 horas | auditório

As pedagogias críticas foram construídas a partir do mote de uma possível contribuição para a emancipação social e humana que se vinculava com a construção de uma sociedade socialista e democrática. É possível sustentar este projeto hoje? E o socialismo ainda a referência para a pedagogia crítica? Em caso positivo, qual o seu significado? O tema democracia não ganhou protagonismo e preeminência frente à substituição do capitalismo pelo socialismo?

PALESTRANTES:
ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)
PAULO EVALDO FENSTERSEIFER (UNIVERSIDADE DO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL)

Patrocínio:
FAPES
CEFD
UFES

Pedagogia crítica, decolonialidade, políticas identitárias e interseccionalidade
12 DE DEZEMBRO | 14 HORAS | SALA 10

As pedagogias críticas tomaram historicamente a luta de classes, no sentido clássico da contradição entre os interesses do capital e das classes trabalhadoras, como referência para pensar o seu papel social na transformação da sociedade. Nas últimas décadas, mudanças culturais chamaram a atenção para novas formas de opressão e desigualdade, que colocaram o desafio à pedagogia crítica de como articular essas questões às suas formulações clássicas.

PALESTRANTES:
ALBERTO MORENO DOÑA (UNIVERSIDADE DE VALPARAÍSO), RAUMAR RODRÍGUEZ GIMÉNEZ (UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA) E LARISSA LARA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ)

PATROCÍNIO:
FAPES
CEFD
UFES

Pedagogia crítica, formação e currículo
12 DE DEZEMBRO | 9 HORAS | SALA 10

As pedagogias críticas da Educação Física, em sua diversidade, produziram inúmeras críticas a um modelo formativo por muito tempo caracterizado como "tradicional-esportivo". Isso levou a uma reinvenção da formação docente e do debate curricular da disciplina. Discutir desafios dessa transformação, considerando a paisagem epistemológica e política contemporânea, é objetivo desta mesa.

PALESTRANTES:
ALEJO LEVORATTI (UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA) E WILLIAM MORENO GÓMEZ (UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA)

PATROCÍNIO:
FAPES
CEFD
UFES

Crítica e renovação da Educação Física na América Latina
13 DE DEZEMBRO
8 - 12 HORAS | 14 - 18 HORAS
SALA 10

Discussão do grupo "A educação física: pensamento renovado da Educação Física na América Latina: uma análise comparada entre Brasil, Uruguai, Argentina, Chile e Colômbia" (Editorial UFES, 2020/21, Editora Prody, 120/2022, Santa Cruz, 2020/22, Editora BPC, 2022/23).

RESPONSÁVEIS:
ALESSANDRA GALVE GEREZ (FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL E NA ARGENTINA: UMA ANÁLISE COMPARADA)
ANANDA FURLAN SAMPAIO (RENOVAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO URUGUAI E PERU EM FOCO)
MARIA CELESTE ROCHA (INFÂNCIA, CORPO E MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO BRASIL E CHILE: UMA PERSPECTIVA COMPARADA)
TERESA NASCIMENTO GOMES (TENDÊNCIAS INTERNACIONAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ARGENTINA: A RENOVÇÃO DE UMA TRADIÇÃO)
KAREN LORENA DEL ROSSE (TRADIÇÃO, CRÍTICA E RENOVÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA COLÔMBIANA)
RAFAEL ALMEIDA BARROS (EDUCAÇÃO FÍSICA: NAS BASES CURRICULARES DO BRASIL E DO CHILE: UMA ANÁLISE COMPARADA)

PATROCÍNIO:
FAPES
CEFD
UFES

Reunião institucional com os grupos de investigação das Universidades participantes
14 DE NOVEMBRO
8 - 12 HORAS
14 - 18 HORAS
15 DE NOVEMBRO
8 - 12 HORAS
14 - 18 HORAS
SALA 10

PATROCÍNIO:
FAPES
CEFD
UFES

Fonte: arquivo pessoal do autor

4. Ofertei a disciplina híbrida “Pedagogia crítica da Educação Física na América Latina”, ministrada no âmbito do PPGEF/UFES (2023), oportunidade para discutir dados da investigação e fortalecer o trabalho conjunto de investigação com pesquisadores dos países investigados. Participaram dessa iniciativa não só docentes vinculados aos países do projeto, mas também do Peru, do México e do Equador.

5. Publiquei, com Karen, Eduardo e André Malina, a obra “Pós-Graduação em Educação Física na América Latina: estado atual, desafios futuros”. Com prefácio de Valter,

textos em que refleti (Almeida; Eusse, 2024, 2026; Almeida, 2025a; Almeida; Vaz, 2026)⁴⁸ sobre as condições de possibilidade de uma Educação Física decolonial, tratei de problematizar questões que são caras ao debate epistemológico da disciplina. Faço isso pois entendo que, na área, há muitas certezas, mas poucas dúvidas sobre questões ventiladas por essa teorização. Esse exercício, seguramente, não parará por aí, como indicam três convites que já tenho para tratar dessa temática ainda neste primeiro semestre do ano (aula no “Doctorado en Educación en Salud”, na Universidad de Antioquia; aula na disciplina de “Ciência e Método”, no PPGEF/UFES [a convite de Ivan]; palestra no evento do ABADÁ Capoeira (UNIVASF), para discutir esta prática desde a chave decolonial).

A vontade de aprofundar meu conhecimento sobre a pedagogia crítica da Educação Física levou-me para bem mais longe do continente latino-americano, em direção à Europa. Não posso deixar de salientar, neste memorial, o estágio de pós-doutorado que realizei na Universidade de Strathclyde, em Glasgow/Escócia. Fui estudar com o professor David Kirk, talvez o mais eminente representante da tradição crítica na literatura anglófona. Para tanto, escrevi o projeto “Atualidade da pedagogia crítica na Educação Física: uma perspectiva comparada entre Brasil e Reino Unido” e o submeti ao Edital 45/2017 da CAPES (professor visitante no exterior) e ao Edital do CNPq de Pós-Doutorado no exterior, ambos no primeiro semestre de 2018. Não fui contemplado no CNPq, mas obtive a bolsa da CAPES.

Lembro-me do dia em que recebi a notícia da aprovação. Era final de tarde. Estava na Colômbia, ministrando, com Ivan, um curso de curta duração no mestrado do “Instituto Universitario de Educación Física y Deporte”. Era uma consequência do Edital 03/2016 antes mencionado. Durante uma intervenção do Ivan, abri o site da CAPES e vi o resultado. Que emoção! Ganhei uma bolsa de 1700 libras para estudar no exterior!! Em que país do mundo isso ainda é possível? A noite foi longa, como o Ivan deve se lembrar. Fomos com William, Maria Isabel e outros companheiros a um bar cubano na “calle 70”, famosa por suas luzes, bares dançantes e restaurantes. Confesso que não sei como acordei no dia seguinte para conhecer o município de “Guatapé”, a convite de Sandra Pullido. Lembro que Ivan ficou impressionado com o lugar e pediu para tomar muitas fotos para mostrar ao seu pai, seu Osmar.

A experiência em Glasgow durou um ano, entre julho de 2018 e agosto de 2019. Ainda me lembro da despedida do Valter, no aeroporto de Vitória. De lá partimos para um

⁴⁸ Este último em fase de avaliação/publicação.

longo voo, com escala em São Paulo e Amsterdã. Uso o verbo no plural pois estava com Karen e Matías, então com dois anos e alguns meses.

Apesar de incrível, a vivência não foi sem desafios. Morei com os dois cerca de quarenta dias no “Tartan Lodg hostel”, pois foi muito difícil encontrar um apartamento para viver. Apesar de inúmeras opções de moradia estudantil na cidade, eram escassas as opções para um casal com filho pequeno.

Figura 25 – Imagem do Tartan Lodg hostel



Fonte: arquivo pessoal do autor

O frio também foi um obstáculo inicial, mas superado com um aquecedor, casacos, botas e capas de chuva. A vida universitária “concorria” com os cuidados de Matías, “*full time*” em casa, comigo e Karen. Além disso, Karen finalizava seu doutoramento e estava a todo vapor com a escrita da tese. Em suma, foi tudo “junto e misturado”. Eu e Karen trabalhamos muitas madrugadas para conseguir atingir os objetivos almejados. Mas valeu a pena, pois ela conseguiu defender sua tese nos meses seguintes ao nosso retorno, eu escrevi o relatório técnico da experiência acadêmica e, de quebra, Karen voltou grávida de Simón, nosso segundo filho. Além disso, e como o “professor também é pessoa”, aproveitei para conhecer uma parte da Europa com os dois. Visitamos dezoito países, uma experiência sem precedentes. A família também esteve presente em Glasgow, com meus irmãos (Fabrício e André), os pais de Karen (Blanca e Gilberto) com sua irmã (Margarita) e sobrinha (Estefania). Foi lindo!

Além de Valter com Loic e Kalinda, Alex nos visitou por uma semana, assim como Bruno de Oliveira e Silva (na época meu doutorando; hoje professor da Universidade Estadual de Goiás-UEG) e Christiane Garcia Macedo, hoje professora na Universidade Federal de

Minas Gerais (UFMG). Em Glasgow, também conhecemos, na escola de inglês, Matheus e Tainá, casal brasileiro que deu um suporte importante no período. Pude reencontrar Fabiana Turelli (atualmente docente da University of Manitoba, Canadá), antiga colega do Núcleo de Floripa que viajou a Glasgow para um estágio com David.

Do ponto de vista acadêmico, a experiência também foi muito proveitosa, pois permitiu melhorar meu domínio da língua inglesa⁴⁹ e conhecer a produção crítica da Educação Física espalhada pelo globo, dos Estados Unidos à Nova Zelândia, e divulgada nos periódicos de língua inglesa. Nesse contexto, fiquei assombrado com a capacidade de trabalho de David e sua influência, pois atraía estudantes do Japão, da China, da Espanha, do Brasil, do Reino Unido, entre outros países. Também me impressionou positivamente sua disponibilidade, apesar de absorto na escrita do seu livro “Precarity, Critical Pedagogy and Physical Education” (Kirk, 2020). Sempre foi muito solícito e afetuoso nos encontros de orientação comigo, com Karen e nas vezes em que compartilhamos a mesa de algum “pub” ou restaurante. Em uma delas, jantamos David, eu e Alex, que estreitou sua interlocução com ele a partir de então. Lamento não reunir em Glasgow David e Valter, pois, salvo a debilidade da memória, o escocês estava viajando. Apesar disso, enquanto estávamos em Glasgow, David foi a Colômbia para a “Expomotricidad”, congresso em que se encontrou com Valter, William Moreno, Alberto Moreno e Lúcio Martinez. David cantou e tocou violão e Valter fez uma moqueca capixaba em panela de barro comprada por William em uma de suas estadas em Vitória. Abaixo, há um registro do encontro entre Valter e David em território colombiano:

Figura 26 – Mesa na Expomotricidad

⁴⁹ Na chegada à cidade, eu e Karen nos matriculamos em um curso intensivo com duração de 3 meses. Com o término, contratamos uma professora particular que nos acompanhou até o final da experiência.



Fonte: arquivo pessoal do autor

Nestes doze meses afastados do CEFD/UFES, escrevi, na sala do apartamento alugado em Glasgow, cinco artigos diretamente vinculados ao projeto de pós-doutorado. Dois deles assinados com o próprio Valter (Bracht; Almeida, 2019, 2020), um com Kirk (Almeida; Kirk, 2020) e outros dois sozinhos (Almeida, 2019, 2020). Um dos textos com Valter compôs o dossiê que organizei com ele e David na revista “Movimento”. Conforme registrado na introdução, o número especial pretendia ser

[...] interlocução entre as distintas realidades da Educação Física e da pedagogia crítica ao redor do mundo, separadas não só pela distância e pela língua, mas também pelas diferenças culturais, políticas, econômicas e sociais. É um convite, portanto, à reflexão sobre o pensamento crítico em tempos difíceis, ambíguos e precários, repleto de implicações para a educação escolar e, claro, para a Educação Física (Kirk; Almeida; Bracht, 2019, p. 3).

A edição reuniu textos de autores do Brasil, dos Estados Unidos da América, da Alemanha, da Austrália, da Nova Zelândia e, claro, da Escócia, com a produção de Kirk (<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/97341>).

Anos depois, em 2023, organizei com Karen e David um dossiê na revista “Motrivivência” (<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/95513>) dedicado a “[...] discutir o que pode o conhecimento socialmente crítico ao se apresentar como uma resposta à precariedade como epítome da sociedade contemporânea”, um tema

claramente inspirado no livro de David (Kirk, 2020).⁵⁰ David esteve presente com um artigo, ao lado de colegas do Brasil, da Nova Zelândia e da própria Escócia. Verdade seja dita, não falo com David desde a publicação desse número especial. Rememorar essa experiência, neste memorial, motivou-me a escrevê-lo para saber como a vida anda. Quem sabe não volto a trabalhar com ele em algum novo projeto?

Ao revisitar minha trajetória de pesquisa no CEFD/UFES, avalio que a pedagogia crítica e corpo foram os temas aglutinadores de meu interesse. Permanece, inclusive, nas atividades acadêmicas atuais, como se nota no dossiê que organizei com colegas (“Educação Física e Linguagem: corporeidades, sentidos e produções de mundo”) na revista “Corpoconsciência”(<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/index>) ou no projeto, em andamento, de organização de um livro, com Rodolfo Rozengardt, cuja abordagem é a pedagogia crítica da disciplina na América Latina.

É importante advertir, contudo, que orientei estudantes com dissertações e/ou teses sobre a Educação Física escolar sem relação com aqueles temas. Isso se explica pois, diferentemente de muitos colegas,⁵¹ aceito orientar propostas que não estão diretamente vinculadas aos meus próprios projetos de pesquisa financiados.

Nos últimos anos, por conta das exigências da política de avaliação da CAPES, tive dificuldade em alocar alguns desses estudantes nos projetos cadastrados na Plataforma Sucupira. Simplesmente alguns tinham objetos de estudo que não se “encaixavam”, por mais amplo que fosse meu projeto guarda-chuva registrado no PPGEF. Essa flexibilidade, decerto, “cobrou algum preço” (físico, emocional, acadêmico), o que sempre me fez pensar se era uma decisão acertada. Mas, ao mesmo tempo, foi proveitosa, pois me permitiu conhecer novas perspectivas, novos autores e discussões antes ignoradas, com impactos positivos na minha formação.

Ao longo de quinze anos atuando na (pós)graduação, conclui quatorze orientações de iniciação científica, trinta e sete trabalhos de monografia, vinte e sete dissertações de mestrado e dez teses de doutorado, além de uma supervisão de pós-doutoramento. Neste momento, estão em andamento cinco dissertações de mestrado, cinco teses de doutorado e

⁵⁰ Eu já tinha feito um exercício semelhante na palestra “Pedagogia crítica na conjuntura contemporânea: ecos para a Educação Física”, no âmbito do 40º Simpósio Nacional de Educação Física - ESEF/UFPEL. Seu conteúdo foi publicado depois (Almeida, 2022).

⁵¹ Um dia, certo colega do CEFD/UFES me disse: “Felipe, desta porta para dentro os estudantes pesquisam o que eu mando. Aluno não tem projeto de pesquisa, só o professor”, assim meu companheiro terminou seu raciocínio. Obviamente não estou de acordo com isso.

duas orientações de pós-doutorado. Nem todas seguem a pedagogia crítica e o corpo como objetos de pesquisa.

Também nesse período, conforme devidamente registrado no currículo *Lattes*, proferi palestras no Brasil e no exterior, exarei pareceres para periódicos, congressos e órgãos de fomento, fui jurado de bancas de concurso público para contratação de professor, de conclusão de curso de mestrado e de doutorado, recebi premiações com meus estudantes, entre outras atividades de caráter acadêmico.

Não posso deixar de sublinhar, além disso, os vários congressos em que estive na comissão organizadora, com captação de recursos nas agências de fomento, como FAPES e CAPES. Eu sempre gostei de organizá-los, pois eram espaços para encontrar velhos amigos e conhecer tantos outros. Meu *Lattes* registra um total de treze. Entre eles, saliento três “Congressos Espírito-Santenses de Educação Física” (em 2010, 2011 e 2022), tradicional encontro da Educação Física capixaba:

Figura 27 – Folder de divulgação dos eventos



Fonte: arquivo pessoal do autor

Também me envolvi com os eventos relacionados ao CBCE. O maior deles, “XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte”, com a temática “Territorialidade e a diversidade cultural no Brasil e na América Latina: conexões com a Educação Física e a Ciência do Esporte”, aliás, cara a minha trajetória.

Figura 28 – Folder do evento



Fonte: arquivo pessoal do autor

Abaixo reproduzo as placas que recebemos da Diretoria Nacional do CBCE em agradecimento à sua realização, bem como os dois livros organizados com as palestras proferidas nas mesas-redondas:

Figura 29 – Placas de reconhecimento e livros publicados



Fonte: arquivo pessoal do autor

Antes dele, não posso deixar de salientar o “VI Colóquio de Epistemologia da Educação Física”, em 2012, e o “V Fórum de Pós-Graduação em Educação Física do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte”, em 2014, todos realizados no CEFD/UFES. Na sequência, o material de divulgação e os livros que deles resultaram:

Figura 30 – Material de divulgação e livros publicados

Comitê Organizador
Emerson Luis Valério, UNICENTRO, Brasil
Felipe Quintão de Almeida, UFES, Brasil
Ivan Marcelo Gomes, UFES, Brasil

Comissão Científica
Dr. Art Lazzarotti Filho, UFG, Brasil
Dr. Edmilson Ferreira Pires, UFEN, Brasil
Dra. Luciana Marins Nogueira Pell, UFPEL, Brasil
Dr. Luiz Carlos Riggs, UFPEL, Brasil
Dr. Sidnei Pinhan da Silva, UNICEL, Brasil
Dr. Silvio Sánchez Gamba, UNICAMP, Brasil
Dra. Miri Rosane Santos da Silva, FURG, Brasil
Dra. Soraya Correa Domingues, UNIANDE, Brasil
Dr. Ricardo Raver, UNOCHAPECÓ, Brasil
Dr. Paulo Evaldo Fenstermaker, UNIRUL, Brasil
Ms. Eduardo Galati, UNDAV/UNLP, Argentina
Dr. Santiago Pich, UFSC, Brasil

Realização:


Apoio:


VI COLÓQUIO DE EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA
Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos

Data: 13 e 14 de dezembro de 2012
Local: CEFD/UFES



V Fórum de Pós-Graduação em Educação Física do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
Desafios e dilemas da Pós-Graduação em Educação Física na área 27
01 a 04 de agosto de 2014 – Vitória/ES

O V Fórum de Pós-Graduação em Educação Física do CBCE tem como objetivo construir um espaço permanente e qualificado para a discussão da pós-graduação em Educação Física no Brasil. Na quinta edição do Fórum, o tema geral é "Desafios e dilemas da Pós-Graduação em Educação Física na área 27". A programação abordará as dificuldades, as possibilidades, os desafios e as alternativas das políticas científicas em cursos no CNPq e nos Capes e suas reflexões na Educação Física.

PROGRAMAÇÃO	
1º dia (Quarta-feira)	
10h30	Abertura do Fórum
14h30	Mesa de abertura do fórum: Desafios e dilemas da Pós-Graduação em Educação Física no Brasil
18h30	Mesa de debates: Desafios e dilemas da Pós-Graduação em Educação Física contemporânea e perspectivas
2º dia (Quinta-feira)	
10h30	Mesa de debates: Desafios e dilemas da Pós-Graduação em Educação Física e a importância das pesquisas em diferentes áreas
14h30	Mesa de debates: Desafios e dilemas da pós-graduação em áreas científicas
18h30	Mesa de debates: Desafios e dilemas da Pós-Graduação em Educação Física em estudos curriculares e em EAD
3º dia (Sexta-feira)	
10h30	Mesa de debates: Desafios e dilemas da Pós-Graduação em Educação Física entre a produção acadêmica e a área de prática
14h30	Panel de debates: Pós-Graduação em Educação Física e o papel da área em diferentes disciplinas (Práticas físicas e sociais, "Epistemologia e ensino", "Metodologia da EAD e pesquisa", "Área e sociedade", "Interseções disciplinares", "Indicadores")
18h30	Panel de debates: Pós-Graduação em Educação Física: o papel da área em grupos de trabalho acadêmicos em EAD, "Prática e ensino", "Metodologia e pesquisa", "Interseções disciplinares", "Área e sociedade", "Interseções disciplinares", "Indicadores"
22h30	Encerramento do fórum

INFORMAÇÕES GERAIS
Local do evento: Universidade Federal do Espírito Santo - Universidade de Educação Física e Desporto
Endereço: Av. Fernando Ferrari, 150, Campus de Goiabeiras, Vitória/ES
Inscrições: Não há taxa de inscrição no fórum.
Para se inscrever envie os seguintes dados para o e-mail: inscricao@cbce.org.br
Forma de inscrição: Individual
Data de inscrição: Até 01/07/2014
E-mail de contato: inscricao@cbce.org.br
Telefone do contato: (51) 3333-1111
Instituição de origem: Para saber mais, acesse o site: www.cbce.org.br
Mais informações sobre o fórum: www.cbce.org.br ou inscricao@cbce.org.br

Fonte: arquivo pessoal do autor

Do ponto de vista da gestão acadêmica, minha trajetória não é copiosa. Isso não significa que não tenha participado de comissões internas, como o longo período representando o CEFD no Comitê de Ética em Pesquisa em Humanidades da UFES ou, mesmo, os anos atuando na comissão de estágio probatório e de progressão docente do CEFD. Mas o único cargo administrativo que assumi foi no âmbito do PPGEF/UFES, experiência que contou com a costuraria parceria de Ivan, uma das razões pela qual aceitei assumir compromisso de tal envergadura. Depois de uma década juntos no CEFD, éramos conhecidos como fiéis escudeiros um do outro, pois fazíamos muitas atividades em estreita parceria. Ficamos quatro anos na condução desse programa, entre 2020 e 2024.⁵² Eu, nos dois anos iniciais, como coordenador principal, e Ivan adjunto. Nos dois anos seguintes, invertemos os papéis, mas sempre unidos e em estreita colaboração com a Andreia Chiabai Velten, personagem nevrálgica do nosso êxito.

⁵² Antes disso, estive no segundo semestre de 2017 como coordenador adjunto de um colega. Com sua saída do cargo, assumi a coordenação entre março e setembro de 2018, quando me afastei para o pós-doutoramento. Lembro-me, em algum momento, de pensar em desistir da licença capacitação para seguir na gestão (mas rapidamente mudei de ideia).

Apreendi muito no cargo, uma parte dele vivida em condições pandêmicas, com desafios inéditos à vida universitária. Além de desenvolver a capacidade de coordenar reuniões do colegiado, de administrar problemas diversos com estudantes e docentes, de mediar diferenças de entendimento a respeito de uma questão polêmica qualquer, pude conhecer detalhadamente o funcionamento da pós-graduação *stricto-sensu* no Brasil, em processo de alteração graças à mudança em sua política de avaliação, que transitava do paradigma baseado, fundamentalmente, na produção de artigos científicos para um modelo multidimensional centrado na qualidade da formação e no impacto social da ciência produzida nas universidades. Nesse sentido, foi muito importante frequentar os encontros promovidos pela coordenação da Área 21, entre os quais destaco três “Fóruns Nacionais de Coordenadores de Pós-Graduação”, duas reuniões dos coordenadores da Área 21 e um “Seminário de Meio-Termo”.

Neste contexto, como descrevi com Ivan em outro lugar (Gomes; Almeida, 2026), construí minha própria visão da nova política da CAPES e das mediações operadas pelos coordenadores da Área 21. Ela ecoou para um público mais amplo no “Encontro Temático Impactos da Avaliação da Área 21 (2017/2020) sobre a produção de pesquisadores das subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física”, um evento virtual, realizado em 2022, pelo “Fórum de Pesquisadores das Subáreas Sociocultural e Pedagógica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte” (CBCE). A publicação resultante da análise (Almeida; Gomes, 2023) nesse Fórum do CBCE foi depois atualizada com a participação na conferência “Educação Física/Ciências do Esporte no Brasil: qual ciência, para qual progresso? (CBCE)”, no âmbito da 77ª Reunião Anual da SBPC, em Recife/PE.⁵³ Ainda que essa reflexão tenha ocorrido após o término da gestão, ela foi muito influenciada pelos diálogos que estabeleci com Ivan durante os quatro anos da coordenação do PPGEF/UFES.

Além das inúmeras atividades rotineiras de um coordenador, sublinho a realização, no final do quadriênio 2020-2024, de um seminário como parte da estratégia de autoavaliação do programa:

Figura 31 – Folder de divulgação

⁵³ Para maiores detalhes do argumento aí desenvolvido, consultar Almeida (2025b).



Fonte: arquivo pessoal do autor

Esta iniciativa era um desejo previsto no plano de trabalho de nossa candidatura ao PPGEF, em 2020. O projeto, levado a cabo no final da nossa gestão, foi ótimo para debater os pontos fortes, os desafios e/ou limites do programa considerando a política em curso. Ao mesmo tempo, a jornada foi frutífera para discutir nossa identidade, tema particularmente importante já que, conforme a nova política da CAPES (Brasil, 2025), a definição da excelência na pós-graduação deveria estar diretamente vinculada ao perfil autodeclarado de cada programa. Nesse caso, entendíamos que seria muito importante construir uma compreensão de excelência baseada em nosso próprio DNA, naquilo que tinha (e ainda tem) caracterizado a atuação do PPGEF/UFES naquelas últimas duas décadas.

Além da gestão acadêmica de um programa, desempenhei funções administrativas na principal entidade científica da Educação Física brasileira: o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Além de organizar eventos dessa instituição, exerci cargos diversos na associação. Minha relação com ela, conforme descrevi antes, começou ainda na graduação, oportunidade para frequentar seus congressos. Os dois primeiros foram em Caxambu, oportunidade para viajar de ônibus até a cidade mineira. Em uma delas, em setembro de 2003, lembro-me que Valter e Fernanda viajaram com Kalinda e Loic, que nascera meses antes.

Hoje fico pensando: que coragem desses pais em fazer esse trajeto com os estudantes, em um ônibus sem as melhores condições de conforto!!! Mas foi só no Conbrace de 2007, em Recife, que assumi um primeiro cargo no CBCE, ao compor o comitê científico do GTT Epistemologia, do qual era frequentador assíduo desde 2001. Homero Luis de Alves Lima, um dos principais nomes daquele GTT à época, fez a sugestão, acatada pelos demais membros. Permaneci nessa função até 2025, quando solicitei minha retirada dessa comissão.

Entre 2010 e 2014, atuei na Secretaria Estadual do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte no Espírito Santo. O primeiro biênio como coordenador. O segundo como vice-secretário. Fui coordenador adjunto GTT Epistemologia nas gestões 2011-2013 e 2017-2019. Entre 2019 e 2021, fui o coordenador do referido grupo. Entre 2013 e 2017, atuei como Diretor Científico do CBCE (2013-2017). Essa variedade de afazeres me permitiu conhecer a entidade “por dentro”, em suas diferentes funções. Também me deu muita visibilidade nos seus fóruns e me possibilitou aprender com os tarimbados colegas que orbitavam em torno das pautas progressistas do CBCE para a Educação Física e, por extensão, para a sociedade brasileira.

Na relação com o CBCE, merece sublinhar o convite que recebi do Alexandre Vaz para apoiá-lo na “Revista Brasileira de Ciências do Esporte” (RBCE). Na ocasião eu era seu estudante de doutorado na UFSC. Alex e Marcus Taborda de Oliveira, na segunda gestão de Fernando Mascarenhas (2007-2009), foram chamados a editar o periódico em substituição a Alex Branco Fraga e Silvana Goellner. Com meus amigos Jaison José Bassani e Ana Cristina Richter, assumi o compromisso com os recém-empossados editores, conforme pode-se ver na primeira edição sob a responsabilidade da nova equipe, em 2008:

Figura 32 – Contra capa da RBCE



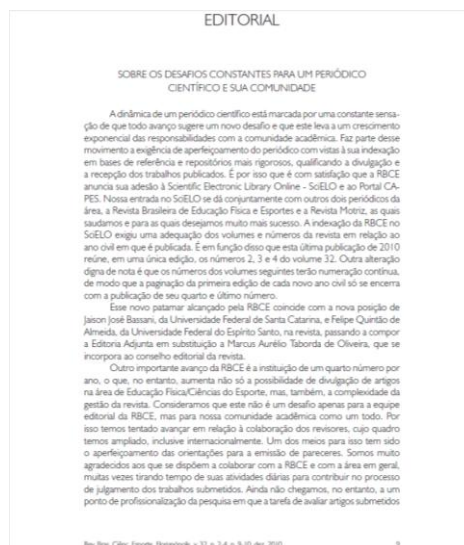
Fonte: arquivo pessoal do autor

Mal o grupo acabara de assumir a RBCE, já atuávamos na criação de um novo periódico. Foi assim que, em setembro de 2009, foi publicado o primeiro exemplar da nova revista do CBCE: “Cadernos de Formação da RBCE”. Ela nasceu com a pretensão de “[...] dialogar diretamente com o cotidiano daqueles que atuam no magistério, não apenas com seus fazeres, mas muito em função das possibilidades de reflexão que emergem das práticas e que sobre elas se debruçam” (Vaz; Oliveira, 2009, p. 7). O grupo reunido em torno do Núcleo, portanto, tinha naquele momento a responsabilidade de editar os dois impressos do CBCE. Trabalho não faltava, razão pela qual Alexandre convocou Michele Carreirão Gonçalves para o apoio editorial nos Cadernos. Em algum momento também se uniu à equipe Lizandra Invernizzi, aí permanecendo por um longo período. Outros colegas também colaboraram, mas eu diria que os nomes aqui mencionados compuseram o núcleo duro de atuação no período que trabalhei nos dois impressos.

No último número de 2010, eu e Jaison fomos promovidos à editores adjuntos da RBCE, conforme anunciado no editorial.⁵⁴

Figura 33 – Editorial

⁵⁴ No caso dos Cadernos, eu e Jaison assinamos os editoriais a partir do primeiro número de 2011.



Fonte: arquivo pessoal do autor

Fiquei nessa condição até o último editorial escrito por nós três, oportunidade para concluirmos que:

A edição 40.1 encerra uma etapa no ciclo de vida da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Após 10 anos, passaremos a atividade de editoria para uma nova equipe. Em retrospectiva, avaliamos positivamente nossa atuação na condução da política científica do periódico, conscientes, todavia, de que ainda mais pode e deve ser feito. Enfrentamos muitos temas e tomamos várias decisões, sempre convictos de que fazíamos o melhor para a RBCE. Entre tantas ações, destacamos quatro linhas de conduta para caracterizar essa década como editores da RBCE: a busca pela profissionalização na editoração de periódicos científicos; o investimento pesado na internacionalização; a procura pela autonomia financeira; e, por fim, o protagonismo em relação às questões político-científicas que afetam o campo da Educação Física/Ciências do Esporte na atualidade. Todos esses atos estiveram, nesse tempo, registrados nos editoriais que assinamos, o que nos dispensa, aqui, de uma retomada (Vaz; Almeida; Bassani, 2018, s/p.).

Apesar do sucesso editorial da RBCE, no segundo semestre de 2017, o grupo decidiu que era hora de parar com aquela experiência. Na conversa com a Diretoria Nacional do CBCE, ficou acordado que Alexandre permaneceria nos Cadernos, local em que segue na companhia de Michele Carreirão Gonçalves como editora. De minha parte, confesso que estava cansado da rotina e do volume de tarefas editoriais, diariamente recordada pela abertura do e-mail. Foram várias conversas com Jaison, Ana e Alex a esse respeito. Também estava no meu horizonte a saída para o pós-doutorado, o que veio a concretizar-se durante 2018. Não queria ir para esse estágio com a responsabilidade das duas revistas aqui no Brasil.

Em síntese, eu jamais imaginaria que isso aconteceria quando, ainda estudante de graduação do CEFD, conversava com o professor Amarílio Ferreira Neto a respeito do ofício de editor, que ele exerceu entre 2000 e a primeira edição da RBCE de 2004. Vi muitos envelopes com artigos impressos e disquetes na sede da revista em Vitória, uma prática hoje inconcebível considerando o avanço dos processos de editoração. Vários anos depois, portanto, tive o privilégio de saber, graças ao Alexandre, como uma revista é produzida, de conhecer todo o ciclo avaliativo necessário para que um artigo seja escolhido para compor um número/volume. Essa experiência de gestão acadêmica foi enriquecedora, bastante formativa e me permitiu conhecer o campo da Educação Física em suas distintas subáreas, na multiplicidade epistemológica e política que caracteriza seus atores e autores.

Minha trajetória pessoal/profissional é impossível de ser compreendida sem essa etapa e, portanto, sem o CBCE e aqueles membros do Núcleo de Floripa reunidos em torno das duas revistas da instituição, motivo pelo qual sou muito grato a cada uma das pessoas com as quais trabalhei e convivi nesse período.

Palavras finais... Ou a espera de novos encontros

En todo aprender humano se da la experiencia de un
encuentro. Se aprende, sobre todo, más que un contenido,
una relación.

Fernando Bárcena Orbe; Joan-Carles Mèlich i Sangrà

Leio essa epígrafe e reconheço nela minha trajetória. Aprendi demasiado com os encontros narrados por este memorial. Ainda que transcorridos no fluxo intensivo da vida, sem a perspectiva ordenadora que um olhar à distância possibilita, busquei dar as experiências de meus encontros certa “coerência”, uma “emoção raciocinada” (Miceli, 2005), que muito bem pode ter sido ludibriada pela debilidade de minha memória e pela seletividade.

Assim sendo, organizei o memorial, antes dessas palavras finais, em três “seções”, que revelaram não só permanências, continuidades e rupturas no âmbito da pesquisa, do ensino e da gestão universitária, mas sobressaltei acontecimentos marcantes e amizades importantes que moldaram minha identidade pessoal e profissional. Nessa autoanálise, assumi que a vida é a arte do encontro, embora, como alertou o poeta Vinícius de Moraes, haja tanto desencontro. Nas minhas andanças, alguns desses encontros viraram desencontros, uma página virada, mas cujo conteúdo não se apaga com o passar do tempo.

Quis a “vida” que a escrita desse memorial acontecesse em um momento em que não sou mais professor do CEFD/UFES, pois solicitei minha redistribuição para a UNIVASF, em 2024, após a aprovação de Karen no concurso para cargo de docente efetivo da instituição. Um sonho conquistado! O desafio, depois deste fato tão almejado, era evitar que isso nos separasse como família.

Neste processo, os encontros, os amigos e as relações profissionais foram novamente determinantes para que tudo se alinhasse. Novamente contei com a sorte. A vaga que assumi no colegiado de Educação Física da instituição era ocupada pela professora Christiane Garcia Macedo, companheira de Bruno, meu ex-doutorando. Sim, aqueles que estiveram em Glasgow durante minha licença para estudos de pós-doc. Chris, vale dizer, prestou seu concurso na UNIVASF de algum modo influenciada por uma conversa que tive com ela em Vitória, onde vivia com Bruno. Contei a Chris que estive na UNIVASF para um processo seletivo e que tinha ficado positivamente impressionado com o que vi. Compartilhei a mesma impressão com Karen, a quem sugeri que a instituição seria um lugar a ser considerado para seus futuros concursos. Aliás, por coincidência, a UNIVASF teve como primeiro reitor José

Weber Freire Macedo, que havia ocupado esse posto na própria UFES por dois mandatos (1996-1999 e 2000-2003). Entre os colegas que vieram redistribuídos para a UNIVASF, estava Célio Pimenta, antigo docente do Departamento de Desportos, do CEFD/UFES.

Chris, à época docente de uma instituição particular, decidiu fazer a seleção, indo para Petrolina após sua aprovação, em 2018. Em 2023, ela decidiu concorrer a uma seleção para docente efetivo na UFMG, sendo aprovada na vaga da aposentadoria de Tarcísio Mauro Vago (Tatá), outro amigo muito querido (indicado como suplente para a defesa deste memorial). Se Tatá não se aposentasse e a Chris não desse o passo em direção a UFMG, nada seria possível. Antes de partir, tratou de iniciar as conversas, juntamente com Álvaro Rego Millen Neto (exatamente aquele que estava na sala do encontro de Niterói, assistindo à minha primeira apresentação de comunicação oral), para minha redistribuição na sua antiga vaga, o que efetivamente ocorreu em julho de 2024.

Figura 34 – Portaria e Ata



Fonte: arquivo pessoal do autor

Agradeço ao Colegiado de Educação Física da UNIVASF e ao Departamento de Ginástica do CEFD/UFES, que possibilitaram esse trânsito. A permuta deu início a uma nova travessia e, portanto, a encontros inéditos em uma nova Universidade, uma nova cidade, com novos colegas de trabalho, com novos amigos, em suma, com novas relações pessoais e profissionais a serem tecidas. Quem pisou na “Capital do Sertão” sabe como a família está feliz aqui.

No colegiado da UNIVASF, tratei de seguir trabalhando nos projetos que vinha desenvolvendo. Ivan, novamente, seguiu presente como amigo e parceiro de trabalho, pois

assumi oficialmente, junto à FAPES, a responsabilidade de dois editais em andamento. Isso me deu a tranquilidade necessária para vencer, em 2025, a vigência deles, ambos vinculados ao projeto da pedagogia crítica na América Latina. Aliás, foi um desdobramento deste Edital que me permitiu, no ano passado, obter uma bolsa de produtividade na “Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco” (FACEPE) e uma bolsa de iniciação científica na UNIVASF.

Do ponto de vista do ensino, assumi as disciplinas da vaga do concurso que ocupei. Por um lado, “Lazer”, que tem me exigido a apropriação de um campo antes marginal na minha história. Sempre é possibilidade de aprender. De outra parte, assumi “História da Educação Física”, conteúdo familiar, considerando minha própria trajetória de pesquisa desde a graduação. Nesse componente curricular, meu desafio não é só fazer os estudantes compreenderem a história da profissão e de seu campo acadêmico, mas desenvolver neles a competência de promoverem o ensino das práticas corporais de modo historicizado, ou seja, que sejam capazes de situar uma prática corporal em perspectiva histórica, atribuindo um significado. É o ato de contextualizar um acontecimento ou fenômeno histórico específico, considerando suas causas, consequências e relações com outros processos. Esse exercício, claro, remete ao meu modo de entender a especificidade da Educação Física. Como historicizar o ensino dos esportes e demais práticas corporais nas aulas de Educação Física escolar? Como fazer isso sem perder de vista que a Educação Física demanda corpos em movimento? A estratégia adotada pressupõe a realização de aulas práticas, oportunidade para historicizar o ensino das práticas corporais de movimento em aulas simuladas de Educação Física escolar.

No mestrado em Educação Física da UNIVASF, solicitei meu credenciamento durante 2025. Como consequência, desliguei-me, não sem tristeza, do PROEF polo-UFES, mas me mantive como docente permanente do PPGEF/UFES. Neste momento, portanto, concilio minhas atividades de pesquisa e ensino nos dois programas de pós-graduação em que atuo. Na nova casa, tenho dois orientandos e ministrei a disciplina “Didática do Ensino Superior”, outro campo de estudo cujo debate era pouco conhecido por mim. Em 2026/02, vou ministrar a disciplina “Pedagogia crítica da Educação Física nas Américas”, mais um desdobramento do projeto de pesquisa que coordeno.

Considerando minha prévia experiência na pós-graduação, atualmente componho as comissões de autoavaliação do PPGEF/UNIVASF e de APCN, pois, em janeiro, o PPGEF

recebeu a notícia de que migrou da nota três para a nota quatro, o que colocou a possibilidade de submeter, ainda em 2026, uma APCN para abertura do doutorado. Também sou representante da pós-graduação na CPPD da UNIVASF, cargo que já havia ocupado na UFES. No âmbito do colegiado da graduação, além do ensino, colaboro com a comissão da reforma curricular, considerando a vigência de uma nova diretriz (Resolução 04/2024) que orienta a formação de professores.

Neste recomeço pessoal e profissional, agora ao lado de Karen como colega de colegiado, novamente Valter e Alexandre marcaram sua presença, uma forma de dizer que continuamos juntos a despeito da nova “distância” física entre nós. E é com a divulgação da vinda deles na UNIVASF que finalizo meu memorial descritivo.

Figura 35 – Folder de divulgação



Fonte: arquivo pessoal do autor

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. O esporte no Colégio Estadual do Espírito Santo na década de 70: entre a reprodução e a produção de uma cultura escolar do esporte. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE DO ESPÍRITO SANTO, 1., 2002, Santa Teresa. *Identidade acadêmica e profissional da Educação Física brasileira*. Santa Teresa: [s.n.], 2002. p. 1–11.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter; GARCIA, S. P.; PIRES, R. M. S.; SILVA, M. S.; SANTOS, H. S.; ANGELI, E. N.; SILVA, E. B. C. E.; SOFISTE, A. F. A Educação Física escolar e o programa esporte na escola: possibilidades legitimadoras de um componente curricular. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE DO ESPÍRITO SANTO, 1., 2002, Santa Teresa. *Identidade acadêmica e profissional da Educação Física brasileira*. Santa Teresa: [s.n.], 2002. p. 1-11.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; TAVARES, O.; JUNIOR, V.; ALMEIDA, R.; DAGOSTINI, J.; MELLO, A. Grupo de trabalho em epistemologia da Educação Física no Espírito Santo: primeiras aproximações. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1., 2002, Santa Teresa. *Identidade acadêmica e profissional da Educação Física brasileira*. Santa Teresa: [s.n.], 2002. p. 1-9.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter; GARCIA, S. P.; PIRES, R. M. S.; SILVA, M. S.; ANGELI, E. N.; SILVA, E. B. C. E.; SOFISTE, A. F. Educação Física escolar e o programa esporte na escola: possibilidades legitimadoras de um componente curricular. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 6., 2002, Niterói. *Escola, Educação Física escolar e avaliação*. Niterói: [s.n.], 2002. p. 82–86.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GARCIA, S. P.; PIRES, R. M. S.; SILVA, M. S.; ANGELI, E. N.; SILVA, E. B. C. E.; SOFISTE, A. F.; BRACHT, Valter. Itinerários da Educação Física

na escola: o caso do Colégio Estadual do Espírito Santo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA DO ESPORTE, 1.; SEMANA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, 16., 2003, Maringá. *Educação Física e esportes: novas tendências e proposições*. Maringá: [s.n.], 2003. p. 60.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; SILVA, Mauro Sérgio; MORAES, Cláudia Emília Aguiar; PANCIERI, Tiago Zanoti. A capoeira como conteúdo escolar: uma introdução à cultura afro-brasileira. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, 3., 2003, Niterói. *Relações raciais e educação: saberes, políticas e perspectivas*. Niterói: [s.n.], 2003. p. 96.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Modernidade versus pós-modernidade: desafios para uma pedagogia crítica da Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 13., 2003, Caxambu. *25 anos de história: o percurso do CBCE na Educação Física brasileira*. Campinas: CBCE, 2003. p. 1-8.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Educação Física e subjetividade: onde está o desta relação? In: JORNADA CIENTÍFICA SALESIANA, 1., 2003, Vitória. *Anais [...] Vitória*: [s.n.], 2003. p. 91.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Notas para (re)pensar o pós-moderno na Educação Física: uma reflexão à luz de Zygmunt Bauman. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 23.; COLÓQUIO DE EPISTEMOLOGIA DO CBCE, 2., 2004, Pelotas. *A produção do conhecimento em educação física, esporte e lazer*. Pelotas: Seiva, 2004. p. 37.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. *Pós-modernidade e Educação (Física): primeiras aproximações com a obra de Zygmunt Bauman*. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Pós-modernidade e educação: reflexões a partir da obra de Zygmunt Bauman. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO

ESPORTE, 2., 2004, Vitória. *Perspectivas pedagógicas da Educação Física e Ciências do Esporte em debate*. Vitória: [s.n.], 2004.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. O sujeito educacional em crise e a (re)descoberta do corpo: desafios à prática educacional. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE), 12., 2004, Curitiba. *Conhecimento local e conhecimento universal*. Curitiba: [s.n.], 2004. p. 163–169.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Os desafios pós-modernos ao campo da educação (física): uma reflexão à luz de Zygmunt Bauman. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2., 2004, Vitória. *Produção do conhecimento e práticas educativas*. Vitória: [s.n.], 2004. p. 67.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter. A educação física como componente curricular e o discurso legitimador. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 14., 2004, Vitória. *XIV Jornada de Iniciação Científica*. Vitória: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2004.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Da modernidade sólida à modernidade líquida: incursões na sociologia da pós-modernidade de Zygmunt Bauman. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1., 2005, Porto Alegre. *Ciência para a vida*. Porto Alegre: CBCE, 2005. p. 1393–1402.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; MORAES, Cláudia Emília Aguiar; BRACHT, Valter; PAIVA, Fernanda; COELHO, Rosemary. Educação Física e discurso legitimador. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1., 2005, Porto Alegre. *Ciência para a vida*. Porto Alegre: CBCE, 2005. p. 2150–2160.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Educação crítica pós-Auschwitz: a dialética entre formação cultural e barbárie segundo Theodor W. Adorno e Zygmunt Bauman. In: CONGRESSO

INTERNACIONAL A INDÚSTRIA CULTURAL HOJE, 1., 2006, Piracicaba. *A Indústria Cultural hoje*. Piracicaba: Programa de Pós-Graduação em Educação/UNIMEP, 2006.

ALMEIDA, Felipe Quintao de. Pedagogia crítica da Educação Física no jogo das relações de poder. *Movimento*, v. 12, p. 141-164, 2006.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Bauman entre Habermas e Rorty na virada linguística: algumas implicações para a prática pedagógica em educação física. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007, Recife. *Política científica e produção do conhecimento em educação física*. Recife: EDUPE, 2007. p. 110.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Educação Física, corpo e epistemologia: uma leitura com o filósofo José Nuno Gil. *Atos de Pesquisa em Educação (FURB)*, v. 7, p. 329-344, 2012.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Valter Bracht. *Motrivivência* (Florianópolis), v. 40, p. 207-209, 2013.

ALMEIDA, Felipe Quintao de. Bauman entre Habermas e Richard Rorty: interpretações.... *Impulso: Revista de Ciências Sociais e Humanas*, v. 25, p. 53-67, 2015.

ALMEIDA, Felipe Quintao de. Pedagogia crítica e educação física: uma leitura com Axel Honneth. *Motrivivência*, v. 29, p. 181-196, 2017.

ALMEIDA, Felipe Quintao de. Entre o passado e o futuro: uma descrição da pedagogia crítica da Educação Física na literatura anglófona. *Movimento*, v. 25, p. 1-13, 2019.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Entre o desejo de jogar e o prazer de torcer: algumas reminiscências. In: RICHTER, Ana Cristina; BASSANI, Jaison José (org.). *Memórias do futebol: infâncias em jogo*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020. p. 49-58.

ALMEIDA, Felipe Quintao de. Pedagogia crítica da Educação Física: uma análise comparada entre o Brasil e a literatura anglófona. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 42, p. 1-7, 2020.

ALMEIDA, Felipe Quintao de. Estudos sociocríticos e/ou pedagogias críticas em Educação Física: na, da ou desde a América Latina?. *Agora para a Educacion Fisica y el Deporte*, v. 23, p. 119-129, 2021a.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Organismo, corpo e linguagem na educación corporal. *Revista Conexões*, v. 19, p. e021019, 2021b.

ALMEIDA, Felipe Quintao de. Pedagogia crítica, saúde e pandemia: uma leitura com David Kirk. *Motrivivência*, v. 34, p. 1-12, 2022.

ALMEIDA, Felipe Quintao de. Desafios de uma epistemologia decolonial na Educação Física. *Movimento*, v. 31, p. 1-16, 2025a.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Qualis-periódicos e a excelência na pós-graduação: uma reflexão sobre o novo Documento da Área 21. In: ALMEIDA, Felipe Quintão de; EUSSE, Karen Lorena Gil; GALAK, Eduardo; MALINA, André; GOMES, Ivan Marcelo (Org.). *Pós-Graduação em Educação Física na América Latina: estado atual e desafios futuros*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2025b. p. 35-57.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; BRACHT, Valter. Educación física, pedagogía crítica y transformación social: la experiencia brasileña. *Tándem: didáctica de la Educación Física*, v. 67, p. 39-44, 2020.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter; VAZ, Alexandre Fernandez. Classificações epistemológicas na Educação Física: redescrições. *Movimento*, v. 18, p. 241-263, 2012.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; BRACHT, Valter; VAZ, Alexandre Fernandez. *Movimento, Educação física, pedagogia crítica e ideologia: gênese e interpretações.*, v. 21, p. 317-331, 2015.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; EUSSE, K. L. G. Educação Corporal: uma análise comparada entre Argentina e Colômbia. *Educación Física y Ciencia*, v. 20, p. 1-14, 2018.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; EUSSE, K. L. G. Educação Física, linguagem, corpo. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, v. 3, p. 46-57, 2020.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; EUSSE, Karen Lorena Gil. Pedagogia crítica, saúde e precariedade: uma interpretação desde a Educação Física escolar brasileira. *Motrivivência*, v. 35, p. 1-12, 2023.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; EUSSE, Karen Lorena Gil. (Re)describiendo la decolonialidad en la Educación Física brasileña: ambigüedades y críticas. *Staps*, v. 45, p. 73-89, 2024.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; EUSSE, Karen Lorena Gil. Educação Física e decolonialidade: descrição e desafios. In: LARA, Larissa; SÁ, Ariane Boaventura da Silva; MARANI, Vitor (orgs.). *Estudos culturais físicos e diálogos decoloniais: desafios que atravessam a relação corpo, cultura e poder*. Maringá: Eduem, no prelo, p. 238-273.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; EUSSE, Karen Lorena Gil; GALAK, Eduardo; MALINA, André.; GOMES, Ivan Marcelo. *Pós-Graduação em Educação Física na América Latina: estado atual e desafios futuros*. Curitiba: CRV, 2025.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo. Sobre corpo, reflexividade e poder: um diálogo entre Anthony Giddens e Michel Foucault. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte / II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007, Recife. *Política científica e produção do conhecimento em educação física*. Recife: EDUPE, 2007. p. 90.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo (Org.). *Valter Bracht e a Educação Física: um pensamento em movimento*. 1. ed. Ijuí/Vitória: Unijuí/Edufes, 2014. v. 1. 328 p.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo. Do mestrado acadêmico ao profissional – as subáreas sociocultural e pedagógica em foco: percepções de coordenadores sobre a produção de pesquisadores quanto à transição de uma avaliação mais qualitativa. In: TELLES, S.; BAPTISTA, T. J. R.; COSTA, M. C. S.; SANTOS, S. M. (Org.). *Avaliação e panorama das subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física: periódicos, mestrado profissional e produção docente (2017-2020)*. Uberlândia: Navegando Publicações, 2023. v. 1, p. 66-79.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; GOMES, Ivan Marcelo SAMPAIO, Amanda Furlan; MARINOTTE, Arielle. O corpo como tema da produção do conhecimento: uma análise em cinco periódicos da educação física brasileira. *Movimento*, v. 24, p. 133-146, 2018a.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; GOMES, Ivan Marcelo; SAMPAIO, A. F.; MARINOTTE, Arielle; ROSSINI, Sérgio. O corpo como tema da produção do conhecimento: uma análise bibliométrica em cinco periódicos da educação física brasileira. *Movimento*, v. 24, p. 427-440, 2018b.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. *Bauman e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. *Epistemologia da Educação Física*. Brasília: Universidade Aberta do Brasil; Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; KIRK, David. Pedagogia crítica e 'estudos sociocríticos' no Brasil e na literatura anglófona. *Perspectiva*, v. 38, p. 1-21, 2020.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter; GHIDETTI, F. F. A presença da fenomenologia na educação física brasileira: implicações para o estudo do corpo e outras problematizações. *Educación Física y Ciencia*, v. 15, p. 1-16, 2013.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; VAZ, Alexandre Fernandez. Do giro lingüístico ao giro ontológico na atividade epistemológica em educação física. *Movimento*, v. 16, p. 11-28, 2010.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; VAZ, Alexandre Fernandez. (Re)descrevendo Foucault: com Rorty, contra Rorty. *Trans/Form/Ação*, v. 34, p. 193-214, 2011.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; VAZ, Alexandre Fernandez. Richard Rorty e a agenda pós: críticas, interpretações, redescrições. *Educação em Revista*, v. 27, p. 295-324, 2011.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; VAZ Alexandre Fernandez. Richard Rorty e a filosofia da educação: uma análise da recepção marxista. *Educação e Realidade*, v. 38, p. 249-270, 2013.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação crítica e modernidade líquida: Bauman leitor de Adorno. *Práxis Educativa*, v. 20, p. 1-9, 2025.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; VAZ, Alexandre Fernandez. Pensamento decolonial na Educação Física brasileira: descrição e crítica de um emergente campo de pesquisa. *Sport, Education and Society*, (em avaliação).

BÁRCENA, Fernando; MÈLICH, Joan-Carles. *La educación como acontecimiento ético: natalidad, narración y hospitalidad*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRACHT, Valter. *Educação física e ciência: cenas de um casamento infeliz*. Ijuí: Unijuí, 1999.

BRACHT, Valter. Educação física, método científico e reificação. In: STIGGER, Marco Paulo (Org.). *Educação Física + Humanas*. São Paulo: Autores Associados, 2015. p. 1-21.

BRACHT, Valter. Educação Física escolar na América Latina. In: SILVA, Paula Cristina da Costa; GEREZ, Alessandra Galve.; NASCIMENTO, Ana Cláudia Silverio; SILVA, Bruno de Oliveira; LOUREIRO, Fábio L.; ALMEIDA, Felipe Quintão de; MACHADO, Gabriela; GOMES, Ivan; COSTA, Juliana; MORO, Luize; COSTA, Marcelo; RECHIA, Simone (Org.). *Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e as Ciências do Esporte*. Florianópolis/SC: Tribo da Ilha, 2016. v. 1, p. 71-98.

BRACHT, Valter. *Educação Física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser*. Ijuí: Unijuí, 2019.

BRACHT, Valter. *Educação Física e aprendizagem social*. Ijuí: Unijuí, 2023.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de; SILVA, M. S.; SOFISTE, A. F.; PIRES, R. M. S.; ANGELI, E. N.; SILVA, E. B. C. E.; GARCIA, S. P. Itinerários da educação física na escola: o caso do Colégio Estadual do Espírito Santo. *Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 9–21, 2005.

BRACHT, Valter; CRISORIO, Ricardo (org.). *A educação física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas*. Campinas: Autores Associados, 2003.

BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; MORAES, Cláudia Emília Aguiar; ALMEIDA, Felipe Quintão de; GHIDETTI, Filipe Ferreira; GOMES, Ivan Marcelo; ROCHA, Maria Celeste; MACHADO, Thiago da Silva; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. *Movimento*, v. 17, p. 11-34, 2011.

BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; MORAES, Cláudia Emília Aguiar; ALMEIDA, Felipe Quintão de; GHIDETTI, Filipe Ferreira; GOMES, Ivan Marcelo; MACHADO, Thiago da Silva; ROCHA, Maria Celeste; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; FERNANDEZ, Erivelton. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte II. *Movimento*, v. 18, p. 11-37, 2012.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 24, n. 3, p. 87-101, maio 2003.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. *Emancipação e diferença na educação: uma leitura com Bauman*. Campinas: Autores Associados, 2006.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. O giro pragmático, a educação e a educação física: o que extrair do debate Rorty-Habermas? In: *XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte*, 2007, Recife. Política científica e produção do conhecimento. Recife: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. v. 1, p. 1.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. O debate Rorty/Habermas: implicações para a relação entre a teoria e a prática pedagógica na educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 123–136, maio 2008.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. A virada pragmática e a educação: implicações do debate entre Richard Rorty e Jürgen Habermas. In: Márcia Chaves-Gamboa; Silvio Sánchez Gamboa. (Org.). *Teorias e pesquisas em educação: os pós-modernismos*. Alagoas: Editora Universitária UFAL, 2011a, p. 39-62.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. A virada pragmática e a educação: implicações do debate entre Richard Rorty e Jürgen Habermas. *Educere et Educare*, v. 6, p. 1-18, 2011b.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintao de. Pedagogia crítica da Educação Física: dilemas e desafios na atualidade. *Movimento*, v. 25, p. e25001, 2019.

BRACHT, Valter; GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Por uma Sociologia (ainda) crítica do esporte nas Américas: o papel dos intelectuais e das associações científicas. *Movimento*, v. 20, p. 31-42, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes comuns da Avaliação de Permanência dos Programas de Pós-Graduação Stricto-Sensu*. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, 2025.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177–229, 1990.

CORREIA, Elder Silva; ZOBOLI, Fábio; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Filosofia da tecnologia e Educação Física: tensões a partir do corpo. *Motrivivência (Florianópolis)*, v. 26, p. 287, 2014.

CORREIA, Elder Silva; ZOBOLI, Fábio; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Educação Física, ontologia marxista e materialismo sem corpo. *Revista Conexões*, v. 21, p. 1-17, 2023.

CORREIA, E. S.; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Por uma Educação Física da ordem da potência: o que pode o corpo em movimento? *Revista Motrivivência*, v. 32, p. 1-19, 2020.

COSTA, Marcelo Gomes; ALMEIDA, Felipe Quintão de. O corpo intensivo e a educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Online)*, v. 40, p. 3-9, 2018.

COSTA, Marcelo Gomes; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Plano de imanência e linguagem: a distância daquilo que “podemos” no campo das práticas corporais de movimento. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 43, p. 1-7, 2021.

CRUZ, G. A. *De olho na eternidade: a construção do arquivo privado de Antônio Carlos Jobim*. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008.

CULPI, Levir. *Um burro com sorte*. 1. ed. [S.l.: s.n.], 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359–371, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2026.

EUSSE, Karen Lorena Gil. *Tradição, crítica e renovação na Educação Física colombiana*. 2020. Tese (Doutorado em Educação Física) — Centro de Educação e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

FARIA, Bruno de Almeida; BRACHT, Valter; MACHADO, Thiago da Silva; MORAES, Cláudia Emília Aguiar; ALMEIDA, U. R.; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Inovação pedagógica na educação física: o que aprender com práticas bem-sucedidas. *Ágora para la Educación Física y el Deporte*, Valladolid, v. 12, n. 1, p. 11–28, 2010.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. *A Educação Física na crise da modernidade*. Ijuí: Unijuí, 2001.

FERREIRA NETO, Amarílio; SCHNEIDER, Omar; AROEIRA, Kalline Pereira; BOSI, Fábio; SANTOS, Wagner dos. *Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930–2000)*. Vitória: Proteoria, 2002.

FIGUEIREDO, Zenólia Christina. Experiências Sociocorporais e Formação Docente em Educação Física. *Movimento*, v. 14, p. 85-110, 2008.

FIGUEIREDO, Priscilla Kelly. A história da Educação Física e os primeiros cursos de formação superior no Brasil: o estabelecimento de uma disciplina (1929-1958). 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GALAK, Eduardo; ZOBOLI, Fábio.; ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo. O corpo no campo acadêmico da educação física na Argentina e no Brasil: crítica e renovação da disciplina. *Revista da Alesde*, v. 9, p. 79-90, 2018.

GHIDETTI, Filipe Ferreira; ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter. A presença da fenomenologia na/da Teoria do Se-Movimentar Humano. *Pensar a Prática*, v. 16, p. 896-902, 2013.

GHIDETTI, Filipe Ferreira; ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter. Merleau-Ponty, linguagem e a fenomenologia na educação física. *POIÉISIS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (Unisul)*, v. 8, p. 318-333, 2014.

GOMES, Ivan Marcelo (Org.); GALAK, Eduardo (Org.); ALMEIDA, Felipe Quintão de (Org.); GOMEZ, William Moreno. (Org.). *Sentidos y prácticas sobre la educación y los usos del cuerpo: intercambios académicos entre Argentina, Brasil, Colombia y Uruguay*. La Plata/Vitória: Universidad Nacional de La Plata/EDUFES, 2019.

GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão de; MORAES, Cláudia Emília Aguiar; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro. *O esporte na cidade: capítulos de sua história em Vitória*. Vitória: Editora da UFES, 2014.

GOMES, Ivan Marcelo Gomes; ALMEIDA, Felipe Quintão. *A nova política de avaliação da CAPES e a gestão do PPGEF/UFES (2020-2024): desafios e dificuldades*. Texto inédito. Vitória, 2026.

GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão de; VELOZO, Emerson Luís. *Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos para a Educação Física*. 1. ed. Novo Hamburgo: Nova Harmonia/Nova Petrópolis, 2013.

GOMES, Carlos Eduardo de Almeida; SILVA, Gustavo da Motta; ANACLETO, Francis Natally de Almeida. A entrada no curso de Educação Física: perspectivas sobre os motivos de escolha. *Revista de Educação Pública*, v. 31, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://educa.fcc.org.br/pdf/repub/v31/2238-2097-REPUB-31-e12517.pdf>.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 259-284.

KIRK, David. *Precarity, critical pedagogy and physical education*. London: Routledge, 2020.

KIRK, David; ALMEIDA, Felipe Quintao de; BRACHT, Valter. Pedagogia crítica da Educação Física: desafios e perspectivas contemporâneas. *Movimento*, v. 25, p. e25061, 2019.

LOVISOLO, H. R. A política de pesquisa e a mediocridade possível. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 97-114, 2003.

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; MORAES, Cláudia Emília Aguiar; ALMEIDA, U. R.; ALMEIDA, Felipe Quintão de. As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 129–147, 2010.

MICELI, Sérgio. Introdução: a emoção raciocinada. In: BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 7-20.

MORAES, Vinícius de; POWELL, Baden. *Samba da bênção*. In: MORAES, Vinícius de; POWELL, Baden. *Os Afro-Sambas*. Rio de Janeiro: Forma, 1966. 1 disco sonoro.

NASCIMENTO, Amarilton.; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Vivência, linguagem e o ensino das práticas corporais na Educação Física escolar: uma leitura com Nietzsche. *Revista Movimento*, v. 31, p. e31044-16, 2025.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. *A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência*. Ano. 2001 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – PUC, São Paulo, 2001.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2008. p. 27-42.

RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SILVA, Paula Cristina da Costa; GEREZ, Alessandra Galve.; NASCIMENTO, Ana Cláudia Silverio; SILVA, Bruno de Oliveira; LOUREIRO, Fábio L.; ALMEIDA, Felipe Quintão de; MACHADO, Gabriela; GOMES, Ivan; COSTA, Juliana; MORO, Luize; COSTA, Marcelo; RECHIA, Simone (Org.). *Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e as Ciências do Esporte* (Org.). Florianópolis: Tribo da Ilha, 2016. Volume 1.

SILVA, Paula Cristina da Costa; GEREZ, Alessandra Galve.; NASCIMENTO, Ana Cláudia Silverio; SILVA, Bruno de Oliveira; LOUREIRO, Fábio L.; ALMEIDA, Felipe Quintão de; MACHADO, Gabriela; GOMES, Ivan; COSTA, Juliana; MORO, Luize; COSTA, Marcelo; RECHIA, Simone (Org.). *Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e as Ciências do Esporte* (Org.). Florianópolis: Tribo da Ilha, 2016. Volume 2.

SILVEIRA, Raquel da. *Vivendo Ciências: as (co)existências de diferentes ontologias científicas da Educação Física*. 2016. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/148296>.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma nova história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2003. p. 231-269.

SPARKES, Andrew C.; DEVÍS DEVÍS, José. La crisis de identidad de un estudiante universitario de educación física: un estudio biográfico. In: DEVÍS DEVÍS, José (coord.). *La educación física, el deporte y la salud en el siglo XXI*. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2001. p. 87-100.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO. Conselho Universitário. *Resolução n. 04/2024*, de 2024. Estabelece os critérios de avaliação do desempenho funcional dos docentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco, para fins de promoção para a Classe E da Carreira de Magistério Superior, com denominação de Professor Titular. Petrolina, 2024. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/cppd/cppd/processos/documentos-processos/resolucao-04-2024-titular.pdf/view>

VAZ, Alexandre Fernandez; ALMEIDA, Felipe Quintão de; BASSANI, Jaison José. *O fim de uma etapa... 10 anos de edição da RBCE*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

VAZ, Alexandre Fernandez. Entre o passado e o futuro: rupturas, novos caminhos e atualidade de Educação Física e aprendizagem social, de Valter Bracht. In: BRACHT, Valter. *Educação Física e aprendizagem social*. Ijuí: Unijuí, 2023. Prefácio.

VAZ, Alexandre Fernandez; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. Cadernos de Formação RBCE – um novo projeto. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, n. 1, 2009, p. 7-8.

ZOBOLI, Fábio; ALMEIDA, Felipe Quintão de; BORDAS, Miguel Ángel Garcia. Corpo e Educação: algumas questões epistemológicas. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 9, p. 57-70, 2014.

Anexo I

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCAÇÃO E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Ao Colegiado do PPGE/UFSC

À comissão de avaliação de *upgrade*

De: Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz

ASSUNTO: Processo de promoção do mestrando Felipe Quintão de Almeida (*Educação, História e Política*).

Prezados/as Colegas,

Felipe Quintão de Almeida é mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC – Linha de pesquisa *Educação, História e Política* – desde o primeiro semestre de 2005, onde desenvolve, sob minha orientação, a pesquisa *Os dilemas da formação e da crítica pós-Auschwitz: uma reflexão a partir do diálogo entre Theodor W. Adorno, Zygmunt Bauman e Giorgio Agamben*. Ela compõe o projeto integrado, por mim dirigido, denominado *Teoria Crítica, racionalidades e educação*. O projeto tem recebido financiamentos da FAPESC (Auxílio Pesquisa, Bolsa de iniciação científica), do CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Auxílio Pesquisa dos Editais de Ciências Humanas e Sociais 2004 e Universal 2006, Bolsas PIBIC/CNPq/UFSC, Bolsa de Apoio Técnico e Bolsas de IC Júnior) e do FUNPESQUISA/UFSC (2003). Dele participam doutorandos, mestrandos, bolsistas PIBIC/CNPq-BIP/UFSC.

O acompanhamento do trabalho de Felipe me leva a sugerir sua promoção para o doutorado. Considero que Felipe tem plenas condições de atuar nesse novo plano da pós-graduação. Baseio-me principalmente na elaboração complexa e no caráter inédito da proposta, na qualidade das reflexões e do aparato teórico-metodológico que apresenta não apenas em seu projeto de pesquisa, mas em vários outros trabalhos que ele tem desenvolvido

nos últimos quatro anos. Conheço-o desde 2002, quando ganhou bolsa de iniciação científica durante seu curso de licenciatura em Educação Física realizado na Universidade Federal do Espírito Santo. Felipe trabalhou na UFES até o final de 2004 sob a orientação do Prof. Dr. Valter Bracht, um dos principais pesquisadores da área de Educação Física no Brasil. Com ele Felipe publicou, já em 2003, artigo no periódico brasileiro mais importante da área de Educação Física e também, muito recentemente, um livro, pela editora Autores Associados, que é o resultado modificado de sua monografia de conclusão de curso de graduação, um trabalho já de enorme fôlego. O projeto de pesquisa ora apresentado é, portanto, resultado de um processo de formação e amadurecimento que vem desses anos de trabalho. A leitura do memorial circunstanciado e do currículo lattes oferece as informações necessárias para confirmar esta avaliação.

O desempenho acadêmico de Felipe em nosso programa é notável, desde a seleção no final de 2004 – quando foi aprovado em primeiro lugar, com nota máxima em todas as provas –, passando pelos seminários e chegando aos trabalhos publicados ou em avaliação em periódicos nacionais, e mesmo internacionais. Afirmo isso observando também a disciplina intelectual de Felipe, um aluno sempre aberto a novos conhecimentos e com uma admirável capacidade de trabalho em distintas frentes.

O projeto que Felipe apresenta dá prosseguimento ao estudo acima referido. O foco, no entanto, desloca-se e alcança um grau de complexidade ainda maior. Trata-se agora de verificar os dilemas de sobrevivência da crítica (Kritik) e da formação (Bildung) no contemporâneo a partir da leitura (e das leituras) de três de seus intérpretes: Theodor W. Adorno, Zygmunt Bauman e Giorgio Agamben. Essa leitura não se propõe linear ou meramente descritiva, mas procura mergulhar nas conexões e sombras, nas margens dessas obras a partir de um ponto que elas têm em comum, a experiência da barbárie, materializada e representada pelo *Shoa*, como ferida que não cicatriza no pensamento e na formação contemporâneos. Esse movimento acompanha a dinâmica do pensamento desses autores, ao procurar delimitar seus percursos metodológicos, suas interfaces – ocultas, declaradas, críticas – e o alcance de cada um dos projetos de crítica à racionalidade contemporânea.

Ultrapassando a dimensão do *comentário*, trata-se de um projeto em desenvolvimento que supera os limites do mestrado, indicando, uma vez que as condições para sua execução estão postas, a alternativa do doutorado. Avalio que se trata de um trabalho a trazer muitas contribuições para a área de Fundamentos da Educação, e o estágio em que se encontra, com

dois sólidos, mas ainda em desenvolvimento, capítulos sobre Adorno e Bauman, dá uma indicação dessa condição. Se já temos algum acúmulo sobre as contribuições de Adorno ao quadro investigado por Felipe, mantém-se lacunar uma análise mais pormenorizada de Bauman e Agamben e, por outro lado, do próprio Adorno em confrontação com outros autores.

Por todos esses elementos que acima aponte, não tenho dúvidas em solicitar o *upgrade* de Felipe Quintão de Almeida ao doutorado.

Florianópolis, 25 de agosto de 2006.

Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz

Anexo II

Primeiro e-mail enviado ao professor Ricardo Lucena

Olá, professor Ricardo Lucena. Espero que o senhor esteja bem! Aqui quem escreve é Felipe Quintão de Almeida (orientando do Valter). Seu aluno da graduação na UFES e integrante, como o senhor durante o período em que estive em Vitória, do LESEF. Nos encontramos rapidamente no CONBRACE do ano passado e trocamos algumas palavras. Não sei se o senhor se recorda. Como disse naquela ocasião, faço mestrado em educação com o professor Alexandre Vaz na UFSC. Estou escrevendo este e-mail pois estou precisando de sua ajuda. Deixe-me explicar. No momento, passo por um processo avaliativo de promoção ao doutorado. É o que eles chamam no meu programa de upgrade. É a passagem do mestrado ao doutorado. Estou envolvido dos pés à cabeça com isso no momento. Caso isso venha a acontecer, e eu vá mesmo para o doutorado, o “preço” que pago por isso é não ter o título de mestre. Não sei se já sabes destas coisas, mas é só pra contextualizar. Bom, diante desse quadro, Alexandre e eu decidimos, por uma série de razões, tentar o mestrado em Educação Física aqui da UFSC, processo que ocorre nos próximos meses. Faria, assim, o mestrado concomitantemente ao doutorado. Gostaria de contar com sua ajuda nesse processo! Mas como? Deves estar perguntando... Bem, acontece que pretendo levar adiante algo que o senhor mesmo já iniciou: pensar a história do esporte na cidade de Vitória. Há várias razões para isso. Outra hora posso contar. É com esse tema que pretendo entrar no mestrado em Educação Física. Algo que há algum tempo me fascina. Pretendia fazer isso quando voltasse a Vitória, mas a oportunidade apareceu agora e estou tentando agarrá-la. O fato, neste momento, é que gostaria de saber da possibilidade de o senhor, em outros e-mails, me auxiliar nesse processo. Mas novamente como? Sanando algumas dúvidas a respeito das fontes com que vou lidar. Será que isso é possível? Não pretendo, de jeito nenhum, incomodá-lo. São pequenas dúvidas, algumas dicas sobre o material-fonte, onde encontrá-los, etc. Será que isso é possível, professor Ricardo? Como o e-mail já está grande, paro por aqui. De qualquer modo, esse meu interesse foi bom pois pude retomar o contato com o senhor. No mais era isso. Forte abraço. Felipe.

Segundo e-mail enviado ao professor Ricardo Lucena

Professor Ricardo, obrigado por suas palavras! Fiquei imensamente feliz com elas, bem como por saber que o senhor está disposto a me ajudar. Desde já, agradeço muito mesmo. Embora não tenha muito claro o tipo de recorte e tratamento que pretendo dar ao estudo, tenho algumas questões mais gerais. Por exemplo, por que o Rio de Janeiro e não Vitória? Essa decisão tem algo a ver com uma possível falta de fonte em Vitória? Onde encontrar o material que o senhor cita não só no seu livro, mas também naquele texto presente no “Pesquisa histórica na Educação Física”, volume 2? Refiro-me aos jornais “Vida capichaba”, “Revista chanaan”, “O cabralista”, mas também à menção que o senhor faz as páginas esportivas do jornal “Gazeta”, “A tribuna” e “A folha dos esportes”. Onde estão? Estão nas próprias emissoras, em seus arquivos? Estão no arquivo público estadual? Na biblioteca pública estadual? Na biblioteca pública municipal de Vitória Adelpho Poli Monjadin? Nos clubes de remo Álvares e Saldanha há alguma coisa? No início do século, logo após a fundação desses clubes, já há na imprensa o interesse pelos esportes? Bom, por enquanto era isso, professor. Não sei se tem pergunta demais, desculpe!

Antes de terminar, gostaria de saber como posso ter acesso ao material que o senhor que o senhor colocou à minha disposição. Eles estão em Vitória ainda? É fácil localizá-los? Ou, então, será que é o caso de eu tentar ter acesso a esse material diretamente pelo senhor?

Agora sim, forte abraço e bom final de semana. Felipe.

E-mail enviado à professora Fernanda Paiva

Oi, Fee, quanta saudade, hein! Espero que você e a turma de Manguinhos esteja toda bem! Tâmo sabendo que vocês, mais a galerinha do LESEF, vão para o sítio este feriado. VAI SER UMA FESTA. Daríamos tudo pra lá estar. A despeito desses momentos maravilhosos, escrevo pra pedir uma orientação de trabalho que talvez, não sei ao certo, tenha alguma relação com o trabalho de orientação da Karen Calegari. Na verdade, não sei ao certo o que vocês estão investigando, mas é fato de que trata de algo que me interessa neste momento. A capital, província, capitania ou sei lá mais o que, Vitória. Embora não saiba direito o que estão trabalhando, sei que Vitória (melhor, seus primórdios) é o que interessa a vocês. Se tiver enganado me corrija. Bom, mas o que tenho eu a ver com isso? Vamos lá. Não sei se Valter mencionou, mas, em função do upgrade, vou tentar o mestrado na Educação Física aqui

na UFSC. Outra hora conversamos melhor sobre isso. Estou neste momento trabalhando num projeto de pesquisa cuja intenção é pensar a história social do esporte nos primórdios da construção da cidade de Vitória (se tiver fôlego, talvez inclua Santa Catarina nessa história). A intenção é levar adiante o que o Ricardo iniciou, mas não concluiu. Na verdade, o trabalho de Ricardo e do Vitor Melo (e outros que se assemelham a eles) são meu ponto de partida para pensar os processos de uma determinada educação do corpo na cidade de Vitória na virada dos XIX para os XX, com especial atenção à prática dos esportes, em destaque para o remo, que, a partir da primeira década de XX, tornara-se uma prática importante em Vitória, especialmente em função da fundação do Álvares Cabral e do Saldanha da Gama. Meu interesse é sobretudo nas primeiras décadas do século XX. Os motivos para escolha de Vitória são muitos, desde o fato de morar nessa cidade (na verdade, é um antigo sonho da graduação) até o fato da escassez de trabalhos de história do esporte que tenha como cerne Vitória, algo sobejamente já realizado em relação ao Rio, SP e em menor grau nas Minas Gerais e no Rio Grande do Sul. Gostaria de saber se posso contar com sua ajuda. Neste momento, minha maior dificuldade diz respeito à literatura sobre Vitória, com destaque para os aspectos de sua saga enquanto província até sua formação urbana, sua modernização afinal. A senhora teria como, neste primeiro momento, me ajudar neste sentido? Sei lá, indicar alguns livros ou autores. Eu conheço alguns, mas acho que são insuficientes. Vou entrar em contato com Karen Calegari e procurar saber mais bem o que estão fazendo. Vou procurar Merinha também, pois acho que seu projeto de mestrado lá do Rio envolvia alguma coisa em relação à Vitória. Talvez possam me ajudar com bibliografia.

Bom, Fee, por enquanto era isso. Ficarei mega feliz se puder me ajudar com essas dicas. Quem sabe, aliás, não possamos iniciar um processo de trabalho conjunto a partir dessa questão; sei lá, só estou pensando alto! Isso é algo que o grupo daqui tem necessidade também de fazer. Há, desse modo, uma demanda a ser cumprida. Bom, fortíssimo beijo, abraço nas crianças, no Valter e no Ênio e na Deuslira. Divirtam-se por nós no sítio. Felipe.

Anexo III

O Magnífico Reitor da Universidade Federal do Espírito Santo, torna público que estarão abertas as inscrições para provimento de cargos de professor de 3º Grau do Quadro Permanente desta Universidade, conforme Portaria Normativa Interministerial nº 22/2007-MP/MEC, de 30/04/2007, alterada pela de nº 224/2007-MP/MEC, de 23/7/2007, publicadas no diário oficial da união de 02/05/2007 e 24/7/2007, respectivamente, e de acordo com o disposto na nota técnica nº 01/2007-DEDES/SESU/MEC, de 03/08/2007.

CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS					
DEPARTAMENTO DE GINÁSTICA					
Vaga	Classe	Regime trabalho	Área	Titulação exigida	
1	Adjunto	Dedicação Exclusiva	Educação Física: Subárea Conhecimento e Intervenção na Educação Física com ênfase em dança	Graduação ou Licenciatura em Educação Física ou Dança e Pós-graduação: Doutorado em Educação, Artes, outras da grande área da Saúde ou da grande área de Ciências Humanas	
1	Adjunto	Dedicação Exclusiva	Educação física: Conhecimentos e Intervenção na Educação Física	Graduação ou Licenciatura em Educação Física e Pós-graduação: Doutorado em Educação Física, Educação ou outras da grande área de Ciências Humanas	
1	Adjunto	Dedicação Exclusiva	Educação Física: Educação Física e Intervenção no Campo do Lazer	Graduação ou Licenciatura em Educação Física e Pós-graduação: Doutorado em Educação Física, Educação ou outras da grande área de Ciências Humanas	
1	Adjunto	Dedicação Exclusiva	Educação Física: Aspectos Filosóficos da Educação Física, Esportes e Lazer	Graduação ou Licenciatura em Educação Física e Pós-graduação: Doutorado em Educação Física, Educação ou outras da grande área de Ciências Humanas	
1	Assistente	20 h semanais	Educação Física: Manifestações da Cultura Popular: Conhecimento e Intervenção	Graduação ou Licenciatura em Educação Física ou Dança e Pós-graduação: Mestrado em Educação, Artes, outras da grande área da Saúde, ou da grande área de Ciências Humanas	
LOCAL DE INSCRIÇÃO: Departamento de Ginástica de segunda à sexta-feira das 08:00 as 12:00 horas e das 13:00 às 17:00 horas telefone: (27) 4009-2625					
DEPARTAMENTO DE DESPORTOS					
Vaga	Classe	Regime trabalho	Área	Titulação exigida	
1	Adjunto	Dedicação Exclusiva	Educação Física: Esportes Individuais: Pedagogia das Ginásticas Esportivas	Graduação em Educação Física e Pós-graduação: Doutorado	
1	Adjunto	Dedicação Exclusiva	Educação Física: Movimento Corporal Humano e Saúde Coletiva	Graduação em Educação Física e Pós-graduação: Doutorado nas grandes áreas de Ciências da Saúde ou Ciências Biológicas	
1	Assistente	Dedicação Exclusiva	Educação Física: Esportes Individuais: Pedagogia de Lutas Livres e das Artes Marciais	Graduação em Educação Física e Pós-graduação: Mestrado	
1	Assistente	20 h semanais	Educação Física: Metodologia da Pesquisa Quantitativa, Informatica e Estatística aplicadas à Educação Física.	Graduação em Educação Física, outras nas grandes áreas de Ciências da Saúde ou Ciências Exatas e Pós-Graduação: Mestrado em Educação Física, outras nas grandes áreas de Ciências da Saúde ou Ciências Exatas	
LOCAL DE INSCRIÇÃO: Departamento de Desportos de segunda à sexta-feira das 08:00 as 12:00 horas telefone: (27) 4009-2624					



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE GINÁSTICA
PROGRAMA DO CONCURSO PARA PROFESSOR ADJUNTO

ÁREA:

EDUCAÇÃO FÍSICA

SUBÁREA:

ASPECTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER

PROGRAMA

1. Fundamentos filosóficos relativos ao corpo e ao movimentar-se humano.
2. Educação Física, Lazer e Esporte: conhecimento e especificidade.
3. Educação Física e Epistemologia.
4. Tendências filosóficas na produção do conhecimento na área da Educação Física, Esporte e Lazer.
5. A contribuição da filosofia na formação do professor de Educação Física.

BIBLIOGRAFIA

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno CEDES**. v.19, n.48, pp. 69-88, 1999. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621999000100005&lng=en&nrm=iso>.

BRACHT, Valter. **Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 3. ed. Ijuí/RS: UNIJUÍ, 2007.

GHIRALDELLI JR, Paulo (Org.). **O que é filosofia da educação?** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GOMES-DA-SILVA, Eliane; SANT'AGOSTINO, Lúcia Helena Ferraz; BETTI, Mauro. Expressão corporal e linguagem na educação física: uma perspectiva semiótica. **Revista Makenzie de Educação Física e esporte**, v. 4, n. 4, p. 29-38, 2005.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Educação física na crise da modernidade**. Ijuí: Unijuí, 2001.

LIMA, Homero Luís Alves de. Pensamento epistemológico da educação física brasileira: uma análise crítica. In: Ferreira Neto, A. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física**. v. 4. Aracruz: FACHA, 1999, p. 117-138.

LOVISOLO, Hugo. Hegemonia e legitimidade nas ciências dos esportes. **Motus Corporis**, v.3, n. 2, p. 51-72, dez. 1996.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NOBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 27, p. 125-137, 2004. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000300009&lng=en&nrm=iso>.

MORAES, Maria Célia Marcondes de. O renovado conservadorismo da agenda pós-moderna. **Cadernos de pesquisa**. v. 34, n. 122, p. 337-357, 2004. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000200004&lng=en&nrm=iso>.

MORAES, Maria Célia Marcondes de. (Org.). **Iluminismo às avessas**: produção de conhecimentos e políticas de formação docente. São Paulo: DP& A, 2003.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia (Org.). Epistemologia, saberes e práticas da educação física. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.